



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA

NEIDE CORDEIRO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DO PRAZER: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE NOS
CANTOS E RECANTOS DE CAMPINA GRANDE-PB (1970-2010)**

CAMPINA GRANDE – PB

Agosto de 2012

NEIDE CORDEIRO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DO PRAZER: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE NOS
CANTOS E RECANTOS DE CAMPINA GRANDE- PB (1970-2010)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa 02: Cultura, Poder e Identidades.

CAMPINA GRANDE

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL DA UFCG**

048c Oliveira, Neide Cordeiro de.
Caminhos do prazer : um olhar sobre a sexualidade nos cantos e recantos de Campina Grande - PB (1970-2110) / Neide Cordeiro de Oliveira. - Campina Grande, 2012. 138 f.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2012. "Orientação : Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira". Referências.

1. Sexo - Costumes. 2. Motel. 3. Amor. 4. Corpo. 5. Prostituição. 6. Dissertação - História. I. Oliviera, Iranilson Buriti de. II. Universidade Federal de Campina Grande - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 392.6(043)

NEIDE CORDEIRO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DO PRAZER: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE NOS
CANTOS E RECANTOS DE CAMPINA GRANDE- PB (1970-2010)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa 02: Cultura, Poder e Identidades.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. PhD. Iranilson Buriti de Oliveira – PPGH / UFCG
(Orientador)

Prof^a. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento – PPGH/UFCG
(Examinadora)

Prof^a. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB
(Examinadora)

Prof^a. Dra. Marinalva Vilar de Lima – PPGH/UFCG
(Examinadora Suplente Interna)

Prof^a. Dra. Maria da Conceição Alves Rodrigues - UEPB
(Examinadora Suplente Externa)

CAMPINA GRANDE

2012

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassava. Qualquer que seja o que quer dizer "realidade. (Clarice Lispector).

AGRADECIMENTOS

Não há palavras suficientes para compor esta passagem dessa escrita. Nada que aqui eu venha a escrever será suficiente para expressar minha gratidão aos amigos queridos, profissionais e pessoas de minha família que colaboraram com essa etapa da minha vida.

Em primeiro lugar agradeço ao meu Deus todo poderoso que de mim jamais se afastou nem me permitiu fraquejar e Dele se afastar nesse mundo acadêmico que por vezes se mostra arrogante, desumanizado egoísta e hostil.

Gostaria muito de partilhar fisicamente esse momento com três pessoas que foram fundamentais durante minha existência e que já estão morando ao lado do Grande Pai: minha mãe Aliete, mulher forte, guerreira, de fibra, que me ensinou a não hesitar e a seguir em frente sustentando minhas verdades e me abrindo para mudar quando fosse preciso. Minha avó Maria que foi a pessoa mais generosa e humana que já conheci e meu avô Antonio que foi a fortaleza que sustentou com seus valores e sua firmeza toda uma geração de nossa família.

Ao meu pai, Elídio, pela força, incentivo e simplicidade, se orgulhando dos filhos pelas coisas mais simples que nossa extensa família pudesse conquistar.

Aos meus irmãos David, Durval, Divaldo, Dinarte e Dirceu pela existência, confiança e torcida e às minhas irmãs Núbia, Nilma e Nailma pelo apoio incondicional e incentivo para que eu seguisse sempre em frente.

Aos meus tios, tias e primas que foram grandes torcedores dessa conquista. Tantas orações e energias positivas foram direcionadas por eles a mim fazendo com que sempre me sentisse protegida.

Ao meu marido, Amaury, companheiro de quase duas décadas que foi um de meus maiores incentivadores. Desde o primeiro momento ele me fez acreditar que poderia alçar vôos mais altos e crescer enquanto profissional. Foi

ele capaz de entender o ostracismo a que muitas vezes foi submetido em nome dessa escrita.

A minha filha, Amanda, florzinha do meu coração que me renova a cada dia e me faz seguir sempre em busca do que de melhor eu possa lhe deixar de herança: uma formação humanista e consequente. A ela eu dedico meu texto.

Não há palavras que me façam expressar com toda a minha gratidão o apoio e incentivo dado pelo jovem Flávio Carreiro de Santana, coordenador do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (unidade de Campina Grande). Agradeço a ele o apoio, incentivo, orientações, dicas e a amizade sincera que construímos nessa caminhada acadêmica. Embora muito mais jovem do que eu, Flávio sempre foi um paizão no sentido do direcionamento e das orientações.

Aos colegas da turma do mestrado e, especialmente, minhas amigas Kelly, Cida, Auriane, Ivone e Karina que tantas vezes fizeram a diferença nos encontros e desencontros da vida acadêmica, partilhando possibilidades e se irmanando nas aflições. Conquistaram um lugar especial no meu coração.

Ao meu amigo Leonardo Bruno Farias eu devo toda a caminhada inicial nessa escrita. Léo me ajudou muito corrigindo o texto, dando grandes dicas, fazendo sugestões e críticas, muitas vezes contundentes sobre a minha escrita, dando boas puxadas de orelhas e dessa forma contribuindo para que eu melhorasse enquanto autora.

Ao PPGH, especialmente aos professores Roberval, Elizabeth (Bebete), Marinalva Vilar, Gervácio, Regina e Iranilson Buriti pela formação e as orientações dadas durante o cumprimento dos créditos das disciplinas. À Juciente Ricarte agradeço todo o incentivo e cuidado com os alunos do PPGH e o andamento do mestrado e dos eventos promovidos pelo Programa. Falando em professores, estendo minha gratidão a todos os professores que já passaram pela minha vida e, em especial, aos de história nas pessoas de Marinalva Palmeira e Conceição Rodrigues (Tanda), grandes contadoras de História.

Agradeço muito às professoras Marinalva Vilar, Silêde Leila, Patrícia Cristina Aragão e Regina Coeli pela participação na banca de qualificação e pelas sugestões preciosas que me fizeram. Mari me apresentou a História Social e a Cultural de maneira envolvente, interessante, Patrícia foi a primeira grande

incentivadora para que eu fosse concorrer ao mestrado e orientadora do texto da especialização, Silêde, um espelho para meus escritos e Regina foi a que de maneira cordial, fez grandes direcionamentos quanto à metodologia.

Ao queridíssimo orientador Iranilson Buriti que lançou luzes sobre essa escrita desde o momento em que eu, ainda candidata a uma vaga no Mestrado, já contava com suas valiosas dicas de leitura e orientações. Com seu jeito tranquilo, gentil, cordial, mas, firme, me fez ver as fragilidades de minha escrita sem que em nenhum momento nós tenhamos nos desentendido. Obrigada por tudo, Iran.

Aos excelentes e prestativos funcionários do PPGH Arnaldo e Felipe que sempre estiveram prontos para nos ajudar e orientar no que fosse preciso, inclusive, dando os alertas quanto aos prazos e cobranças do programa.

Por fim, não menos importantes, agradeço a todos os sujeitos que me concederam as entrevistas – profissionais do sexo, empresários, funcionários do motéis e frequentadores comuns - foram suas falas que nortearam nossas afirmações, leituras e releituras sobre a cidade de Campina Grande, pensada aqui como cidade do prazer.

Resumo

Este texto tem como temática a prostituição, dando visibilidade aos motéis de Campina Grande-PB sendo problematizados enquanto espaços plurais que são utilizados para as mais diversas práticas, ou seja, além de lugar consumido para encontros amorosos românticos de casais heterossexuais e homossexuais que os procuram para curtir o momento a dois de forma mais isolada e discreta, são também ocupados por grupos de mais de duas pessoas para relacionamentos líquidos e momentâneos, além de serem ainda consumidos enquanto lugar adequado ao consumo da prostituição feminina, masculina seja ela de preferência heterossexual ou homossexual. Como sugerem alguns relatos dos sujeitos entrevistados na pesquisa de campo os motéis campinenses são usados ainda para festas e comemorações diversas. A pesquisa apresenta como principal temática e problemática os seguintes questionamentos: como foi possível o aparecimento do espaço do motel? Que permanências e rupturas esse espaço apresenta quando comparado aos cabarés? Como é possível a convivência de cabarés e motéis de forma simultânea? Enquanto fonte para sua realização, a pesquisa esteve ancorada na história oral trabalhando com empresários e funcionários do ramo moteleiro, com um grupo de garotos e garotas de programa que freqüentam os motéis campinenses percebendo-os enquanto ambientes de trabalho e dialogamos ainda com outros frequentadores que vão consumi-los apenas para curtir os momentos que passam nesses ambientes com seus parceiros e parceiras em relacionamentos líquidos e fluidos ou como bem diz Bauman,(2007) 'relações de bolso e usa ainda como fonte de estudo algumas músicas que versam sobre o amor e o sexo que são temáticas que também são enredadas na presente dissertação.

Palavras-chave: Motel. Amor.Sexo. Corpo. Prostituição.

ABSTRACT

This text is themed motels of Campina Grande-PB problematized as being plural spaces that are used for many different practices, ie, beyond consumed place for romantic trysts of heterosexual and homosexual couples who seek to enjoy the moment two of the most isolated and discrete, are also occupied by groups of more than two people to fluid relationships and momentary, and are also consumed as a place suitable for consumption by the female prostitution, male preference be it heterosexual or homosexual. As some reports suggest the subjects interviewed in the field research campinenses motels are still used for various festivals and celebrations. The research presents the main themes and issues the following questions: how could the appearance of the motel room? What continuities and ruptures that space presents when compared to cabarets? How is it possible coexistence of cabarets and motels simultaneously? As a source for their achievement, the research was rooted in oral history working with entrepreneurs and officials moteleiro branch, with a group of boys and girls who attend the program motels campinenses noticing them while working environments and also dialogued with other patrons who will consume them just to enjoy the moments that pass these environments with its partners and partner relationships in liquids or fluids as well and says Bauman, (2007) 'relations pocket and uses as a source of further study some songs that talk about love and sex are themes that are also entangled in this dissertation.

Keywords: Love. Sex. Body. Motel. Prostitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tabela de preços das suítes do Shop Motel.....	58
Figura 2 - Cama da suíte sadomasoquista do Shop Motel.....	80
Figura 3 - Gráfico sobre a evolução da taxa de divórcios.....	95
Figura 4 - Detalhes da suíte Prova de Amor do Shop Motel.....	115
Figura 5 - Tabela de preços das suítes do Shop Motel.....	117
Figura 6 - Propaganda sobre cortesias do Shop Motel.....	120
Figura 7 - Gráfico sobre a evolução dos estados civis no Brasil.....	123
Figura 8 - Gráfico sobre a evolução dos estados conjugais no Brasil.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS

ART – Artigo

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

FACISA - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MES – Ministério da Educação e Saúde

MPB – Música Popular Brasileira

PB – Paraíba

PhD – "Philosophum Doctor", que corresponde ao título de "Doutor" no Brasil.

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

SP – São Paulo

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UVA – Universidade Vale do Acaraú

ATO I - INTRODUÇÃO	14
ATO II - NAS MARGENS	36
2.1 – CAMINHOS DO PRAZER: RUAS, CABARÉS, POUSADAS, ESTACIONAMENTOS E MOTÉIS.....	36
2.2 – EM CAMPINA GRANDE, PASSEANDO PELA CIDADE DO PRAZER..	37
2.3 – VAMOS ÀS COMPRAS? CONSUMINDO E SENDO CONSUMIDO NA RUA JOÃO PESSOA.....	40
ATO III – ABRINDO AS CORTINAS DO TEATRO, FECHANDO OS PORTÕES E PROTEGENDO OS ATORES EM CENA	54
3.1 – HISTORICIZANDO OS MOTÉIS.....	54
3.2 – FLUTUAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: QUEM É VOCÊ, MASCARADO?	63
3.3 – TRANSGREDINDO OS LIMITES, ROMPENDO AS FRONTEIRAS E SE ESCONDENDO/APRESENTANDO ENTRE ESPELHOS.....	70
3.4 – ESPACIALIZANDO E CARTOGRAFANDO O PRAZER A PARTIR DAS PRÁTICAS DOS CABARES E MOTÉIS.....	74
3.5 – A SUÍTE SADO: FABRICANDO O PRAZER A PARTIR DA DOR	79
ATO IV - EM BUSCA DOS DESEJOS – O AMOR, O CORPO, A VIGILÂNCIA E A SEXUALIDADE ENTRE QUATRO PAREDES ESPELHADAS	87
4.1 – EMBALADOS PELO DESEJO.....	88
4.2 – SOBRE O AMOR ROMÂNTICO, SEU REORDENAMENTO E ADEQUAÇÃO AOS NOVOS TEMPOS.....	94
4.3 – SOBRE O AMOR EM SUA FEIÇÃO ATUAL: LÍQUIDA.....	106
4.4 – COMO EM UM FOLHETIM: CENAS DE AMOR NO TERRITÓRIO DO OUTRO.....	111
4.5 – SCRIPTS FEMININOS NO TERRITÓRIO DO DESEJO.....	118
ATO V - CONSIDERAÇÕES	126

REFERÊNCIAS.....	132
-------------------------	------------

ATO I - INTRODUÇÃO

Gosto de pensar, sentir, entender e problematizar os espaços. Mesmo os percebendo de forma bastante abstrata, sempre gostei. Na minha infância, fui educada por minha família dentro de valores e práticas religiosas norteados pelo Cristianismo Católico e, já naquela época (década de 1970), eu era obrigada a acompanhar minha avó nas missas durante vários dias da semana e, nesse ínterim, já gostava de observar os espaços limítrofes entre o “pode” e o “não pode”. Lembro-me muito bem de que na Igreja Matriz de Soledade¹, minha cidade natal, havia determinados espaços da Igreja que eram vetados e/ou restritos nos quais éramos impedidos de circular. Eram exatamente os interditos que me aguçavam a curiosidade e despertavam a minha vontade de conhecê-los, frequentá-los, praticá-los.

Cresci sabendo que existem fronteiras, tanto geográficas, quanto de relacionamentos, ou mesmo de amizades, já que minha família não considerava adequado o meu relacionamento com determinadas pessoas e apontava os lugares que meninas “direitinhas”² (aquelas que viviam dentro dos valores morais apregoados pela Igreja Católica) não podiam frequentar. Não me acostumava com tais fronteiras nem cortava vínculos afetivos com minhas amigas por causa da má fama, dada sua prática de sexualidade antes do casamento, que estas, porventura, pudessem apresentar/ter/praticar. Gostava mesmo de ouvir as histórias que revelavam passos da intimidade delas com seus namorados, já que, o que era misterioso e pecaminoso para a maioria das famílias revelava-se sem nenhum tipo de sujeira, maldade ou culpa em nossas confidências, nossos “cochichos”.

O gosto que sempre tive pela leitura e, particularmente, pela história, bem como pela literatura, me libertou a imaginação, principalmente quando, já

¹ Soledade é uma cidade do interior da Paraíba, localizada na microrregião do Curimataú Ocidental, distante 165,5 km de João Pessoa, capital do estado.

² Consideravam-se corretas as meninas que viviam dentro de regras, valores que resguardavam a moral pública no que se refere à iniciação sexual antes do casamento. Era muito comum atrelar a conduta moral à vida sexual das meninas e considerava-se, na década de 1980, que não era de bom tom acompanhar-se de meninas que já tinham perdido sua virgindade, uma vez que esta era significada como a honra da mulher e também de toda a família.

“mocinha do ginásial”³, tive contato com um texto do escritor e poeta Ferreira Gullar. Essa experiência de leitura, que pretendia nos fazer sentir como sujeitos da história, ocorreu em uma aula de introdução aos estudos de História, na disciplina ministrada pela professora da época, Marinalva Palmeira⁴, que iniciava sua fala recitando-o:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz. (GULLAR,1976, p.)

O poeta me ajudou, assim, a “planar ainda mais e cada vez mais leve”. Pensar que a História estava em todo lugar e que todos participavam dela me fazia sentir atuante, por que não, fazedor dessa história também. Já naquela época, década de 1980, algumas amigas me achavam muito “sonhadora”, utópica, quando falava de História de uma maneira diferente daquela que aprendíamos nas aulas. Enfim, gostava de falar, de participar das discussões em sala, embora não visse muito sentido no que estudávamos, pois, tínhamos de dar conta de tantos presidentes, imperadores, guerras, datas comemorativas, etc.

Como a professora Marinalva era uma mulher “aberta” para discutir as temáticas mais variadas possíveis, indo desde o programa do livro didático até questões ligadas à sexualidade – tabu para muitos naquele momento; palavra quase impronunciável na maioria das casas de famílias –, e nos deixava fugir um pouco dos conteúdos ditados pelo currículo e/ou pelo livro didático, eu gostava de estar na escola. Achava muito intrigante o fato de que ela tinha tantas informações e nos transmitia de maneira fluida, leve, descontraída.

No fundo, eu queria, também, saber muita história. Queria, sobretudo, problematizar como aquele mesmo espaço – a sala de aula – sofria

³ Ensino da quinta a oitava séries. Atualmente, a denominação é Ensino Fundamental II, que compreende do sexto ao nono anos, obedecendo ao que determina a Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005.

⁴ Marinalva Palmeira é professora de História vinculada à Secretaria de Educação do estado da Paraíba.

modificações de um praticante a outro. Dependendo da forma como as disciplinas eram ministradas, a mesma sala se convertia num lugar onde ou o tempo passava voando, sem que o percebêssemos, ou se arrastava, dando a impressão de que cada minuto durava uma eternidade. Sendo assim, as aulas me deixavam sempre sentir que estava territorializada, desterritorializada e reterritorializada.

No Científico⁵, tive o prazer de me encontrar com outra professora – Maria da Conceição Rodrigues – que também ministrava a disciplina de História de maneira envolvente, apaixonante, dinâmica, características que me impeliam a buscar a matéria cada vez mais. Queria aprender mais, me aprofundar nos domínios de Clio. Enfim, fiz o vestibular para História na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e fui aprovada; iniciou-se, assim, minha trajetória acadêmica.

No começo da década de 1990, ainda tínhamos na UEPB um currículo que representava, em boa parte das disciplinas da graduação, ranços da perspectiva educacional herdada da ditadura militar. Isso pode ser percebido por causa da permanência, no nosso fluxograma, de uma das disciplinas contempladas no currículo imposto pela Ditadura Militar no Brasil, a EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros).

Inicialmente, me inquietou muito a configuração da licenciatura, visto que procurava um encantamento romântico de adolescente interiorana, e, até certo ponto, ingênua, que acreditava encontrar na universidade uma formação que me permitisse enveredar no estudo dos temas que mais me chamavam a atenção, ou seja, queria falar dos espaços e de tudo que podia ser realizado em seus interiores. Gostava de falar de sexualidade, de gênero, mas, não encontrava nas disciplinas um espaço que pudesse dar vazão as minhas inquietudes. Enfim, na perspectiva do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), foi montado, por parte da universidade, um tipo de cursinho pré-vestibular, e nós, concluintes, dávamos aulas para os professores orientadores e para alguns alunos do próprio curso e da comunidade externa.

Conclui minha graduação sem que, no entanto, tivesse colocado em prática, ou sequer tenha participado de muitas discussões em torno do que

⁵ O Científico correspondia ao primeiro, segundo e terceiro anos do atual Ensino Médio.

gostava de escrever, de problematizar – espaços, gênero, sexualidade. As conversas que ouvia nos corredores do CEDUC⁶ nem de longe se aproximavam do que eu gostaria de pesquisar, situação que me fazia sentir meio fora de foco.

Se a sexualidade era restrita tanto no discurso quanto na prática, dentro da vida privada, da forma mais discreta possível– embora haja quem se oponha à realidade que ora apresento, de uma marginalização dessa temática⁷–, meu objeto de pesquisa também era meio marginal, parecia que era um desafio aos padrões normais de produção acadêmica por parte de uma historiadora. Prova disso é o fato de que muitos colegas e professores me apontavam muito mais o caminho do curso de Serviço Social do que o de História. Sentia-me, assim, meio deslocada enquanto historiadora que gostava de falar e pesquisar sobre sexualidade e espaço. Hoje, transitando pela História Cultural, entendo bem as marcas no meu objeto de estudo, pois:

foi somente nos últimos trinta anos que a problemática amoroso-sexual passou a ser pensada numa perspectiva de análise política e social mais abrangente, como resposta às amplas mudanças sociais iniciadas nos anos 60, urdidas no movimento feminista, gay, lésbico e transgênero, que emergiram como significativas forças políticas e também como resposta à epidemia da AIDS. No mundo acadêmico, os(as) cientistas sociais que trabalham com a temática da sexualidade e do gênero são amiúde confrontados aos preconceitos de colegas, uma vez que a sexualidade é habitualmente percebida como pertencendo unicamente à esfera do privado e a hierarquia tradicional dos interesses do campo científico lhe coloca na margem de suas fronteiras. (VALE, 2006, p.8).

Enfim, os estudos em torno das temáticas anteriormente citadas, que me interessava ficou para mais tarde quando, num curso de Especialização em História do Brasil, também na UEPB, abriram-se as cortinas e discutimos temas relacionados a gênero, identidade, sexualidade, pós-modernidade. Lá, me encantei novamente com minha disciplina, meu curso e, sob a orientação da professora Dra Patrícia Cristina Aragão de Araújo, escrevi meu primeiro texto tratando da sexualidade, da família, de gênero e dos espaços restritos à

⁶ CEDUC – Centro de Educação que concentra os cursos de licenciatura em História, Geografia, Pedagogia e Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

⁷ Cavalcanti afirma em sua dissertação de mestrado que “talvez Foucault tenha razão ao afirmar que a sexualidade, menos do que uma repressão, irá sofrer, nos últimos três séculos, uma explosão discursiva, ocorrendo uma incitação institucional a falar de sexo... (CAVALVANTI, 2000. p.4).

prostituição e ao exercício das relações afetivas entre os pares. O objetivo inicial era problematizar o esmaecimento dos cabarés tradicionais da cidade, a partir da análise de materiais da oralidade, coletados quando fui a campo buscar respostas para minhas perguntas.

Realizei inúmeras entrevistas com garotos e garotas de programa e com cafetinas, sempre no intuito de tentar entender por que a prostituição patrocinada pelos cabarés, bem como os próprios ambientes declinavam a olhos vistos. Em minhas caminhadas pela cidade em busca dos entrevistados, esperava, em geral, que eles fossem falar de cabarés, porém, eles me apresentavam, em suas narrativas, os motéis. Essas narrativas me convidavam a compreendê-los, problematizá-los. Fui conhecê-los, senti-los.

Apaixonei-me por esses espaços e, por mais que procurasse aqueles garotos e garotas de programa naqueles ambientes, eu não os encontrava. Para cada espelho a que me dirigia, a imagem refletida era a minha e não a dos vendedores de prazer. Naquele cenário, pude sentir que os atores que o praticavam e ali atuavam o transformavam de acordo com seus próprios **scripts**, significando-o a cada instante, obedecendo, muitas vezes, aos impulsos e explosões de seus próprios corpos ou, inversamente, desobedecendo aos seus próprios valores que foram construídos e amalgamados pela cultura na qual estavam inseridos.

Cenário, cenas, atores, corpos sensivelmente acomodados ou incomodados num palco **privée**, devidamente preparado para que seus transeuntes lhes dêem sentido, razão de existir já que, como nos ensina Certeau (1994), os espaços são lugares praticados.

Sendo assim, pude perceber o quanto o quarto do motel é plural e ambivalente e como determinadas leituras estereotipadas podem comprometer a leitura das feições desse espaço, desse teatro com suas cenas e cenários e, como nos instrui Albuquerque Júnior, é preciso destacar que:

Os espaços são frutos das artes e das astúcias dos homens que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações entre homens e coisas no mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto, não apenas das explicações e compreensão racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008. p. 2).

Na pesquisa de campo, pude perceber que aquele espaço poderia ser e era/é praticado das mais diferentes formas e problematizado sob os mais diversos ângulos, já que o encaramos enquanto território significado e ressignificado das maneiras mais diversas, pelos mais variados praticantes com suas maneiras de fazer nas suas vidas que, nesses motéis, se pretendem “invisíveis”. Dessa forma, corroboramos com a escrita de Albuquerque Júnior quando este nos ensina a ver e a problematizar os espaços contemporâneos em suas diferenças pois,

Cabe ao historiador inventariar as diferenças, pensar, portanto, nossas diferenças espaciais, pensar como não apenas os cenários contemporâneos são distintos, mas, principalmente, como as cenas que os constituem e põem em prática, os fazem funcionar, são específicas, são singulares, em nosso tempo e em cada tempo que o antecedeu. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p. 4).

Assim nasceu a pesquisa, aqui relatada, sobre os espaços do prazer na Serra Campinense. Olhamos os traçados de Campina Grande⁸ caminhando pelos odores e sabores proporcionados pelos motéis, por entendermos que, para além das paredes desse espaço urbano, as sensações individuais e coletivas lhes dão todo o sentido de sua existência. Pois, segundo Rolnik (1992, p. 48),

O espaço urbano, no seu processo de transformação, é simultaneamente registro e agente histórico. Nesse sentido, deve-se destacar a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Espaços que, além de sua existência material, são também codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Dessa forma, este texto tem como objetivo refletir sobre os motéis enquanto espaços consumidos e praticados por homens e mulheres para suas atividades homoeróticas, homoafetivas e heteroafetivas. Essas atividades podem ser praticadas com diferentes finalidades, situações: em relacionamentos movidos por algum tipo de sentimento fluido ou não; na afetividade e nos laços estáveis construídos em relacionamentos duradouros;

⁸ Campina Grande é a maior cidade do interior da Paraíba.

por casais de *ficantes* e sem compromisso que deles se utilizam para a satisfação sexual rápida e momentânea; para a profissionalização do prazer sexual, através do sexo pago por casais heterossexuais e homossexuais, em suas diversas representações identitárias.

Para que nos façamos entender quanto a essas novas modalidades de relacionamentos afetivos, gostaríamos de destacar que a modalidade *ficantes* refere-se aos casais que se encontram eventualmente, namoram, às vezes transam, e depois cada um segue sua vida normalmente, podendo se reencontrar ou não, muitas vezes, sem nenhum tipo de compromisso ou mal estar. Essa modalidade de relacionamento aberto e sem compromisso pode ser entendido na perspectiva a seguir:

A definição do significado do *FICAR* foi unívoca no discurso dos adolescentes pesquisados e consiste em: “Um relacionamento de momento, sem compromisso, uma forma de ganhar experiência, curtir, brincar, se divertir, trair, passar o tempo, conhecer outras (novas) pessoas para beijar, abraçar, trocar “amassos”, carícias (inclusive íntimas, podendo até chegar ao ato sexual), onde o principal fator apontado para a aproximação seria a atração física (ou só por olhar)”. (DIÓGENES, 2007, p.18).

Essa fluidez e caráter volátil das novas relações afetivas contribuíram para que, em nosso estudo, o motel, seja discutido enquanto espaço facilitador dessas novas maneiras de amar e, sendo assim, o motel é problematizado também enquanto elemento representativo de certa pedagogia do espaço citadino, voltado para acomodar e resguardar a privacidade de seus transeuntes: garotos ou garotas de programa sejam estes homossexuais ou heterossexuais com seus respectivos clientes ou ainda qualquer outro tipo de ator que figure entre os que buscam esse espaço. Discutindo esse sentido pedagógico da cidade, Medeiros Neta (2011, p 14.) sustenta que

há uma pedagogia da cidade, uma vez que o *modus vivendi* da urbe é enredado por sociabilidades em instâncias diversas, constituindo a cidade como investida de uma orientação pedagógica e o habitante da urbe como formado em e por sociabilidades, havendo, assim, uma pedagogia da cidade.

O texto busca ainda discutir como esse espaço se insere na cidade atual, enquanto símbolo da contemporaneidade, na qual os discursos que

circulam socialmente garantem um espaço urbano que patrocina e acomoda relacionamentos múltiplos e múltiplos usos.

Na escrita desta dissertação, analisamos as artes de fazer dos praticantes do amor pago, com a venda dos corpos, o comércio do sexo, da prostituição realizada nos quartos de motéis, bem como do “amor líquido e gratuito” – expressão utilizada por Bauman (2004), em referência aos laços afetivos frágeis entre os humanos na atualidade – que é operado em tais ambientes.

Entre nossos objetivos nesse estudo buscamos problematizar as artes de fazer amor nos motéis de Campina Grande e, sobretudo, analisar os elementos que permitem a expansão desse tipo de lugar na cidade, visando, ainda, discutir esse ambiente enquanto espaço de amor, trama, paixão, desejo e rota de fuga para o amor gratuito e fluido. Ao problematizá-los para diversos usos, fizemos um recorte específico para trabalhá-los enquanto espaço também apropriado pelo homem ordinário para a prática da profissionalização do sexo.

A busca que nos inquietou em torno do estudo que tange à ocupação do espaço do motel foi alimentada ainda pela necessidade de problematizar as relações e os laços de sociabilidade que fluem nesse espaço de tramas, sigilo, movimento, “visando compreender o imperceptível e o indizível no seio do que constitui um quadro fixo, quando a compreensão perceptiva da cidade, feita num emaranhado de tempos sociais, é toda ela mobilidade.” (CORBIN, 1998, p. 108).

Analisamos, ainda, os comportamentos sexuais dos atores que usufruem do espaço do motel, procurando discuti-los em suas características particulares, uma vez que, curiosamente, casais de namorados, ficantes, casais heterossexuais casados, casais de homossexuais, bem como garotos e garotas de programa se realizam, ou não, com seus corpos libidinosos, perfumados, produzidos, ressignificados, usando os mesmos lençóis, mesmos espelhos, tantos prazeres, tantos amores, tantos odores. Por ser plural, o motel é palco onde os corpos de seus protagonistas também podem encenar e atuar

sem produção nenhuma, de forma arredia, fedorenta, violenta⁹, sem que isso possa ser notado por terceiros.

Ao tentarmos penetrar no fazer dos praticantes dos motéis, nos debruçamos em algumas narrativas que dão conta de como esses personagens significaram e ressignificam o espaço do motel a partir de suas estratégias e objetivos a serem alcançados quando de suas passadas por eles. Debruçamo-nos, também, em suas memórias de recortes de suas vidas privadas, as quais nos fizeram encetar leituras das sensibilidades presentes em suas posturas, tal como nos ensina Pesavento:

Em suma, as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos. Pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas voltar-se para o estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas suas nuances e formas de exteriorizar-se – ou esconder – os sentimentos. (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Embora seja um espaço rotativo e praticado por personagens variados, dos mais “largados” aos mais “produzidos”, é pertinente destacarmos que muitos desses atores sociais ocupam os motéis acreditando na promessa de que estes estejam higienizados, ou seja, limpos, tanto por parte das lavanderias, quanto das DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis como, por exemplo, a AIDS).

Durante a pesquisa de campo, pudemos constatar que o interior do Shop Motel¹⁰ é arquitetado nos moldes de um ambiente higienizado, medicalizado, tal como um hospital. Qualquer indivíduo que adentre ao interior do citado estabelecimento sem considerar que transita num espaço pensado para encontros amorosos/sexuais e que pudesse ir diretamente para o seu interior (isso não é possível uma vez que o acesso à área administrativa passa necessariamente pela entrada principal), teria certa dificuldade de identificar o que está no lado externo dos corredores revestidos por uma espécie de

⁹ Em entrevista realizada com uma das proprietárias do Shop Motel, Atena revelou em sua narrativa que uma das suítes mais procuradas em tal estabelecimento é a sadomasoquista. Isso nos chama muito atenção, pois essa preferência não foi mencionada pelos praticantes frequentadores do citado motel.

¹⁰ O Shop Motel é o único ambiente desse ramo na cidade de Campina Grande que fora construído dentro desse padrão arquitetônico.

cerâmica ou azulejos brancos, com extintores de incêndio afixados em vários locais e funcionários devidamente protegidos com luvas e toucas higiênicas.

Em entrevista que nos foi concedida, Atena (2012), uma das sócias do Shop Motel relatou que

Há uma fiscalização constante por parte da Vigilância Sanitária e que devido a essa fiscalização a gerência do motel se encarregou de adequar o estabelecimento aos padrões de higiene e qualidade exigidos para fugir das multas que lhes trazem prejuízos financeiros.

Aprofundamos nossas investigações no tocante às transformações culturais, morais, urbanas e aos discursos no campo da medicalização e da violência urbana, para que possamos compreender se estas transformações interferem e tendenciam na escolha dos frequentadores, praticantes e consumidores do prazer sexual por espaços mais discretos e restritos.

Como referências conceituais para a realização deste trabalho, tomamos os pressupostos teóricos de Certeau (1994), do qual, particularmente, lançamos mão do conceito de “espaço praticado”, bem como nos apropriamos do conceito de fluidez de Bauman (2001; 2004; 2009) e, por fim, trabalhamos com o conceito de identificação de Stuart Hall (2009).

Salientamos que o motel, até nossa pesquisa, não fora contemplado enquanto objeto de estudo por parte de historiadores¹¹ e, sendo assim, pretendemos dar uma contribuição para a produção historiográfica local, quebrando esse silêncio. Salientamos, ainda, que o ineditismo da exploração desse objeto de estudo contou com algumas dificuldades na execução da pesquisa e, por isso, algumas considerações tecidas no presente texto podem posteriormente sofrer alterações, uma vez que esta peça teatral provavelmente será encenada em futuras temporadas.

Nesse sentido, nos apropriamos do pensamento de Nora, 2008 (apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p.4), quando sustenta que “Ao investigar os espaços e os lugares os historiadores estariam em busca não daquilo que de perene temos no mundo, daquilo que é sempre o mesmo, mas, daquilo que nos difere, nos faz ser diferente do passado”.

¹¹ Todos os trabalhos que encontrei versando sobre essa temática na fase da revisão bibliográfica estavam ligados aos ramos da engenharia, arquitetura, turismo e marketing.

Malgrado o ineditismo do nosso objeto de estudo, ressaltamos que este trabalho não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de estudo sobre os motéis, tendo em vista que, como este ainda não fora problematizado por historiadores, não apenas em Campina Grande, mas em todo o Nordeste, determinadas abordagens e temáticas não contempladas nessa escrita representam possibilidades ricas de continuidade de exploração desse objeto de investigação.

Tal estudo se fez imprescindível uma vez que possivelmente apresentará novas leituras sobre a cidade local, seus espaços e lugares praticados. Além disso, romperá o silêncio que existe por parte da produção historiográfica paraibana que, embora tenha, nos últimos anos, caminhado, focalizado para as temáticas ligadas à História Cultural e à História Social, com problematizações em torno dos mais diferentes objetos de estudo e usos de fontes, não promoveu, até o momento, um despertar para a problematização da ocupação com as práticas dos corpos que transitam por alguns dos espaços da cidade, dentre eles, o motel.

Particularmente, este estudo está contemplando nossa curiosidade e interesse peculiar pelas questões inerentes às práticas da sexualidade do campinense, visto que ainda hoje percebemos a permanência de determinadas convenções e de discursos que ainda circulam rotulando os comportamentos dos indivíduos e sua conduta moral, de acordo com os espaços e lugares por eles praticados, frequentados.

Nosso texto dialoga e vincula-se com a linha de pesquisa Cultura, Poder e Identidades, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, por tratar-se de uma pesquisa que tenta problematizar as nuances da identidade e da sexualidade dos frequentadores de espaços reservados para a satisfação do prazer carnal, expondo e exercendo sua sexualidade com seus corpos, que são moldados culturalmente, “são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 1999, p.14).

Trabalhamos com a memória dos praticantes dos motéis a partir da ideia de que esta, embora não possa ser a história propriamente dita, nos ajuda a contar essa história, já que “a memória não é história, mas fica sendo a reprodução de suas sombras e o trabalho de representá-las, longe do seu

momento cronológico” (REZENDE, 2006, p.41). Nessa opção por privilegiar a memória dos interlocutores com suas histórias amorosas, convertendo passagens de suas histórias de vida em fragmentos ressignificados, para produzirmos uma história a se contar, realçamos o fato de que isso foi feito porque corroboramos com a escrita de Albuquerque Júnior (2007), em seu diálogo entre memória e História, quando afirma que

Na memória *fica o que significa*, na História se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que, com seus conceitos, atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que esta sempre em busca de um novo sol para orientá-la. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 207).

A escassez de documentos históricos que nos permitissem escrever essa peça nos encaminhou para a oralidade com a provocação de fontes que nos permitissem problematizar e entender o espaço do motel a partir de seus praticantes e de suas histórias de vida, emoções, prazer, traição, amor e dor. Faz-se necessário pontuarmos ainda que adentramos no campo das sensibilidades, pois:

A história das sensibilidades interessa-se pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas. Ela escava destinos, exuma afetos, mas sempre para reinseri-los em conjuntos significativos mais vastos, grupos, clãs, facções, classes, conjuntos, que eles iluminavam a seu modo, restituindo-lhes uma complexidade quase sempre escamoteada ou negada. A história das sensibilidades rejuvenesce a história do político, fustiga a história das imagens trazendo para o primeiro plano os mecanismos de percepção e da absorção, agita a história das artes, explorando a percepção de estilos, das modas, perseguindo a menor inflexão dos gostos. (GRUZINSKI, 2007, p. 08).

Leitores e expectadores dessa escrita, antes de abrirem as cortinas do teatro mágico que é essa leitura sobre os motéis de Campina Grande, seus praticantes e os modelos de relacionamentos, devemos alertá-los para o que cada momento deste ato irá oferecer. Devemos alertá-los, também, quanto aos temas e aspectos que poderiam ter sido contemplados, mas que não o foram por não serem objetos do estudo atual, representando, no entanto, possibilidades de estudos para a próxima temporada e permitiram e permitem

que estes tenham aparecido e que inovem a cada dia no que se refere ao quesito do que disponibilizam e oferecem a seus consumidores – caso das suítes temáticas do Shop Motel¹², das promoções, “pacotes”, anunciados pela internet para aniversariantes, bem como no investimento na gastronomia que se apresenta enquanto um diferencial para a recolhida e exigente parcela da clientela deste estabelecimento. Segundo Atena (2011), discutindo sobre essa questão:

Isso, é porque no caso, que a gente no caso pensou no caso, aniversariantes do dia ou então quem tá fazendo aniversário de casamento, a gente tem jantar a dois que basta trazer a identidade ou então a cópia ou a certidão de casamento comprovando que hoje realmente vai ser o aniversário e a gente libera o jantar prá eles, tá entendendo? Qualquer prato do cardápio e... assim... é uma fatia, querendo ou não que vem, que vai sempre agregar a gente, né? No caso, no final das contas é uma coisa que sempre agrega, então quer dizer, a alimentação hoje é vista de forma diferente, pelo menos aqui na nossa empresa, tanto que de tempos em tempo...hoje...foi o ano passado...quase todo ano agente modifica o cardápio e não são pessoas leigas que vem reformular, são pessoas, no caso, chefes de cozinha, tá entendendo? acostumado a preparar cardápios prá motéis tudinho que vem, damos treinamento ao nosso pessoal tanto na parte de manipulação do alimento como na parte de montagem do prato, de tudo, fazem, a gente co que...nós fazemos com que eles provem o que estão fazendo prá eles saber como é que deve sair, tiramos fotos é anexado lá tudinho prá eles verem que é que tem que ter aquele padrão pra ir pra o nosso cliente.

A pretensão dessa escrita não é a de ser uma história das minorias, embora também o seja em alguns de seus aspectos, nem uma história dos despossuídos, ainda que aqui estes por entre as paredes das suítes moteleiras também encenem, atuem, pratiquem seus espaços. Não é uma história de mulheres ou de homens, embora sem a presença destes, ela não faça muito sentido. É, pois, uma história de um espaço praticado por várias personagens – homossexuais, heterossexuais, pansexuais, brancos, negros, mulatos, pobres, ricos, profissionais do sexo de opções sexuais diversas, homens e mulheres casados com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo – que transitam nesse espaço, seja acompanhadas de seus cônjuges, seja com outrem. É uma história dos modelos de relacionamentos fluidos, voláteis, passageiros, que se

¹² O Shop Motel conta com vinte e duas suítes temáticas que fazem apelo aos mais variados gostos e fetiches sexuais. São rotuladas como: Afrodite, Amor matuto, Amor sobre rodas, Árabe, Baila comigo, Black White, Indiana, Amor selvagem, Egípcia, Pit stop, Fashion, Indiana 2, Lua de mel, Luxo, Máster, Medieval, oriental, Pole dance, Prova de amor, Rosa púrpura, Sado e Sedução. Disponível em: www.shopmotel.com.br. Consulta realizada em 14/12/2011.

insinuam na atualidade e que, por assim fazê-lo, permitiram uma mudança de olhar sobre os espaços do sexo e de seus praticantes, deram vida ao objeto maior de nossa peça teatral – o motel.

A nossa proposta é a de uma leitura sobre esse espaço, que é simultaneamente fronteira e sem fronteiras, quase sem impedimentos, ou muito restrito em seus limites, nem quer sê-lo. Esse cenário não pretende distinguir, discriminar, nem escolhe seus atores, figurinos, tramas, protagonistas ou coadjuvantes. Eles é quem o escolhem, frequentam, vão e voltam, ou, dependendo do *script* e dos personagens, não voltam nem repetem as cenas. Reelaboram, assim, o roteiro, permitindo, no mesmo espaço, novas histórias, outros amores, furtivas cores, para passageiros sabores, ou até mesmo por uma simples curiosidade – pelo tanto ouvir falar/dizer, a curiosidade é aguçada e acaba levando muitos turistas ao motel os quais, depois de “matada sua vontade”, voltam para casa e acrescentam mais uma de suas histórias secretas, que provavelmente nunca serão contadas espontaneamente.

No vai e vem dos atores nos motéis, restavam apenas, para estes, na maioria dos casos, as lembranças dos momentos neles passados e das traquinagens sexuais experimentadas ou, no máximo, das conversas contadas por homens e mulheres aos seus amigos e amigas. Sendo assim, não fica, para a história, o registro desse comportamento, enquanto testemunho de mudanças nas artes de fazer do corpo, do sexo, principalmente na década de 1970, período no qual foram abertos os primeiros casulos propícios para receber os atores de uma peça teatral, que é recuperada pela história, sobretudo, a das sensibilidades, pois

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio. (PESAVENTO, 2007, p. 09).

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos que denominamos de Atos. No primeiro momento do texto, intitulado de Ato I, tem-se a introdução, que se encarrega de apresentar o percurso metodológico da dissertação, desde a sua ideia original, primeiras linhas, cenas, cenários e personagens até

a passagem de uma discussão sobre os cabarés até a viragem para problematizar os motéis. Cabe destacarmos que, nesse momento inicial, a escrita está materializada na primeira pessoa do singular, mas, a partir dos demais atos, o faremos na terceira pessoa.

No segundo Ato, intitulado “Nas margens: Caminhos do prazer: ruas, cabarés, bares, pousadas, estacionamentos e motéis”, apresentamos **a geografia do prazer e do desejo pelos cantos e recantos de Campina Grande**, dando visibilidade à paisagem por onde a cidade, com suas ruas, bairros, pousadas, estacionamentos, se oferece como cenário do prazer. Abordamos, também, os espaços urbanos ocupados por cabarés e motéis, com o objetivo de problematizar e identificar as zonas típicas do exercício da profissionalização do sexo e as que, além dessa prática, são palcos de atores que não os ocupam para a compra e venda do prazer sexual, o fazem apenas como “parceiros das delícias.”¹³

No terceiro ato, discutimos a passagem de um corpo de sensibilidade tradicional a um corpo de sensibilidades modernas e pós-modernas, ou seja, aqueles corpos sempre disponíveis nos cabarés tradicionais e os corpos que transitam e circulam pelos motéis, em um movimento dinâmico e flutuante de homens e mulheres heterossexuais, gays, lésbicas, pansexuais¹⁴ transgêneros e outras identidades sexuais, sejam elas homoafetivas, sejam heteroafetivas e relacionais, sejam elas sólidas, líquidas, ou mercantilizadas, para as quais são adequados e permitidos a circulação e o uso do espaço do motel.

Ainda no terceiro ato apresentamos uma nova geografia dos sentimentos e dos prazeres. Debruçamo-nos sobre os encantos e as possibilidades oferecidas aos praticantes dos motéis, a exemplo de uma verdadeira maquinaria do sexo a partir da decoração do ambiente, bem como da presença de vídeos, equipamentos e objetos erotizados. Refletimos, também, sobre os códigos da sexualidade dos campinenses, buscando perceber a atmosfera que tornou possível a emergência desses lugares. Apresentamos, ainda, uma leitura do espaço do quarto de motel, enquanto

¹³ Amor. Geraldo Azevedo. Disponível em: <http://letras.mus.br/geraldo-azevedo/391608/> Consulta realizada em 21/12/2011.

¹⁴ Pansexuais são indivíduos com orientação sexual ilimitada, que sentem desejo e se realizam sexualmente com pessoas, animais, objetos e etc. Existem relatos que dão conta de um indivíduo que frequentava o Motel Bel Recanto para transar com galinhas e as pistas deixadas por ele eram exatamente as penas espalhadas pelo quarto ocupado pelo consumidor.

cenário que acomoda os mais diversos personagens que o ocupam para o sexo pago e, também, para o “amor líquido”.

No quarto Ato (capítulo), que intitulamos “**Em busca dos desejos – o amor, o corpo, a vigilância e a sexualidade entre quatro paredes espelhadas**”, dissertamos sobre as mudanças operacionalizadas nos discursos acerca da sexualidade e do amor. Abrimos um espaço especial para problematizar o corpo e o desejo, destacando desde a autoprodução desse corpo que se apresenta, representa, se perfuma, se enfeita até o corpo que por estes locais transita apenas para satisfazer o cliente que paga pela relação sem necessariamente ter um rosto, uma importância maior, uma ligação. Corpo esse que se camufla, se produz e que vai transitar nos espaços do desejo, da felicidade e do prazer. Para Louro (1999, p. 15), “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ do corpo”.

Por fim, nesse ato, problematizamos o amor que foi ressignificado nas últimas décadas e encenamos os amores e os modelos de relacionamentos que vão do “até que a morte os separe” para o “eterno enquanto dure” do amor líquido, fluido, protagonizado por muitos casais na atualidade.

Por fim, no quinto Ato, tecemos as considerações finais, apresentando os pontos de chegada de nosso estudo.

O enredo de nossa escrita foi respaldado num *corpus* documental focado, sobretudo, na oralidade. Dada a escassez de outras fontes, foi necessário provocar e fabricá-las para que, uma vez construídas e produzidas, pudéssemos dizer o interior do motel a partir do que nos foi apresentado, retirado das entranhas e das memórias dos nossos interlocutores. Com vistas a justificar a opção principal pela oralidade, nos aportamos ao pensamento de Alberti (2005, p.29), quando esta nos afirma que

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que se pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação.

Nesse processo de fabricação das fontes a partir das narrativas dos praticantes, nos encontramos, por vezes, com o grande mentiroso¹⁵, ou seja, inúmeras narrativas estavam carregadas de intencionalidades e passagens que misturavam ficção e “realidade”. Isso também nos permitiu interpretar alguns desejos escondidos de alguns dos praticantes dos motéis campinenses.

O contato com os sujeitos da pesquisa foi pensado a partir de uma apresentação dos questionamentos que seriam feitos em uma entrevista semi-estruturada, que balizaria nossa conversa. Dialogando sobre esse método de pesquisa, Alberti (2005, p.37-38) afirma que existem dois caminhos a seguir a partir das entrevistas, a saber: Entrevistas Temáticas e Entrevistas de História de Vida. Segundo essa autora,

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou.

Utilizamos em nossa pesquisa a Entrevista Temática enquanto ponto de partida para buscar respostas às nossas inquietações, porém, naturalmente, e de forma espontânea, as respostas dadas por nossos interlocutores se desviaram das perguntas iniciais e enveredaram para as suas histórias de vida.

Ao longo do texto, apresentamos algumas fotografias que também aparecem como fonte, pois consideramos que pensar a fotografia como fonte é percebê-la como um documento, resultado de um olhar intencionado, selecionado, recortado pelo fotógrafo. Assim, o historiador deve questionar as fotografias, levando em consideração que a foto não traz consigo a verdade, mas ela é uma fonte que, como qualquer outra, deve ser questionada. Para Mattos (2011, p. 22),

As fotografias também são lugares de lembrança das experiências de outros, que permanecem “vivas” no referente fotográfico, possibilitando não só uma leitura rememorativa de fatos e ações dos

¹⁵ Fazemos aqui uma menção ao fato de que, por vezes, as informações fornecidas por alguns informantes não eram confirmadas em outras narrativas dos interlocutores ou em qualquer outra fonte de nossa pesquisa, tal como em: AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **História** n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p. 125 – 136.

sujeitos históricos em seu tempo, mas também, através do olhar investigativo e interpretativo no presente, delinear as lembranças que se fazem comuns.

Há, ainda, em dada passagem do texto, uma manchete de jornal que foi explorada apenas para que o leitor pudesse perceber que a privacidade do casal ou dos diversos praticantes dos motéis, geralmente, só é rompida em casos extremos. O exemplo, no caso, é o do assassinato de uma consumidora, que ocupara com o amante uma suíte do Shop Motel. Por estarem drogados, perderam os sentidos e excederam o tempo. Não estabeleceram nenhum tipo de contato telefônico para solicitar alimentos. Por isso, tiveram a suíte invadida pela administração do estabelecimento.

Para ilustrar o quão reduzido é o acervo de fontes ligadas ao motel, destacamos a discreta propaganda veiculada na TV aberta e nas emissoras de rádio da cidade, sempre depois das 21:00hs. Há, no entanto, na rede mundial de computadores, propagandas reduzidas, nas quais são divulgados, basicamente, endereço, telefone e mapas, que ajudam o cliente a chegar à maioria desses destinos. No caso específico do Shop Motel, esse estabelecimento possui um sítio que hospeda seus atrativos, seus produtos e as formas de pagamento e, participa ainda das redes sociais com perfil no orkut¹⁶ e no facebook¹⁷. A pesquisa de campo indicou ainda uma propaganda itinerante realizada durante os eventos que ocorrem na cidade como a Vaquejada do Parque Ivandro Cunha Lima, conforme nos informou Atena (2012):

¹⁶ Orkut é “uma rede social direcionada a relacionamentos. Nasceu no ano 2004, publicado pelo Google. Seu nome é idealizado em seu projetista chefe da google “Orkut Büyükkokten” de origem Turca. Büyükkokten desenvolveu um projeto independente enquanto estudava na Universidade de Stanford e mais tarde enquanto trabalhava na Google”. Ver. <http://www.leiturageral.com/www-orkut-com-redes-sociais-orkut-origem-historia-concorrentes-orkutcut-ranking-dos-usuarios-jogos-orkut-login-como-fazer-um-orkut-d>

¹⁷ Facebook “é uma rede social criada, em 2004, por Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard, contando com o apoio de Andrew McCollum e Eduardo Saverin. Podemos classificá-la com uma ferramenta de gestão de conhecimento”. Disponível em: <http://www.leiturageral.com/www-facebook-com-historia-origem-fundador-do-facebook-maior-rede-social-mark-zuckerberg-sucesso-internet-concorrentes-ranking-facebook-login/> . Acesso em novembro de 2011.

No caso, a propaganda que a gente faz, nesse caso, nesse fim de semana que teve a vaquejada, a gente tem o trabalho que a gente faz com Felipe Gaudêncio, no portal, aí no caso a gente distribuiu cupom com desconto de 10% e colocamos alguns, no caso, alguns rapazes e moças com camisa do Shop Motel distribuindo o desconto e a camisinha, camisinha de graça com uma parceria com o portal Felipe Gaudêncio, entenderam? Então realmente vamos assim esperar, o retorno disso aí, né? porque tudo é muito lento, as vezes não dá prá vir no final de semana, mas, no outro final de semana já começa a chegar, você tá entendendo? E assim vai.

Utilizamos, ainda, algumas letras de músicas, por considerarmos que estas se também apresentam como provas da memória de alguns momentos históricos e também por percebê-las enquanto testemunhos de certa maneira de demonstrar as maneiras de amar e dizer o amor e, nesse sentido, corroboramos com (Napolitano, 2002, p.77), quando este afirma que:

A canção ocupa um lugar especial na produção cultural em seus diversos matizes, ela tem o termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo das nossas sensibilidades coletivas mais profundas.

Ao dizer o amor, o sexo, o corpo e o motel, as canções se apresentam enquanto trilhas sonoras de nossa peça teatral. Para Amado (1999, p.124),

São as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias... Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram.

Endossando ainda mais nossa opção por incluir uma trilha sonora que refletisse a escrita nos aportamos ao pensamento de Moraes (2000) quando este ao fazer o diálogo com a música enquanto fonte o faz sustentando que é possível entender as sociedades a partir da música já que:

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer, ainda que ligeiramente, as particularidades objetivas e materiais dos sons produzidos e sua propagação, e como eles foram e são (re)elaborados pela sociedade humana, de diferentes modos, em forma de música. Os sons são objetos materiais especiais, produtos da ressonância e vibração de

corpos concretos na atmosfera e que assumem diversas características. Trata-se de objetos reais, porém invisíveis e impalpáveis, carregados de características subjetivas, e é assim que proporcionam as mais variadas relações simbólicas entre eles e as sociedades. Provavelmente por isso, torna-se difícil analisar suas relações com o conjunto social, pois, na maioria das vezes, elas estão expostas mediante a linguagem própria dos sons e dos ritmos. E, no entanto, quase sempre é possível verificar seus vínculos profundamente reais e próximos com as relações humanas individuais e coletivas. Se assim não fosse, não se poderia explicar as relações místicas e rituais, por exemplo, das sociedades primitivas com a música, ou então, sua presença constante nas mais variadas religiões, os cantos que embalavam os trabalhos rurais (como aqueles que deram origem ao *blues* norte-americanos) e assim por diante.

Por fim, recorremos ao cinema, ainda que de maneira discreta, para aproveitarmos o caráter verossímil que a telona consegue apresentar em termos de comportamentos, cenários e eventos. Assim, no Exterminador do Futuro I, consideramos a passagem rápida do casal protagonista da trama que, ao pernoitar num motel, aproveitou para realizar a única relação sexual da história.

A cena de despedida em Las Vegas, a que nos aportamos, nos permitiu pensar na ruptura dos limites e valores morais que provocam prazer em determinados sujeitos sociais, que fogem, às vezes, do sexo convencional e saboreiam *scripts* diferentes – no caso do filme, a penetração anal que o protagonista realiza na prostituta. No caso do Shop Motel, a dor que dá prazer no ambiente da suíte sadomazoquista nos permite apresentar a violência enquanto elemento atrativo do motel – a busca de um prazer que é gerado pelo sofrimento. Trata-se de um sofrimento físico, que faz transbordar de prazer o corpo e a mente dos adeptos que buscam gemer de prazer, sentindo dor. Burlam nesta suíte, regras morais que os próprios atores seguem fora dali, com outras posturas assumidas às claras, no cara a cara, entre os casados entrevistados, na volta ao lar, pois,

no rosto do outro, o olhar encontra uma moral a preservar, uma intimidade a respeitar. O opróbrio é a sanção imposta àquele que menospreza a regra e altera as feições alheias sem vergonha (Le Breton, 2009. p. 216).

Cada sujeito representa o espaço do motel de acordo com seu lugar social de pertencimento e com as razões que o levaram a praticar tal cenário. Assim, apresentamos agora o nosso elenco: ele é formado por estudantes, professores, garotas de programa, *michés*, empresários, gays, heterossexuais, casais de amantes, ficantes e casais casados. Cada um deles, à sua maneira, aproveita o ambiente do motel, que obedece a uma pedagogia dos espaços do prazer, dos desejos e desejanter.

Nosso texto, em seu conjunto, apresenta um traçado, um itinerário do prazer em Campina Grande. Ao transitar pelas ruas, pousadas, bares, cabarés e motéis, percebemos uma remodelação da cartografia da cidade que atende aos imperativos dos desejos e do prazer.

Particularmente, elegemos como principal espaço de nossa pesquisa os motéis, por entendê-los como emblema da Campina Grande moderna e cosmopolita, já que seus motéis recebem gente da cidade, da vizinhança, bem como todo e qualquer indivíduo que esteja cortando esse Brasilzão de fora a fora. Tratamos do motel também como espaço que, ao mesmo tempo que disciplina, naturaliza o sexo pago e o sexo pelo sexo, pelo prazer saboreado tanto por homens quanto por mulheres pagantes e pagáveis, promovendo a universalidade do prazer gerado pelo sexo e da sexualidade pensada de uma maneira não apenas procriativa.

Ainda que o nosso cenário principal seja o espaço do motel, nós trouxemos também para essa cartografia do prazer, o cabaré, por considerar que, dada a sua versatilidade e ambivalência, o motel permite, a partir da presença de profissionais do sexo, que nós o tivéssemos lido enquanto lócus que continua alimentando a prostituição, desta feita, itinerante. Ou seja, embora seja símbolo da pós-modernidade, guarda algumas permanências, continuidades em relação aos relacionamentos que eram e ainda são construídos nos cabarés. Sendo assim, entendemos que, trazendo de volta os cabarés, historicizamos os motéis.

As pesquisas envolvendo seres humanos devem necessariamente trazer consigo um cuidado e uma postura ética¹⁸ por parte dos pesquisadores que, ao

¹⁸ Esta pesquisa está registrada no CONEP – Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Ministério da Saúde, na Plataforma Brasil, com o número de CAAE nº 04901112.3.0000.5182.

manipulem informações do cotidiano e da intimidade dos participantes e ao incluí-las num texto acadêmico visibilizado por qualquer sujeito que por ele se interesse, expõem os interlocutores. No nosso caso, o trabalho com detalhes da intimidade dos entrevistados nos fez optar por usar pseudônimos, em vez de identificar os colaboradores. Guardamos os nomes dos atores em cena, porém, mantivemos os cenários e as cenas descritas.

ATO II - NAS MARGENS¹⁹

2.1 - CAMINHOS DO PRAZER: RUAS, CABARÉS, BARES, POUSADAS, ESTACIONAMENTOS E MOTÉIS...

As descrições orais de lugares, narrados de um apartamento, relatos de rua, representam um primeiro e imenso corpus. (CERTEAU, 1994, p. 203).

Apropriamo-nos da epígrafe acima, que apresenta a leitura de Certeau sobre descrições orais de lugares percebidos como um corpus, porque essa afirmativa nos instiga a cartografar os lugares de venda de sexo e do amor gratuito, permitindo adentrarmos, a partir desse momento, à geografia que nos conduzirá a esses espaços citados.

Agora, faz-se importante destacar que, para além de nossa vontade em montar um roteiro ou um guia dos cabarés ou motéis – já que nós os entendemos dentro da perspectiva certeuniana de espaço praticado e, como tal –, estamos interessados muito mais nos corpos que desenham com suas práticas libidinosas seus traçados, neles transitam, circulam com suas motivações, sensibilidades, seus perfumes, sua energia, suas táticas e

¹⁹ O título em destaque foi pensado para abarcar um duplo sentido espacial para o motel: as margens a que me refiro estão ligadas à localização geográfica inicial, uma vez que os motéis foram construídos às margens das rodovias e, no caso campinense, longe das áreas centrais, ao menos na época de suas construções. No entanto, há que se fazer uma ressalva exatamente pelo fato de que o mais recente motel da cidade, o Delírius, foi construído na zona urbana, às margens da BR 104, uma rodovia federal que corta a cidade. Queremos fazer também uma referência ao fato de que muitos buscam esse espaço na atualidade para estar longe dos olhares dos outros. Além disso, a discriminação ainda existe por parte de muita gente que considera o motel como um lugar de promiscuidade, ou seja, concebem esse espaço de forma preconceituosa, por associá-lo à promiscuidade. Essa visão é perceptível até mesmo no meio acadêmico, uma vez que o mundo erudito dá a esse objeto de estudo pouca visibilidade.

astúcias, mas também em suas angústias, seus medos, suas traições, seus fedores e suas decepções, uma vez que:

São as práticas que trabalham esse espaço, que o tornam vivência e experiência, são os sentidos que seus praticantes lhes dão, são os desejos, fantasias, sonhos, imagens que sobre ele se projetam, que o constitui como espaço social, cultural e histórico. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 108).

É nessa perspectiva que a cartografia ajudaria a pensar nos deslocamentos e na reespaçialização sugerida no início do texto, uma vez que, a geografia dos desejos ajuda a construir uma cartografia/geografia dos espaços e dos corpos e como eles se movem/deslocam/marcam (entre) os espaços e como assim fazendo vão modificando esses mesmos espaços, pois mesmo sendo espaço praticado, os usos, as cenas, os atos são diferentes. Além do mais, corroboramos com a leitura de Albuquerque Júnior (2004, p.8), quando afirma que “espaços são criações humanas e não apenas receptáculos passivos ou cenários dos acontecimentos humanos”.

2.2 - EM CAMPINA GRANDE, PASSEANDO PELA CIDADE DO PRAZER

Músicas flébeis – luzes encobertas
 Filtrando vultos tristes que ali estão
 Mulheres de per si, coxas alertas
 E abertas ao prazer da profissão.

Mulheres nuas, nos quartos despertas
 Trocando o amor da carne pelo pão
 Num fétido mercado onde as ofertas
 Cortejam o gozo da devassidão.

Cruéis, dessas mulheres, seus destinos!
 Lembradas, vez a vez, por libertinos
 Enquanto a mocidade anda a seus pés,

São, com o tempo, larvais das madrugadas,
 Pelo mundo e de tudo abandonadas,
 Rejeitadas dos próprios cabarés.
 (Ronaldo Cunha Lima)

Iniciemos nosso passeio transitando por alguns lugares da Rainha da Borborema, que foram pensados para adequar, de forma pedagógica, as

práticas sexuais a determinadas geografias do desejo. É bem verdade que, na prática – no caso de lugares como a Rua João Pessoa, a Avenida Assis Chateaubriand e os próprios motéis –, ocorre, como diria Michel de Certeau, uma burla ou um conjunto de táticas e astúcias do homem ordinário que, usando de uma antidisciplina, modifica os usos pensados primeiramente.

Os versos de Cunha Lima, que aparecem na epígrafe apresentada no início deste tópico, tematizam a prostituição enquanto elemento responsável pela sobrevivência de mulheres – “coxas alertas, abertas ao prazer da profissão”. Considerando essa tematização, vamos, agora, cartografar e analisar algumas dessas geografias do prazer, pensando como historicamente elas foram sendo construídas e modificadas, pois, segundo Souza (2002, p. 8),

No caso de Campina Grande, a área, geralmente conhecida como “zona de meretrício”, mudou algumas vezes de local se deslocando pelo centro da cidade com o passar dos anos. Em um primeiro momento, funcionou mais fixamente na rua “singelamente” intitulada de Rói Couro (antiga 4 de Outubro e atual Jovino do Ó). Com as reformas do centro da cidade, a “zona” foi saindo da área residencial e se transferindo aos poucos para as proximidades da Feira Central ou bairro da Manchúria. Entre as ruas mais movimentadas, estava a Manoel Pereira de Araújo, que congregava os melhores “cabarés da cidade”, ficando imediatamente conhecida como “Rua Boa”. Algumas memórias construídas em torno daquela rua a descrevem como sendo “um esplendoroso mercado de luxúrias, que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos.”

No tocante às disposições dos cabarés, temos, hoje, algumas alterações significativas, em termos geográficos, quando comparado ao que ocorreu nos anos 50, “em que, o passeio e o comércio das fubanas ficaram agora restritos ao quadrilátero compreendido pelas ruas Getúlio Vargas, Índios Cariris, João Pessoa e João Suassuna.” (SOUZA, 2003, p. 215).

Na rua Índios Cariris, temos, pelo menos, cinco remanescentes de cabarés cujos donos são conhecidos pelos pseudônimos de Laka, Josa, Berenice, Sansão e Ramos (este último é proprietário de um estabelecimento conhecido como “Estrela do Jorge”).

Lemos²⁰ determinados pontos de Campina como lugares em que os atores em cena os convertem num espaço nos moldes de Certeau, logo, a “rua

²⁰ Apropriamo-nos do referencial conceitual de Geertz (2008) quanto ao entendimento da sociedade como um texto, logo, estamos percebendo Campina Grande nessa perspectiva, ou seja, passível de uma leitura.

geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” (CERTEAU, 1994, p 8.). Partimos desse conceito do autor citado para pensarmos as artes de fazer, que se operacionalizam na Avenida Assis Chateaubriand e na Rua João Pessoa, sendo esta última um exemplo prático de espaço-lugar lugar-espaço praticado, 24 horas por dia e das formas mais variadas possíveis. (CERTEAU, 1994).

A historiografia paraibana, que versa sobre as áreas escolhidas para os “maus costumes”²¹, nos leva a problematizar o quanto determinados espaços campinenses foram potencializados, posteriormente descartados, e, agora, voltam a ganhar visibilidade e viabilidade para as artes do prazer, como é o caso de áreas centrais da Rainha da Borborema. Nesse sentido, Nascimento (2008, p. 99) informa que

Durante os anos 1920 o local onde se concentrava o maior número de prostitutas e casas de pensão em Campina Grande era a antiga rua 4 de outubro, aula Major Juvino do Ó, mais conhecida popular e sugestivamente como “RÓI COURO”.

Dialogando também com essa temática do deslocamento das áreas de prostituição e suas cartografias, Souza (2002, p.8) afirma que

A prostituição na área da feira foi uma atividade muito intensa e lucrativa entre o final dos anos 30 até meados dos anos 40. Contudo, após a 2ª Guerra Mundial, com a saída de alguns contingentes militares que estavam sediados na cidade, aquela área entrou em decadência e as “pensões de mulheres” se transferiram, em parte, para a região conhecida como “Boninas”, onde pontificaram nos anos 50 e 60, prolongando suas atividades até os anos 70, mas sem o mesmo “encanto” ou “glamour” que lhe era atribuído nos anos anteriores.

A Manoel Pereira de Araújo e suas adjacências foi sem dúvida um dos locais mais frequentados por prostitutas, populares, desocupados de todos os tipos e boêmios de classe média e alta. No auge da produção algodoeira, ali existiam as melhores pensões de “mulher-dama” de Campina Grande, como a *Pensão Moderna*, de Zefa Tributino, que havia transferido sua pensão da rua do “Rói Couro”, para a “rua das Pannelas”, próximo à Vila Nova da Rainha, “devido ao desenvolvimento do negócio e da grande afluência de clientes e funcionárias.”

Além da *Pensão Moderna*, na mesma rua, foi construído o *Cassino Eldorado*, que era uma casa de espetáculos, jogos e danças, mas também de lenocínio, que marcou época naquela rua. O *Eldorado* ficava situado no centro da rua dos Currais, a quinhentos metros mais

²¹ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos:** sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965); UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.

abaixo da *Pensão Moderna*, e a sua inauguração acabou por ofuscar bastante a vida noturna das outras pensões ali instaladas.

Se o intercâmbio de mulheres já era notável quando existiam somente as pequenas pensões, com o novo cassino esta atividade tornou-se cada vez mais intensa. Mulheres vinham do Recife só para trabalhar alguns dias no Eldorado, levando consigo algum dinheiro e o orgulho de ter pertencido ao quadro de “funcionárias” do mais importante Cassino do Norte e Nordeste.

De volta ao centro da cidade, nossa pesquisa de campo nos apresentou inúmeras pousadas e pequenos hotéis que funcionam como pontos de encontros para programas sexuais. Desta feita, esses ambientes resguardam-se do monitoramento das autoridades sanitárias e, ao mesmo tempo, resguardam seus praticantes do contato com o outro.

2.3 - VAMOS ÀS COMPRAS? CONSUMINDO E SENDO CONSUMIDO NA RUA JOÃO PESSOA...

16:00 horas de um dia qualquer, no início do ano 2005. Caminhamos pela rua João Pessoa, procurando uma vaga para estacionar nosso automóvel. Ela não existe. No início da rua, filas duplas e triplas de carros se formam em frente aos bancos. Nas calçadas das inúmeras lojas, camelôs com suas bugigangas diversas fazem negócios e ganham sua vida vendendo DVD, cd, brinquedos importados, controles remotos, antenas de TV, bocas de fogão, frutas, doces, cocadas, etc. É possível tomar um caldo de cana e comer um salgado qualquer numa das esquinas. Grandes lojas oferecem mercadorias diversas e facilidades para pagamento de móveis, eletrodomésticos, material de construção e equipamentos para a mecanização da agricultura... Atacadistas recebem os varejistas locais e das cidades vizinhas que buscam renovar seus estoques de material escolar, cosméticos, brinquedos e afins. Correndo contra o tempo, motoristas de transportes alternativos, mototáxis e motoristas comuns precisam aproveitar o final do expediente, já que, às 18:00 horas, o horário comercial está encerrado.

20:00 horas do mesmo dia. O silêncio, que só é quebrado pelo barulho dos poucos automóveis que por ela trafegam, toma conta da mesma João Pessoa. É maio, e o friozinho do Agreste chega até a judiar dos meninos e meninas, vestidos com pouca roupa, que continuam negociando por ali. Eles

vendem seus corpos, trocam dinheiro por prazer. Não há mais congestionamento, pressa, stress. Nas esquinas, insinuantes e assediando os motoristas que por ali dirigem vagarosamente, corpos se oferecem de maneira sexy, erótica, luxuriante, convidando ao prazer pago. Até o raiar de um novo dia, a João Pessoa será um corredor por onde os sujeitos com suas práticas a transformarão em espaço e território de compra, venda e troca de prazer e sensações diversas.

As cenas apresentadas anteriormente, embora baseadas em narrativas sobre o cotidiano dos sujeitos que por lá circularam, são fictícias e foram confeccionadas para nos ajudar a problematizar os múltiplos usos do mesmo espaço, no caso em questão, focalizamos a rua João Pessoa, localizada no centro de Campina Grande, em seus diversos papéis, seus usos, já que os espaços não surgem apenas do acúmulo das práticas diversas que os construíram, mas dos sentidos diversos que a eles foram dados (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p.4).

A nossa pesquisa dedicou um espaço significativo à rua João Pessoa, por corroborar com o pensamento de Oliveira (2007, p.28), quando este afirma que “As ruas são, assim, temp(l)os de consumo, território de práticas culturais. Por trás das frágeis tabuletas que as nomeiam, é possível se pesquisar história, memória e trocas econômicas” e também porque de lá, os sujeitos que buscam comprar e vender o prazer, proporcionado pelos seus corpos, podem se dirigir para as pousadas, hotéis, motéis e outros lugares e, por isso mesmo, ela ajuda-os e ajuda-nos a compor algumas de nossas cenas. Além do sentido físico e do desenho geográfico do centro da cidade, a rua referida nos permitiu, olhando para seu funcionamento múltiplo, enredar nossa trama, visto que

Uma rua, para além de ser um lugar para onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que o seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve. (ROLNIK, 1992, p. 28).

Aquela é, em toda a extensão da palavra, uma rua comercial, oferecendo produtos diferenciados ao sabor da hora, respeitando os “odores” de seus transeuntes e as fantasias dos atores que encenam nessa paisagem,

as práticas convenientes para cada cronologia ancorada em certa economia moral²² de seus personagens. Rua João Pessoa, espaço atraente, no qual o homem ordinário por ela transita com total liberdade e desenvoltura, transformando espaços em lugares e lugares em espaços.

Durante a noite, acendem-se, via faróis dos automóveis dos clientes, os holofotes para as damas e cavaleiros do amor pago. Essa rua representa efetivamente um verdadeiro *point*, pois ali existem, oficialmente, dois bordéis em pleno funcionamento, conforme fomos informados. Trata-se de um espaço bastante peculiar, uma vez que, durante o dia, grandes lojas seduzem os clientes a consumir seus móveis, eletrodomésticos, dentre outros produtos, e, ao cair da noite, a sedução dos corpos convida para os prazeres da noite²³. A João Pessoa funciona como ponto de venda de prazer e aluguel dos corpos de canto a canto. Esse lugar é um paraíso de deleites, ponto certo para *michés*, garotas e seus respectivos clientes que, orientados pela própria fama do lugar, já sabem que, ali, os “vendedores”, com seus encantos, sabores e odores, estão sempre a postos.

Acessíveis e convertidos em objetos de desejo sexual dos passantes/clientes, os garotos e garotas profissionais do sexo, que encenam na rua João Pessoa ou em outras tantas, ficam relativamente vulneráveis por se converterem em produtos expostos numa vitrine sem proteção.

Patrocinadores de uma prostituição itinerante, esses garotos e garotas de programa circulam pelas ruas e, nesse vai e vem, praticam diversos espaços, de maneira rotativa, pois, da rua João Pessoa, por exemplo, rapidamente são deslocados para as pousadas e motéis. No aconchego e reserva das suítes desses estabelecimentos, atiram-se nos braços dos amores/amantes/clientes, num conforto momentâneo patrocinado pela parafernália disponibilizada pelos donos desses ambientes que, sobretudo no caso das pousadas e pequenos hotéis presentes nas áreas centrais da cidade, camuflam seus usos e fogem das instituições de controle de seus funcionamentos.

²² Tomamos o termo de empréstimo a E. P. Thompson.

²³ Tomamos a expressão de empréstimo a Margareth Rago, que escreveu uma obra com esse título ao dissertar sobre os códigos da sexualidade em São Paulo.

A camuflagem por parte dessas pousadas e pequenos hotéis já faz história, pois, há muito tempo, é praticada pelos hóspedes que deles fazem uso, convertendo-os em bordéis-motéis-hotéis. Segundo Eros(2012), nas décadas de 1970-1980,

No centro da cidade, aqui em Campina, eu utilizei muito, hotéis do centro da cidade, hotéis até hoje bem famosos, a pessoa frequentava esses hotéis olha, usava um artifício, né? la antes que um ia e se hospedava um ia um na frente [Confuso] e outro depois e pergunta fulano tá ai, ai vai...quer dizer, era o artifício que a pessoa usava prá burlar ou a dificuldade de entrar em motel, uma série de coisas.

A narrativa anterior nos ajuda a afirmar que, no primeiro momento, as táticas e astúcias, no sentido certeuniano do termo, foram usadas pelos hóspedes que desses ambientes faziam uso para o amor livre e, no segundo momento, esses mesmos artifícios foram utilizados pelos donos das pousadas e pequenos hotéis do centro da cidade para lucrar cada vez mais, ao fazerem vista grossa em relação ao uso de seus estabelecimentos para encontros meramente sexuais.

Queixando-se da presença desses pequenos hotéis e pousadas, que são usados para atividades típicas do setor moteleiro, Atena (2012) nos chama a atenção para a viabilidade desse espaço para encontros amorosos/afetivos/sexuais, visto que, segundo ela,

Meu grande concorrente não é o grande motel que tá perto de mim, não. São justamente essas pequenas pousadas, pequenos hoteizinhos que têm que são justamente que dão o que a gente oferece, um preço muito mais lá em baixo, sem nenhuma fiscalização em cima.

Ainda sobre essa concorrência das pousadas e hotéis presentes no centro da cidade, as narrativas da empresária nos permitiram problematizar o fato de que os donos desses estabelecimentos citados por ela fazem uso também de certas táticas e astúcias²⁴, para burlar os regulamentos em torno de suas atividades. Eles lucram com a presença rotativa de sujeitos que usam

²⁴ A menção à concorrência, que é vista pela dona do Shop Motel como desleal, nos permite discutir o fato de que não apenas os indivíduos que se prostituem nas pousadas e pequenos hotéis do centro da cidade usam de táticas e astúcias para adequar esses ambientes à suas necessidades. Os próprios empresários desses espaços também fazem uso de certa camuflagem, ao converterem seus estabelecimentos em motéis, cobrando valores mais reduzidos e escapando das inspeções da Vigilância Sanitária e do Ministério do Trabalho.

esses espaços para fins diversos, a exemplo dos profissionais do sexo, que deles se apropriam exercendo sua profissão, bem como dos clientes, que economizam tempo e dinheiro em busca da satisfação do desejo sexual. Narrando sobre essa concorrência oferecida pelas pousadas e sobre sua burla em torno dos órgãos de vigilância, Atena (2012) afirmou ainda que

E hoje tão oferecendo conforto também relativo que antes não tinha e hoje eles tão se adequando também, colocando TV de LCD, mas não tem o controle da Vigilância, não tem o controle de funcionários, tem a questão da parte trabalhista, tem a questão da parte da Vigilância, entendeu? É a fiscalização do trabalho, a fiscalização sanitária...é até mesmo os encargos que recai sobre eles é totalmente diferente, entendeu?

Existem ainda alguns prostíbulo no Beco dos pneus, na esquina com a rua Siqueira Campos, localizada no centro de Campina Grande. Segundo nossas pesquisas, ainda constatamos outro ponto de venda de sexo, sem ser realmente rotulado como um estabelecimento propriamente dito, mas, o ambiente completo, a exemplo do que ocorre com a rua João Pessoa, que é a Feira de Gado, que funciona no bairro do Ligeiro²⁵, onde, mais especificamente no Parque de Exposições, todas as quartas ocorre o comércio de animais e, costumeiramente, os feirantes chegam na noite da terça e desta feita, tudo aquilo vira um caldeirão de experiências sexuais protagonizadas por comerciantes e desconhecidos de Campina e redondeza.

Um dado interessante a ser ponderado em relação à feira de gado é o de que a prostituição consumida no local é tradicional e convencional, uma vez que sua característica mais evidente é a de ser majoritariamente feminina e heterossexual, não havendo relatos de meninos exibindo seus corpos e dispostos a mercantilizar o prazer por lá. Dessa constatação, um questionamento nos inquieta: será mesmo que o homoerotismo ainda não chegou “às baias²⁶”? Ou seja, todos os amores da feira de gado são heterossexuais? Todos os corpos masculinos, que circulam pela feira citada, só querem saborear os ardores e sensações patrocinadas pelo sexo oposto?

²⁵ O bairro do Ligeiro localiza-se na zona sul de Campina Grande e faz fronteira com o município de Queimadas-PB.

²⁶ Baias são locais onde ficam os animais separados uns dos outros, em determinados ambientes que se prestam à venda destes, como é o caso da Feira de Gado de Campina Grande-Pb.

Um traço marcante que também observamos nessa área, em que o meretrício floresce com uma significativa presença, é o fato de que a referida feira funciona nas proximidades de três motéis campinenses – Dallas, Parque e Shop –, sendo o Motel Dallas o mais popular e rotativamente frequentado pelos homens feirantes, acompanhados, geralmente, de mulheres profissionais do sexo.

Ainda caminhando pelo bairro do Ligeiro, encontramos três recintos principais: o “Só na Massa”, que se apresenta para quem vê de fora enquanto bar, mas é sabido que nele funcionam também jogatinas; o “Cabaré da Moça”, alcunha da proprietária; e o “Cabaré da Socorro”, localizado atrás de uma grande pedra situada à altura de uma parada de ônibus, ironicamente nas proximidades do funcionamento fixo de uma Operação Manzuá²⁷. Falamos de ironia, nesse momento, porque as meninas trabalham se prostituindo num estabelecimento de terceiros, numa atividade ilícita, com penalidades previstas na lei, em uma área que há décadas está às vistas da Polícia Militar, uma corporação que resguarda a ordem.

O Código Penal brasileiro apresenta um enquadramento para tal tipo de atividade, ou seja, a prostituição e a exploração das prostitutas significadas na condição de crime. Segundo esse Código,

Rufianismo Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça: Pena – reclusão, de um a quatro anos, e multa. § 1o Se a vítima é menor de 18 (dezoito) e maior de 14 (catorze) anos ou se o crime é cometido por ascendente, padrasto, madrasta, irmão, enteado, cônjuge, companheiro, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou por quem assumiu, por lei ou outra forma, obrigação de cuidado, proteção ou vigilância: (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009) Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009) § 2o Se o crime é cometido mediante violência, grave ameaça, fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação da vontade da vítima: (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009) Pena – reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, sem prejuízo da pena correspondente à violência.(Redação dada pela Lei nº 12.015, de

²⁷ Operação Manzuá é uma operação da polícia militar com base fixa, que faz a vistoria dos veículos que chegam à cidade pelas rodovias federais, com o intuito de coibir o tráfico de armas e de drogas, bem como o roubo de veículos. Segundo o atual comandante da Polícia Militar da Paraíba, o coronel Lima Irmão, “a Operação Manzuá é um instituto criado no campo preventivo e da fiscalização das pessoas que visitam nossas cidades, principalmente Campina Grande, João Pessoa e Guarabira, que têm unidades da operação nos acessos a essas cidades”. Tal operação foi desativada pelo governo do estado da Paraíba no dia 12 de setembro e, em substituição, foi criada a Polícia Rodoviária Estadual (PRE), com efetivo móvel.

2009) (Código Penal – Capítulo V – Do lenocínio e do tráfico de pessoas).

Sendo assim, em determinadas paisagens, esses espaços são subjetivados, de maneira tão natural, que não chamam a atenção daqueles considerados os responsáveis pela ordem, como os policiais militares, que passaram anos e anos em seu trabalho mirando o citado bordel.

Nas memórias dos que se divertiram nesses lugares do amor pago, ficaram guardadas muitas meninas, mulheres que se fizeram marcas saudosas em seus usuários, dentre os quais destacamos Eros (2012). Ele se recorda, em detalhes, dos laços de sociabilidades e dos prazeres da carne oferecidos por Joana Preta, uma cafetina-prostituta que tinha um bar-bordel bastante frequentado, durante a década de 1980, por vários indivíduos de destacada posição na sociedade, como os políticos Ronaldo Cunha Lima e Raimundo Asfora que, segundo esse nosso interlocutor, o primeiro “fazia um sonetozinho e o segundo batia um violão para cantar”.

Quanto à amiga Joana, ele nos apresenta como sendo “uma morenona forte, agradável”, que, de tão próxima dos políticos, boêmios e dos poetas, foi eternizada na história de Campina Grande por ter sido lembrada nos versos de Cunha Lima (2001, p. 209), que orientavam os interessados a visitar o Bar da Joana dessa maneira:

Na era do supersônico,
Joana informa aos seus fregueses
Pra que agora ninguém erre
Seu endereço eletrônico:
www Joana com ponto na BR²⁸

Continuando nosso passeio pelas zonas remanescentes do meretrício, destaquemos que, no bairro do Tambor (zona sul de Campina Grande), temos o “Cabaré da Fofa”, que fica próximo ao Posto Paulistano, cujo estacionamento recebe caminhoneiros de diversas partes do Brasil, convertendo-se, também, num imenso bordel. Ao passar por ali depois das sete horas da noite, é possível constatar, facilmente, essa realidade – caminhantes indo em busca de comprar e vender prazer.

²⁸ A BR que liga Campina Grande à cidade de João Pessoa. Nas memórias de Eros(2012), o Bar de Joana localizava-se “aqui na BR 230, fica prá cá da manzuá que hoje é o Posto Fiscal, antes daquele viaduto, de um lado era o Posto Fiscal e no outro era Joana Preta”.

No bairro da Liberdade (zona sul de Campina Grande), temos dois cabarés principais: O de “Tota”, localizado na rua Rio Grande do Sul, e o de “Magna Célia”, localizado na rua Sergipe, ambos em franco declínio, pois, segundo uma das cafetinas, dona de um desses estabelecimentos, que não permitiu a gravação da entrevista, embora não se importasse em falar, “as bichas não querem mais trabalhar... Só querem prá elas, tão por conta própria”.

A afirmação da cafetina de que as “bichas” trabalhavam por conta própria pode ser compreendida pelo fato de que a possibilidade trazida pelos avanços da telefonia móvel viabilizou, de forma significativa, a rotina de trabalho das meninas que vendem prazer. Basta apenas deixar o número do telefone com o cliente que este, quando estiver interessado na prestação do serviço, entra em contato e marca o encontro, e ambos seguem para onde for combinado, para onde for mais conveniente para o pagador, firmando, assim, uma nova geografia da ação, novas “feituas de espaço” Certeau (2000, p.207). Segundo o travesti Hera “o cliente pede, né. Exige muito o telefone, pronto, sabe onde nos encontra” (Hera, 2004). Ainda sobre essa viabilidade oferecida pela telefonia móvel, enquanto elemento facilitador das atividades dos profissionais do sexo em Campina Grande, Apolinário (2011) afirmou que

Embora os chamados cabarés (ou bordéis) como se conhece tradicionalmente as casas de prostituição em Campina Grande estejam desaparecendo, a profissão continua em alta e é cada vez maior o número de garotas de programa em atividade na cidade. Hoje elas usam mais o telefone celular para marcar encontros, que acontecem geralmente em bares, antes do destino final: as pousadas ou os motéis.

Os automóveis²⁹ e a telefonia móvel³⁰ contribuem para que se burlem os controles dos espaços e dos corpos, não se tome muito conhecimento das regras de moralidade, encurtem-se as distâncias, derrubem-se as fronteiras, implodam-se as barreiras. Tudo isso graças às mudanças que se apresentam das formas mais variadas, pois,

²⁹ É interessante pontuar ainda que determinados clientes dos garotos e garotas de programa usam seus carros não apenas para deslocamento para os hotéis, motéis e pousadas, mas, também, para o próprio programa sexual. Segundo o travesti de codinome Júnior, “tem uns que é no carro mesmo” (JÚNIOR, 2004).

³⁰ Segundo Bauman (2004), os celulares assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar.

A velocidade dos meios de transporte e comunicação, a emergência dos espaços virtuais, relativiza o que era até bem pouco tempo a barreira intransponível das distâncias entre lugares e pessoas. (LEVY, apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 97).

Ainda problematizando a autonomia a que a cafetina se referiu anteriormente, sua narrativa nos transmite uma ideia de individualismo que, de certa forma, não se opera na prática. Embora muitas meninas marquem seus programas e não precisem mais pagar pelo espaço ocupado para a prática do exercício do sexo pago, como o faziam e ainda fazem algumas meninas que vivem em locais que pertencem aos cafetões e cafetinas de Campina Grande, pudemos comprovar, ao procurá-las para entrevistas (em momentos anteriores à escrita deste trabalho), que, na verdade, elas estão se unindo, formando grupos, alugando algumas residências pelos bairros de Campina Grande e dividindo as despesas.

Autônomas, no sentido de que não são mais tuteladas por uma cafetina ou agenciador, mas, ligadas aos pares para organizar seu cotidiano. Demonstram, assim, certa preocupação em conseguir um lugar para morar que seja financiado pelo próprio trabalho, sem intermediários, sem divisão do dinheiro que recebem pela venda do prazer. Elas constroem, dessa forma, uma rede de sociabilidades.

Ao pensarmos nas mudanças e permanências nas práticas cotidianas ligadas à profissionalização do sexo em Campina Grande, não podemos deixar de mencionar o fato de que, durante muito tempo, as damas da noite alugavam os quartos dos cabarés e, por isso, de certa forma, estavam vinculadas ao espaço dos cabarés, bordéis e clubes campinenses. Nessa perspectiva, as prostitutas desenvolviam uma relação de pertencimento ao local de trabalho e construía vínculos afetivos e de dependência com as donas dos estabelecimentos. Essa relação comercial de alugar o espaço para também alugar o corpo aparece, de forma poética, nos versos de Cunha Lima (2001), quando este rima sobre a rua Major Juvino do Ó, a “rua do rói couro”:

Eram trinta e seis casas, tão somente,
Já desfeitas no tempo, diminutas,
Alugadas a quantas prostitutas
Que se alugassem para o amor da gente.

Ao organizarem suas vidas de forma convencional, dividindo as despesas domésticas, como o aluguel, por exemplo, os garotos e garotas de programa nos mostram que estão construindo novos laços de sociabilidades. Em visita a uma dessas residências, pudemos constatar que, na condição de inquilinos, eles constroem códigos próprios de funcionamento de suas coxias, de modo a convertê-las no que concebemos tradicionalmente como um lar. Informaram-nos que pactuam entre si para que os clientes não sejam atendidos em suas casas, já que esses cenários se prestam, muitas vezes, apenas enquanto camarins de onde saem diariamente esses atores, devidamente fantasiados com seus figurinos, seus uniformes.

Durante a pesquisa de campo, em contato com alguns desses sujeitos, em suas próprias residências, percebemos ainda, em várias oportunidades, que estes se comportam de maneira convencional, tanto nos trajes quanto nas demais características de um sujeito que exerce outras profissões. Em outras palavras, eles não demonstram, fora do palco, praticamente nada que servisse como indício de sua atividade profissional.

Dessa forma, observamos que há, em alguns dos entrevistados, uma tentativa de separação entre o público e o privado, por esses atores sociais que nos permitem problematizá-los, tal como estamos fazendo desde o primeiro momento de nossa peça teatral, enquanto atores que constantemente encenam seus papéis nos cenários adequados aos seus respectivos *scripts* e, uma vez encerrada a atuação, estes se livram momentaneamente - para depois retomá-los - de seus personagens e figurinos. Segundo Le Breton (2009, p),

Ser ele mesmo e alguém mais é uma fórmula que ao ator se aplica com força, pois sua tarefa é a de endossar identidades provisórias, de cujo figurino ele se libera assim que o espetáculo se encerra, jamais se misturando àquilo que o identifica pessoalmente.

É pertinente salientarmos que, de acordo com os relatos de moradores do bairro da Liberdade, existem muitas residências que nos lembram as “Casas de recursos”, uma vez que tais residências, embora não sejam cabarés propriamente ditos, funcionam como lugares de alcova para aqueles que

desejam maquiar suas passagens e encontros, e que por isso, frequentam esses ambientes “insuspeitos”.

No bairro São José (zona sul de Campina Grande), existe um famoso estabelecimento conhecido como “Mulheres de Areia”, de propriedade de uma senhora a quem chamaremos de Vesta. Nesse estabelecimento, as meninas estão constantemente a postos, prontas para atender a seus clientes, permitindo que cada grão seja tocado, moldado e saboreado no calor do momento, já que as mulheres de areia podem ser remodeladas, de acordo com as habilidades e desejos das mãos que querem mercantilizar suas esculturas.

Um pouco mais periférico, o bairro de Bodocongó (zona oeste de Campina Grande) abriga o Strep e, na rua lateral deste, temos o cabaré da “Tia Guia”. Certamente, se Verginiaud Wanderley³¹ estivesse vivo para contemplá-los, não acataria a permanência desses estabelecimentos nesse local, que agora se faz central.

Visitemos, agora, a Feira Central, onde temos, na rua das galinhas, seis estabelecimentos, com mais dois, na rua das frutas, e um, na rua Vila Nova da Rainha, próximo ao Supermercado Ideal. Esse último, um pouco mais conhecido que os demais do local, é de propriedade de uma cafetina famosa, a quem chamaremos de Abeona, que conta com um elenco composto por meninas, sempre a postos, disponíveis para divertir os frequentadores, seus clientes. Nas narrativas de nossos interlocutores, o estabelecimento de Abeona apresentou ares de insalubridade e acomodações precárias, pois, nas palavras de Dionísio (2011),

Lá é esculhambado porque só prá ver, Tártaro e Caos³² pagou 15,00 o quarto prá duas pessoas e as meninas estão lá direto, é só dismantelo lá, só aquelas mulher dismantelada que não tem o que fazer e vive lá 24 horas. A gente paga 25,00 das meninas e elas sai até com duas pessoas.

Neide: 25,00 pelas meninas e pelo quarto?

Dionísio: É o mesmo valor, 15,00 o quarto e 25,00 das meninas e sai até com dois e fica tudo o mesmo quarto. Dependendo do home até

³¹ Verginiaud Wanderley foi prefeito de Campina Grande por duas vezes. Dentre as suas ações, destaca-se uma reforma urbana que, dentre outras medidas, deslocou a zona do meretrício do centro da cidade.

³² Tártaro e Caos são codinomes que, na perspectiva de resguardar suas identidades demos aos dois sujeitos que são estudantes universitários e que foram mencionados na entrevista que realizamos com Dionísio.

negocia como os meninos que foram e disseram 'não pago 15,00 do quarto, não, só pago 10,00 do quarto...é uma desmoralização

Para além dessa prostituição, que é praticada nos pequenos hotéis e pousadas das áreas centrais de Campina e dos remanescentes dos rói couros de décadas passadas, a cidade conta ainda com uma modalidade de prostituição moderna, que é operada nas proximidades da Feira Central e da Avenida Canal, prostituição essa que nos foi apresentada na pesquisa de campo como sendo praticada num ambiente insuspeito, sem nenhum tipo de propaganda que indique que o local seja nem mesmo uma bar (cabaré do Dirceu). Trata-se de uma casa com uma discreta fachada e um portão de alumínio fechando a visibilidade do interior que oferece, via catálogo com fotografias, meninas de boa aparência para o cliente escolher. Uma vez indicada a moça, é feita uma ligação telefônica e esta vem ao encontro do interessado, podendo permanecer no local ou ainda sair do estabelecimento, desde que o pagamento seja feito de forma antecipada. Conheça-o nas palavras de Dionísio (2012):

Dionísio: É o melhor, tem só a elite, você não vê ela, você olha a foto e ai diz: quero ficar com essa pessoa.

Neide: Eles mostram um álbum?

Dionísio: um álbum. Ai você olha e diz: quero ficar com essa. Eles dizem: “ tem certeza”? ai eu: tenho, ai tem o valor dela, liga pra ela, pergunta, ai ela vai lá.

Neide: Quer dizer que elas não moram nesse cabaré?

Dionísio: não, não, você liga pra ela, acerta o preço primeiro com ele, ai ele diz: “é tanto... tem condição?” ai eu: tem, pode chamar ela, daí com 10 minutos ela tá lá.

E tem o quê sobre elas nesse álbum?

Dionísio: Só tem a idade e o peso dela e assim como ela é e a forma de pagamento, você paga antecipado e ai tudo que ela pedir você tem que pagar e tem muita gente que só pega uma hora, duas horas, três horas porque senão não tem condição de pagar.

Neide: É caro?

Dionísio: é caro, as mais baratas são 150,00.

Neide: e são bonitas?

Dionísio: são muito bonitas, meninas de 18, 19, 21 anos...

As narrativas desse entrevistado, que, além de estudante universitário, trabalha como mototaxista, nos apresentam uma nova modalidade de agenciamento do prazer sexual que é praticada da maneira mais discreta possível e realizada com atores sociais que cobram caro pelo prazer e que

deixam disponível, não apenas a fotografia da moça a ser contratada, mas, a completa descrição do programa. Percebemos, ainda, na fala do entrevistado, que a propaganda fica a cargo das meninas que convidam até mesmo pessoas simples para conhecer e consumir o que o ambiente oferece. Quando indagado sobre como ele encontrou esse lugar, o interlocutor afirmou que

Dionísio: quando eu rodava ai uma vez eu levei uma mulher muito bonita ai ela disse: um dia venha aqui, convidar a gente...ai eu disse: “e como é?” ai ela disse aqui é um barzinho ai você escolhe as meninas...se você quiser pagar oito dias, quinze dias você passa agora tem que bancar ela de tudo...

Tal modalidade de profissionalização do sexo praticada nesse ambiente é inovadora, também, pelo fato de que as meninas não moram no ambiente, mas, “são da casa”, pois, ao disponibilizarem suas fotografias que ficam expostas no *menu*, elas deixam o cliente interessado entender que este ambiente é a via de acesso aos seus corpos, seus prazeres. Por cobrarem mais caro do que em outros ambientes – Dionísio mencionou meninas de 150,00 –, elas selecionam os clientes, ainda que não os vejam já que, considerando os custos de vida numa cidade do porte de Campina Grande, não é qualquer trabalhador assalariado que dispõe dessa quantia para ser investida em poucas horas de deleite sexual. Além disso, como elas voltam para casa em pouco tempo, ganham a vida de maneira discreta, livre. Segundo Dionísio, nosso interlocutor:

Elas não fica lá, cê liga e no mais tardar cinco minutos elas chegam lá. Você paga antecipado, vamos supor: se for três horas e se você sair com elas de lá é mais caro e se você marcar prá 11:00hs e se chegar 11:30 você vai pagar o que passar. Se passar da hora ela liga “eu tou com ele em tal canto e ele vai me deixar agora”.

Encerrando nosso passeio pelas áreas praticadas pela e para profissionalização do sexo, peguemos, por fim, um ônibus na rodoviária velha, zona de prostituição durante a noite, e nos dirijamos agora aos motéis da Campina menina, mulher ousada, moderna e cosmopolita.

Pensando em confeccionar uma história que vai saborear os ritmos, odores e sabores da Rainha da Borborema, nos deteremos, neste momento, em continuar apresentando a cartografia do prazer da serra paraibana e, desta

feita, indicaremos os espaços específicos dos motéis da cidade, já que corroboramos com o pensamento de Corbin (1998), quando este afirma que

A cidade assim sugerida por fluxos de sensações, de ruídos, de cheiros, apercebida nos seus movimentos e nos seus ritmos, resulta também do sentimento de que excede os limites da apreensão perceptiva, a qual só pode ser social, momentânea e determinada por prática de espaços específicos. (CORBIN, 1998, p.107).

Os estudos feitos até o momento nos credenciam a afirmar que o espaço do motel é, em Campina, tipicamente urbano, uma vez que nossas pesquisas de campo não nos conduziram à presença ou menção destes no meio rural, embora alguns deles fiquem localizados nas adjacências do espaço urbano, a exemplo do Shop e do Parque Hotel. Existem, é sabido, inúmeros ambientes para a prática do meretrício na zona rural do município, bem como em seus distritos³³. Daqui em diante, uma das preocupações dos atores dos motéis será a de não ver e não ser vistos já que “o olhar ´inicialmente, um comprometimento com o mundo”(Le Breton, 2009.p.12). Fechemos, então, as portas e os deixemos à vontade!

³³ São distritos de Campina Grande: Catolé, Galante, Marinho, Santa Terezinha, São José da Mata e Jenipapo.

ATO III – ABRINDO AS CORTINAS DO TEATRO, FECHANDO OS PORTÕES E PROTEGENDO OS ATORES EM CENA

3.1 - HISTORICIZANDO OS MOTÉIS

Os motéis³⁴ surgiram no primeiro quartel do século XX³⁵, nos Estados Unidos, atendendo às necessidades de hospedagem e pouso para os viajantes que tinham que percorrer um longo caminho, dirigindo seus automóveis. Naquele momento inicial, eram locais de descanso para os indivíduos, com seus corpos exaustos de uma longa viagem, que os ocupariam por pouco tempo, pois, em seguida, continuariam suas trajetórias. Sendo assim, localizados próximo às margens das rodovias, eram frequentados, de forma rotativa e rápida, por muitos passantes. Eles não eram cenários construídos, necessariamente, para encontros amorosos, românticos. Obedeciam a uma lógica funcional e prática. Seu nome, forjado pelo arquiteto americano Arthur Heineman, responsável pela elaboração do projeto de construção para acomodar os viajantes norte-americanos, e todos aqueles que estavam em trânsito, já denuncia seu caráter utilitário, representando, assim, a fusão das palavras motor e hotel.

Porém, o sentido da palavra e do ambiente motel foi sendo ressignificado pelo cinema norte-americano, quando esse espaço foi apresentado como rota que os mocinhos seguiam para fugir dos vilões. Ao pernoitarem durante esse processo, aproveitavam para a prática da relação sexual (às vezes, única relação do casal, como em *O Exterminador do Futuro*, número 1). Essa ressignificação dada pelo cinema muito colaborou para a leitura que os empresários e frequentadores fizeram desse espaço, quando os primeiros motéis foram abertos no Brasil.

No Brasil, eles emergiram na década de 1960, em São Paulo, atendendo, também, a determinadas necessidades da criação de espaços

³⁴ Embora destaquemos neste texto as origens dos motéis, com sua função original, a hospedagem rápida, a nossa dissertação trabalhará apenas com o sentido que é dado pelos brasileiros de uma maneira geral e, particularmente, pela população campinense, que é a leitura do motel enquanto espaço adequado para encontros amorosos entre os mais clássicos ou mais ecléticos pares.

³⁵ Carvalho (2003, p.16).

rotativos para encontros de casais apaixonados, em suas aventuras amorosas. Essa necessidade surge porque os hotéis, regulados por uma dinâmica que não previa hospedagens de curta duração, policiados pelos discursos moralistas, jurídicos e religiosos e vigiados de perto pelas Delegacias de Costumes,³⁶ não aceitavam a ocupação rápida e rotativa de seus espaços para encontros românticos.

É nesse sentido que cremos ser interessante problematizar os motéis, e assim o fizemos, enquanto espaços que vão surgir de uma necessidade de ordem para a prática de certa “desordem”, por parte de alguns de seus ocupantes, praticantes. Aparecem, desse modo, enquanto elementos que denunciam as mudanças de hábitos no saborear dos encantos sexuais, longe das típicas zonas de prostituição e dos olhares do poder público, da família, da Igreja e de todo o restante da sociedade apegada a certas convenções.

Gradativamente, cumprirão, também, o papel de lugar de alcova para o sexo pago, onde adentraremos agora nas táticas e astúcias do homem ordinário³⁷, que transpõe as fronteiras estabelecidas e constrói, enquanto protagonista, um cenário de amor, paixão, comércio de sexo com atores que não estão preocupados com a ordem imposta e pensada como o modelo de relacionamento e felicidade. Essa visão dos atores se coaduna com a ideia de que “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã e essa passa a ser a referência que não precisa ser mais nomeada” (LOURO, 1999, p.15).

Considerando o exposto, uma pergunta que pode nos surgir é a seguinte: Antes dos motéis, como e onde os casais se relacionavam sexualmente? Em Campina Grande, durante as décadas de 1930-1960, a vida boêmia³⁸ e as aventuras amorosas, juvenis, ou extraconjugais, foram protagonizadas nos mais diferentes recantos da Rainha da Borborema. Das

³⁶ A Delegacia de Costumes tinha por competência atuar nas denominadas contravenções penais. Ao longo da história, teve funções diversas como “investigar, prevenir e reprimir a prostituição, evitando que afetassem a moralidade pública, as ações que pudessem afetar a honra e a dignidade das famílias, as manifestações que contrariassem a moral e os bons costumes, além da venda ou mesmo da exposição de livros, desenhos e gravuras que ofendessem a moral”.

³⁷ Certeau (2000).

³⁸ SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Cidade e Vida Boêmia: Um passeio pelos “maus costumes” de Campina Grande.* s/d.

Casas de Recursos³⁹ aos famosos clubes da Cidade⁴⁰, esses espaços de exercício do amor, desejo, sexo, dança e práticas diversas representaram o cenário do prazer, da iniciação sexual⁴¹, da diversão e da realização plena da sexualidade, por parte de homens heterossexuais que buscavam realizar, com as mulheres da “zona”, fantasias sexuais que não eram adequadas, culturalmente falando, aos namoros oficiais. Nesse contexto, certas experiências sexuais, um pouco mais ousadas, não eram permitidas com as moças recatadas das famílias tradicionais da cidade, suas futuras esposas. Nos versos e na poesia de Cunha Lima (2001), encontramos uma menção à iniciação sexual pelas mãos de uma prostituta a quem – não sabemos ao certo se é nome ou codinome da moça em menção – ele chama de Arlete. Vejamos:

Arlete, coquete amada,
Deixou em mim registrada
A sensação da primeira vez.

Não apenas Arlete, mas, diversas outras meninas vendedoras de prazer carnal, iniciaram sexualmente os rapazes campinenses, em décadas passadas. Seus ambientes de trabalho eram também palcos por onde se descobria o doce veneno da noite⁴², não apenas por parte daqueles que iam em busca da própria iniciação sexual, mas, também, dos que eram induzidos a freqüenta-los em razão das farras protagonizadas pelos jovens estudantes que já tinham vida sexual e que obrigavam os colegas de sala, que fossem revelados ainda virgens, para perderem a virgindade nos cabarés do centro da cidades, nos braços das experientes mariposas e ainda sob ‘gritos de guerra’. Observemos a cena narrada por Eros (2012):

Naquela época da Revolução (1964), eu estudava no PIO XI. Eu fazia o Científico e a turma da gente era tudo muito... estudava à noite, era turma já de adulto, todo mundo trabalhava, tinha até vários militares, etc. e quando a gente descobria que tinha um colega que ainda era virgem, a gente fazia uma cota, bota ele no PIO XI ia prá onde tá a

³⁹ Casas de Recurso eram áreas de prostituição onde, na maioria dos casos, as prostitutas moravam e trabalhavam.

⁴⁰ Fazemos referência aqui, particularmente, ao Cassino Eldorado e ao Clube Ipiranga.

⁴¹ Era comum os homens mais velhos das famílias levarem os jovens para iniciação sexual pelas mãos das experientes prostitutas.

⁴² Tomamos de empréstimo a expressão de Uelba Alexandre do Nascimento, que escreveu uma obra com esse título versando sobre a prostituição e os códigos disciplinares em Campina Grande, na década de 1950.

Moreninha, pagava antes, saía com ele nas costas e entregava a uma das meninas e ficava tudo na porta, esperando (risos)

A segunda metade do século XX nos apresentou um conjunto de transformações nos valores morais, costumes, espaços e olhares sobre o corpo e a sexualidade, as quais se refletiram também na mudança da cartografia do prazer, dos encontros amorosos, contribuindo para que novos espaços fossem elaborados para os encontros românticos, permitindo, assim, o aparecimento dos motéis.

O Brasil mudou e Campina Grande, nesse sentido, também alterou sua ordem social, cultural, econômica e das sensibilidades. As discussões em torno da modernidade são corriqueiras nos cantos e recantos do mundo acadêmico, nas ruas, nas escolas e na família, e os modelos de relacionamentos acompanharam todo esse quadro de mudanças.

As emoções afloram e ganham espaço na percepção e sentidos das pessoas. A legalização do divórcio, as guardas compartilhadas, os casais que deixam de ser namorados e transformam-se em ficantes, tudo isso nos traz uma nova luz a respeito do que vem a ser essa metamorfose nas questões relacionadas à sexualidade, uma vez que esta é construída socialmente¹ (Louro,1999).

A crescente montagem de uniões estáveis, bem como dos casais semi-separados, e as mudanças nos modelos de relacionamentos amorosos homoafetivos e heteroafetivos entre os solteiros representam um termômetro dessas novas maneiras de fazer do amor e do sexo. Discutindo a flexibilidade dos relacionamentos entre os casais que vivem a modernidade líquida, Bauman (1999, p. 53), afirma que:

Esses CSSs, “Casais semi-separados”, são os “revolucionários do relacionamento” que “romperam a sufocante bolha do casal” e “seguem seus próprios caminhos”. Sua dança a dois é em tempo parcial. Odeiam a idéia de compartilhar o lar e as atividades domésticas, preferindo manter domicílios, contas bancárias e círculos de amizades separados, e estarem juntos quando estão afim.

As novas gerações protagonizam uma série de novidades nos padrões dos comportamentos sexuais, que acabam por exigir da sociedade e da cidade

atual espaços adequados para que seus corpos, experimentando novos sabores, exalando novos odores, novas sensibilidades, possam viver plenamente sua sexualidade, burlando qualquer tipo de vigia, sem nenhum tipo de marca, de esquadramento.

As barreiras morais vêm sendo demolidas, implodidas, desde a abertura sexual, que se iniciou na década de 1960. Com isso, os relacionamentos sexuais ocorrem entre os pares de forma corriqueira e muito cedo entre os casais de namorados, fato que acabou por exigir a presença dos motéis – espaços para o amor livre, discreto, sigiloso, a dois, três, ou a tantos quantos desejem atuar nesses espaços. Isso pode ser atestado claramente na tabela divulgada pelo Shop Motel, em sua página virtual. Nessa tabela, são apresentados tanto o valor cobrado para a permanência do casal quanto o valor determinado para a pessoa extra. Esses valores variam de acordo com a suíte desejada, porém, não se explicita o número de pessoas a mais que podem participar do encontro. Vejamos a tabela:

Tipos de Suítes	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Luxo	R\$ 58,00	R\$ 68,00	R\$ 15,00	R\$ 15,00
Sedução	R\$ 88,00	R\$ 96,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Master	R\$ 145,00	R\$ 160,00	R\$ 30,00	R\$ 30,00
Indiana II	R\$ 72,00	R\$ 80,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Temáticas com Pole Dance	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Oriental	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Pit Stop	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Amor sobre Rodas	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Árabe	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Afrodite	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Pole Dance	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Prova de Amor	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Temáticas	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Medieval	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Egípcia	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Baila Comigo	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Amor de Matuto	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Lua-de-Mel	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Indiana I	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Rosa Púrpura	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Fashion	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Amor Selvagem	R\$ 88,00	R\$ 98,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Black White	R\$ 88,00	R\$ 98,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Sado	R\$ 95,00	R\$ 105,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00

** valores podem sofrer alterações sem aviso prévio. Entre em contato antes de finalizar sua reserva!*

Fig. 1 - Tabela de preços das suítes do Shop Motel. Disponível em: www.shopmotel.com.br.

Acesso em 20 de dez. de 2011.

Resumidos ou nulos os compromissos oficiais, presenciamos, ainda, uma reformulação no papel dos gêneros que está sendo repensado de acordo com as conveniências e necessidades individuais de realização plena dos desejos e prazeres ligados ao sexo e à sexualidade.

Para nos auxiliar na discussão em torno do papel dos sexos na sociedade atual e nos ajudar a pensar sobre as mudanças na própria perspectiva de discussão em torno do lugar social dos indivíduos, comungamos com o pensamento de Butler (2010, p. 45), no sentido de que “um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo”. Em outras palavras, a autora supera a bandeira levantada pelo movimento feminista, década de 1960, que estabelecia um lugar para o feminino, engessando-o na condição de fêmea e apontando ainda para a dicotomia biológico/cultural, desconsiderando, portanto, os desejos. Para Butler (op. cit., p. 27), “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea”.

As narrativas dos praticantes e informantes levaram-nos a ler o motel enquanto um espaço adequado para a realização dos encontros amorosos, românticos ou para o deguste do sexo em si, via consumo da prostituição – feminina, masculina e homossexual –, já que muitos garotos de programa vendem o prazer proporcionado por seus corpos tanto para homens quanto mulheres. A descrição do ambiente do motel foi apontada como um dos principais atrativos para a escolha desse lugar. Descrição essa que se revela através das falas tanto dos ocupantes, que utilizam esse espaço, como dos que o projetaram.

Ao ser questionado, em pesquisa anterior⁴³, acerca das preferências dos seus clientes pelos motéis em detrimento de outros espaços que acomodam a prática da prostituição, um travesti, que também é garoto de programa, afirmou que “é porque no motel é mais escondido e na pousada todo mundo vê a placa do carro e tudo e, no motel não, não é muito descoberto”. Essa fala do travesti, cognominado de Demeter, deixa muito clara a necessidade de resguardo dos

⁴³ OLIVEIRA, Neide Cordeiro de. **A Decadência dos cabarés e a ascensão dos Motéis em Campina Grande entre o final do século XX e o início do século XXI**. (Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História do Brasil, UEPB, 2004).

corpos dos atores que praticam esses espaços. Há uma busca por fuga dos rótulos que possam marcá-los de forma negativa, pejorativa.

A discrição proporcionada pelo ambiente resguardado do motel pode ser comprovada também pelas plantas idealizadas pela Engenharia Civil, voltadas para esses estabelecimentos. No tocante ao testemunho voluntário dado pelos donos desses estabelecimentos, bem como pelos seus construtores, e dissertando sobre os projetos arquitetônicos dos motéis cariocas, Guimaraens (2007, p. 47-48) afirma que

A necessidade de assegurar anonimato a seus clientes foi fator destacado como fundamental, tanto por construtores como por donos e funcionários de motéis. Os elementos que poderiam fornecer a obtenção desse estado seriam a localização do motel em lugar que permita aos hóspedes não serem facilmente reconhecidos ao penetrar em seu recinto a discrição dos funcionários e, não menos importante, o projeto arquitetônico que é realizado com a intenção principal de proteger a clientela, fornecendo-lhes privacidade máxima no interior do estabelecimento.

Partindo da nossa percepção sobre algumas dessas alterações, analisamos o aparecimento⁴⁴ e a expansão dos motéis em Campina Grande pontuando que, para além do elemento discrição, outros fatores e argumentos, que conduzem seus frequentadores a buscarem esse espaço citadino em vez de outros ambientes similares existentes na cidade, seriam a busca por uma certa privacidade⁴⁵, anonimato e segurança.

Esses elementos, anteriormente mencionados, levam os casais a optarem cada vez mais pelo ambiente dos motéis, em detrimento de outros espaços campinenses, que se apresentam enquanto palco que ambienta convenientemente as mudanças que ora se operam nos novos modelos de relacionamentos marcados pela volatilidade, pelo caráter efêmero, contingencial e pela fluidez.

⁴⁴ O primeiro motel de Campina Grande, o Bel Recanto, foi aberto em 1979 e funciona até os dias atuais, na rua Vigário Calixto, no bairro do Catolé.

⁴⁵ Destacamos que a privacidade deve ser percebida enquanto isolamento no espaço do quarto por parte dos que neles estiverem atuando, já que, atualmente, a maioria dos motéis campinenses está em áreas avizinhas por residências, estabelecimentos comerciais e até mesmo instituições de ensino – caso do Motel OK, que se localiza próximo a residências, bares e à Facisa (Faculdade de Ciências Sociais Aplicada), maior universidade privada de Campina Grande, de onde saem alguns universitários que pegam o transporte coletivo numa parada de ônibus que fica exatamente na calçada desse motel. Além do mais, uma das donas do Shop Motel revelou que, às vezes, é possível identificar, de maneira arbitrária, a presença de mais de duas pessoas na suíte, quando os funcionários estão fazendo a limpeza e escutam mais de duas vozes.

O homem atual está inserido numa atmosfera sentimental, em que “a fragilidade dos laços humanos”⁴⁶, no que tange ao amor e aos relacionamentos afetivos experienciados no “líquido mundo moderno”⁴⁷, se tornam a cada dia, mais curtos, menos demorados, inconstantes onde assistimos o casal “atrelar o amor à cultura consumista”.(BAUMAN, 2004, p 77.).

É cada vez mais habitual e corriqueiro o aparecimento de relacionamentos fluidos, momentâneos, sem vínculos e sem compromissos, que se desenlaçam nos motéis onde, comumente, duram o tempo passado nestes, ou seja, iniciam-se quando adentram às suítes de tais estabelecimentos e encerram-se, por vezes, na saída, evitando delongas, compromissos e condições importunas. Sobre esse assunto, Bauman afirma que

Esse modo reduzido de relacionar-se, ‘menos importuno’, se ajusta a todo resto – ao líquido mundo moderno das identidades fluidas, o mundo em que o aspecto mais importante é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo, o mundo de mercadorias gerando e alardeando sempre novos desejos tentadores a fim de sufocar e esquecer os desejos de outrora”. (BAUMAN, 2005, p. 77).

Os motéis campinenses são passarelas por onde desfilam os corpos desnudos de seus personagens reais, permitindo encenações diversas, fugindo do que é habitual, já que “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das “evidências” dos corpos” (LOURO, 1995, p. 15).

Pensando na privacidade proporcionada por esses ambientes, a Engenharia Civil e a Arquitetura trabalham, calculando de forma milimétrica, a favor da construção desses casulos humanos. Versando sobre os elementos norteadores da edificação dos motéis, Guimaraens (2007, p. 47) afirma que

O princípio básico nos motéis é a máxima privatização e reificação de uma ideologia individualista. Nesse tipo de estabelecimento, destinado ou não para fins exclusivamente românticos, o objetivo principal é o de fornecer a maior privacidade, isolamento e individualização dos serviços.

⁴⁶ Tomo de empréstimo a expressão de Zigmunt Bauman, que trabalha em suas obras tanto a fragilidade dos laços humanos facilmente dissolvidos, como também, discute a fluidez nos relacionamentos modernos.

⁴⁷ Ver Bauman, Modernidade Líquida:Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Um dos mais recentes hotéis de Campina Grande, o Delírius, a exemplo do Shop Motel, que também pertenceu ao proprietário deste, apresenta um projeto arquitetônico atencioso com as necessidades de funcionamento. Foi construído a partir de uma arquitetura prática e funcional, fazendo com que em seu interior tudo conspira para a satisfação da clientela. Segundo Atena (2012),

Neide: A arquitetura do motel permite que você longe das entradas das suítes veja de outra maneira. Há um projeto arquitetônico, seu modelo foi trazido do Recife, como você coloca lá como a matriz. Vocês trouxeram projetos de lá ou adequaram à realidade daqui?

Atena: Não, adequamos a realidade dos hotéis da época, né? Porque esse motel aqui não foi construído com meu pai, foi de um amigo nosso, né...mas, o primeiro modelo de motel quando surgiu foi justamente foi modelos, que no caso, os quartos tinham de ter, no caso, o cliente entrava e botava o carro na garagem e subia a escada, só que a parte funcional teria de passar sempre pelo pátio, a cozinha ficava separada e se saísse um pedido, mesmo chovendo, aquela comida teria de enfrentar chuva tudinho prá poder chegar no apartamento do cliente. E hoje existe porque, no caso, devido até mesmo a estrutura que foram construídos num tempo como se adequar ao que hoje se pede...e o que foi que foi mudado, hoje se pede que o que, todo o quadro de funcionário seja do meio prá fora, é Omo se fosse o polvo: a cabeça e os braços...porque a cabeça é onde tá a parte de cozinha, a parte de recepção, a parte de gerenciamento, de administração, isso aquilo tudinho e os braços é o que, onde os clientes ficam, que são os quartos, então é de dentro prá fora, antes vinha de fora, né... prá poder se entrar e agora não, se centraliza tudo prá poder se espalhar.

Embora não fosse este o objetivo maior da nossa peça, também percebemos a questão da higienização do espaço do motel enquanto elemento da medicalização social, bem como pelo fato de que, por se tratar de um ambiente comercial, é também fiscalizado por alguns órgãos que tem poderes para multar aqueles que estiverem infringindo as leis e descumprindo as regras padrões de higiene.

No entanto, embora o empresariado do ramo propagandeie a higiene do ambiente enquanto um diferencial de seus respectivos negócios, ventilando o fato de que o que disponibiliza está com etiqueta e lacre e que isto é um indicador de que está tudo desinfetado, na verdade, isso é uma exigência da vigilância sanitária, que visita os hotéis e multa os que estiverem fora de suas exigências. Afora isso, em nossa pesquisa de campo, quando visitávamos os estabelecimentos focalizados, nos deparamos com uma mancha de sangue, em uma das banheiras de uma suíte que supostamente teria sido higienizada.

3.2. FLUTUAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: QUEM É VOCÊ, MASCARADO?

- Quem é você?
 - Adivinha, se gosta de mim!
 Hoje os dois mascarados
 Procuram os seus namorados
 Perguntando assim:
 - Quem é você, diga logo...
 - Que eu quero saber o seu jogo...
 - Que eu quero morrer no seu bloco...
 - Que eu quero me arder no seu fogo.
 - Eu sou seresteiro,
 Poeta e cantor.
 - O meu tempo inteiro
 Só zombo do amor.
 - Eu tenho um pandeiro.
 - Só quero um violão.
 - Eu nado em dinheiro.
 - Não tenho um tostão.
 Fui porta-estandarte,
 Não sei mais dançar.
 - Eu, modéstia à parte,
 Nasci pra sambar.
 - Eu sou tão menina...
 - Meu tempo passou...
 - Eu sou Colombina!
 - Eu sou Pierrô!
 Mas é Carnaval!
 Não me diga mais quem é você!
 Amanhã tudo volta ao normal.
 Deixa a festa acabar,
 Deixa o barco correr.
 Deixa o dia raiar, que hoje eu sou
 Da maneira que você me quer.
 O que você pedir eu lhe dou,
 Seja você quem for,
 Seja o que Deus quiser!
 Seja você quem for,
 Seja o que Deus quiser!

(Noite dos Mascarados – Chico Buarque)⁴⁸

A letra da canção de Chico Buarque nos ajuda a problematizar a oscilação entre a conduta sexual de alguns indivíduos que, por alguma razão que não ficou clara durante nossa pesquisa, foram induzidos a construir e assumir relacionamentos amorosos heterossexuais, mas, que, em sua intimidade, simpatizam e se satisfazem sexualmente nos braços de pessoas do

⁴⁸ Noite dos mascarados. Chico Buarque. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45153/>. Acesso em Nov de 2011.

mesmo sexo. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que alguns dos sujeitos que são casados com alguém do sexo oposto e que se encontram sigilosamente com parceiros ou ainda garotos de programa do mesmo sexo podem ainda ser bissexuais com certas dificuldades em admitir que aprecia sabores sexuais proporcionados por todos os sexos, talvez por vergonha de expressar seus sentimentos e suas preferências sexuais. Nessa linha de raciocínio, nos apoiamos na afirmação de que:

Em nossas sociedades ocidentais, os sentimentos como a vergonha, culpabilidade ou embaraço subentendem o julgamento alheio, real ou potencial. Para evitar os descontentamentos pessoais como os coletivos, o indivíduo se conforma espontaneamente às expectativas de seus parceiros, seguindo códigos de interativa e de conduta afetiva. Seu grupo de pertença exerce a pressão confere normatividade aos comportamentos. A vontade de oferecer uma imagem positiva de si está estreitamente relacionada com o receio de perder a face ou de sentir vergonha. A cultura afetiva impõe uma regulação interna dos comportamentos que os aparelhos policial e judiciário zelam pela regulação externa. O olhar do outro incita à satisfação normativa dos ritos sociais. Os sentimentos ou emoções fundamentam-se então sobre uma concepção social do bem ou do mal, do lícito e do ilícito. Eles nutrem a autoestima e implicam paralelamente uma consciência da responsabilidade para com os outros. (Le Breton, 2009. p. 94).

Em muitos momentos da análise do material coletado na oralidade via pesquisa de campo, ao problematizarmos as informações apresentadas em algumas entrevistas concedidas por determinados sujeitos, ficamos bastante reticentes quanto às intenções de alguns informantes já que, trechos de suas narrativas nos pareceram carregados de intencionalidades. Um exemplo marcante disso é uma passagem da fala de um dos entrevistados que é travesti e que também é profissional do sexo que, durante a entrevista, de maneira recorrente e insistente fazia menção a personagens e expoentes de status relevante na política e no meio jurídico que, segundo ele, o contratava constantemente pedindo sigilo sobre suas identidades. Diz ele “tenho até clientes que já tenho (são) promotores, políticos, tem”.

Mergulhados estamos numa cartografia em que a sexualidade aflora e que alguns casais elaboram modelos de relacionamentos voláteis, rotativos, sem compromissos futuros, sem intenção de continuidades. Alguns desses casais apenas ficam, já que estamos diante de novas linguagens que

significam o amor e o desejo, abrindo a possibilidade de elaborarmos nossos próprios modelos customizados, personalizados de ligação afetiva, conforme o que nos apraz, em rota de fuga, cada vez mais frequente, dos modelos de relacionamentos convencionalmente elaborados, de normas que, embora ainda persistam, se fazem cada vez mais burladas. Para Bozon (2004, p.57),

ainda que continuem a existir normas sociais reguladoras do exercício da sexualidade, a evolução dos costumes modificou profundamente suas funções. Cada vez menos, elas se apresentam com a força de injunções absolutas e intangíveis, fundamentadas em regras de uma religião ou comunidade. Já não servem mais para controlar nem censurar a juventude, vigiar o casamento, nem proscrever atos contra a natureza.

Em entrevista concedida a esta autora, em pesquisa de campo, garotos de programa revelaram que muitos de seus clientes são homens públicos casados e, dentre estes, foram mencionados políticos e promotores de justiça que, no seu cotidiano, estão sempre acompanhados de uma esposa, numa união conjugal que, de acordo com valores morais e religiosos tradicionais, é entendida enquanto norma que lhes credenciam a serem mais respeitados do que alguns destes, provavelmente, acreditam que não o seriam se assim não se apresentassem socialmente. Vejamos o que afirma o garoto de programa e travesti de codinome Poseidon:

Poseidon: Tem até clientes que já tenho promotores, tem advogados, tem médicos, tem vários tipos.

Neide: E os políticos?

Poseidon: Políticos, que trabalha na prefeitura vários trabalhos, federal tem. O último que eu parei de fazer foi um promotor que nesse dia ele tava ele e o amigo dele e eu fiz o programa com os dois. E um é promotor e o outro é agente federal.

Neide: eles exigem sigilo?

Poseidon: Muito, bastante.

Neide: Ameaçam?

Poseidon: Não ameaçam assim, mas, só dizem que assim: que não tem interesse, que pode comprometer a carreira deles, que não se o quê. Falam isso. Ai eu digo não, mas não se preocupe. Saiu daqui é sigilo. Sigilo total. Agora que, quando quiser novamente, né? Ai já vai ter a confiança certa de que sou profissional, aí já sabe que sou profissional, aí já sabe né?

Analisando as representações desses garotos que se relacionam com homens públicos, oficialmente bem casados, entendemos que uma parcela dos frequentadores dos motéis passa por uma “diáspora identitária”, parafraseando

Hall (2009), ou por uma crise de identidade sexual e social. Em virtude disso, temem o juízo de valor que pode ser tecido a seu respeito e receiam ser submetidos a um certo ostracismo, já que, como sabemos, há uma ligação estreita do indivíduo com sua identidade social, bem como uma preocupação com sua exclusão, pois “a admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a “essência” do sujeito.” (LOURO, 1999, p.13).

Refletindo sobre esse tipo de atitude⁴⁹, percebemos certo temor, por parte desses homens públicos, da dissolução de um *status quo*, e da perda de uma vida que muitos consideram ideal, estável, regrada e tranquila, de uma identidade fixa. Para Louro (1999, p.13),

Pela centralidade que a sexualidade adquiriu nas modernas sociedades ocidentais, parece ser difícil entendê-la como tendo as propriedades da fluidez e da inconstância. Frequentemente nos apresentamos (ou representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual. Essa parece ser usualmente, a referência mais ‘segura’ sobre os indivíduos. Conforme diz Jeffrey Weeks (1985, p.89), podemos reconhecer, teoricamente, que nossos desejos e interesses individuais e nossos múltiplos pertencimentos sociais possam nos ‘empurrar’ em várias direções; no entanto, nós ‘tememos a incerteza, o desconhecido, a ameaça de dissolução que implica não ter uma identidade fixa’; por isso, tentamos fixar uma identidade, afirmando que o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos”.

Pensando ainda nessa questão da identidade do homem casado que frequenta os motéis na companhia de rapazes profissionais do sexo, nos inquieta muito certa tensão que supostamente é gerada em seu cotidiano, visto que, embora sejam adeptos de relacionamentos sexuais com meninos profissionais do sexo, temem a maneira como podem ser vistos pelos outros, como pode ser construída ou desconstruída sua identidade sexual. De acordo Hall (2009, p. 110),

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construída.

⁴⁹ Salientemos que nosso estudo não tem nenhum caráter denunciativo de nenhum dos homens públicos que não desejam assumir sua opção sexual. Nosso intuito é apenas problematizar os espaços que, por sua “sigilosidade”, acabam dando condições a que referências sociais sejam temporariamente esquecidas, deixadas de lado.

As paredes dos motéis desnudam esses corpos encobertos e enclausurados nas amálgamas das identidades sexuais e removem suas “tatuagens”, ainda que de forma momentânea, permitindo a alguns de seus consumidores a demolição das marcas da heterossexualidade indesejada, imposta, assumida no público e no privado, mas, não na essência desse indivíduo, prisioneiro de certa pedagogia da sexualidade.

Para esse indivíduo que encarcera sua opção sexual por força das circunstâncias e convenções, os motéis se oferecem enquanto espaços que protegem os corpos homossexuais, que desejam viver experiências sexuais ainda não devidamente respeitadas. São os motéis, cavernas para esses corpos que delas se aproveitam, consomem e, em seguida, seguem suas caminhadas. Pensando nas existências de espaços de refúgio, Guillebaud (1999, p. 365) afirma que

Assim como o anti-semitismo contribuía para criar o gueto, assim como o racismo generalizado favorece o diferencialismo cultural, a homofobia do meio fabrica, automaticamente, o fechamento em um tribalismo distinto, com seus bairros, seus lugares de paquera, suas boutiques, seus códigos e, finalmente, suas reivindicações identitárias.

Além da busca por uma reserva ao trânsito, no espaço do motel, por parte dos indivíduos que praticam em casa uma sexualidade e, nos motéis revelam seus desejos mais íntimos ao lado de quem os apraz, por vezes ao lado de parceiros do mesmo sexo se faz pertinente, também, destacar que o motel se mostra como ambiente fechado para sabores e dissabores de sujeitos que, embora se entreguem a satisfação de seus desejos e aventuras íntimas, esses guetos são também, para os que os usam como escape de uma vida sexual distinta da que oficialmente assumiram a representação dos desvios de conduta moral e sexual.

Há décadas atrás, era impronunciável até mesmo demonstrar interesse em investir nesse ramo de negócio, visto como aviltante e significado enquanto prática inerente à promiscuidade. Em diálogo com um de nossos entrevistados, foi revelado que, há aproximadamente 30 anos, um médico, em consulta a uma amiga sobre a rentabilidade promovida por essa atividade, ouviu uma negativa e, inclusive, a mesma teria insinuado que esse investimento poderia provocar

impactos na sua imagem e, por sua vez, na carreira. A esse respeito, nos disse Eros:

Eu estava em Patos, nesse tempo eu ainda num trabalhava no estado, eu trabalhava numa firma telefônica, a gente instalava telefone, vendia telefone em todo o sertão e eu vendendo um sistema de telefone para hotéis, prá clínica, conversei com um médico, fiz amizade com ele e ele perguntou prá mim qual a minha opinião se ele montasse um motel em Patos porque aquilo era uma atividade que tava disparada e podia dá até um certo dinheiro. Aí a colega dele disse: “olhe, se você fizer isso, você se acaba, afunda profissionalmente”. Quer dizer, uma pessoa, mesmo empresário, não podia se envolver com um empreendimento desse.

Presos ainda a algumas convenções e valores morais que se sustentam em discursos tradicionais, vários indivíduos ainda reprimem suas opções sexuais em diversos momentos, por temer certo ostracismo, uma vez que leva tempo para que as sociedades internalizem as mudanças nas condutas sociais e opções sexuais publicizadas. Refletindo sobre essas questões, Guillebaud (1999, p. 364) alerta que

Em certos meios sociais, em certas famílias ou regiões, é tão difícil como antigamente assumir a própria homossexualidade. As notórias conquistas da sensibilidade gay, inclusive no plano legislativo, não chegam a apagar os mil sofrimentos que persistem, os mil perigos que continuam existindo. Em suma, a luta não terminou.

Sendo assim, corroboramos com o pensamento de Louro, quando esta afirma que “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das evidências dos corpos”. (LOURO, 1999, p.15). Contudo, alguns desses corpos que se disfarçam em certos palcos estão constantemente em busca de outros corpos que, aos olhos de muitos membros da sociedade campinenses, são ditos como sujos, vulgares, marginais, por serem, tal como os dos sujeitos da canção a seguir, de aluguel.

Baby!
 Dê-me seu dinheiro
 Que eu quero viver
 Dê-me seu relógio
 Que eu quero saber
 Quanto tempo falta
 Para lhe esquecer
 Quanto vale um homem
 Para amar você...

Minha profissão
 É suja e vulgar
 Quero um pagamento
 Para me deitar
 E junto com você
 Estrangular meu riso
 Dê-me seu amor
 Que dele não preciso...
 Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh!
 Ooooooooooh!
 Baby!
 Nossa relação
 Acaba-se assim
 Como um caramelo
 Que chega-se ao fim
 Na boca vermelha
 De uma dama louca
 Pague meu dinheiro
 E vista sua roupa...
 Deixe a porta aberta
 Quando for saindo
 Você vai chorando
 E eu fico sorrindo
 Conte pr'as amigas
 Que tudo foi mal
 (Tudo foi mal!)
 Nada me preocupa
 De um marginal...
 Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh!
 Ooooooooooh!

(Garoto de aluguel - Zé Ramalho)⁵⁰

Por fim, essas trajetórias de corpos disponíveis, de garotos e garotas de aluguel, como a letra da canção sugere, nos permitem, ainda que de maneira superficial, pensar nos sujeitos que alugam os quartos de motéis e os corpos de meninas e meninos de programa como indivíduos que transitam numa modernidade líquida, em que tudo se faz e desfaz na mesma velocidade. É uma modernidade marcada por transformações nos relacionamentos – caso das mulheres que alugam corpos que lhes proporcionem prazer – mas, também, como determinados sabores, desejos e ardores se mantém com traços tão clássicos e conservadores, como se o tempo que passa tão rápido, às vezes, desse a entender que este também volta, ainda que de maneira rápida.

⁵⁰ Garoto de Aluguel. Zé Ramalho. Disponível em: <http://letras.mus.br/ze-ramalho/66221/> . Acesso em Nov de 2011.

3.3 - TRANSGREDINDO OS LIMITES, ROMPENDO FRONTEIRAS E SE ESCONDENDO/APRESENTANDO ENTRE ESPELHOS

Os principais motéis campinenses estão localizados em diferentes bairros da cidade. Na zona sul, no bairro Sandra Cavalcante, localizam-se o Shop Motel, o OK e o Motel dos Brotos; no Catolé, situam-se o Bel Recanto e o Tahiti, enquanto o Saara fica no Distrito dos Mecânicos. No Ligeiro, encontram-se o Dallas e o Parc Hotel e no Tambor, o mais recente estabelecimento da cidade, o Delírius. Na zona leste, o Happy House agita o bairro Santa Teresinha. Na zona oeste, especificamente no bairro de Bodocongó, localizam-se o Hippy e o Xavante.

Além de permitirem e facilitarem encontros reservados, os motéis campinenses alteraram não apenas a geografia do prazer por sua logística, mas, também, alimentaram a imaginação de alguns curiosos sobre esses espaços e seus frequentadores, mudando a rotina e o cotidiano de alguns indivíduos que, embora não fossem clientes desses estabelecimentos, nos foram apresentados na pesquisa de campo. Segundo Eros (2012),

Eu tenho um colega que trabalha na recebedoria, ele morava quase em frente ao Bel (Recanto) e a diversão dele no domingo de tarde, etc, vendo, procurando ver quem entrava e quem saía e, geralmente o seguinte: quem saía, a moça que saía ou a mulher, sei lá, saía abaixada com a cabeça baixa no carro prá nem na saída, na rua, ser reconhecida.

De uma maneira geral, esses motéis são ambientes bem iluminados, a maioria possui espaços privativos para estacionamento e privacidade para os hóspedes, muitos dos quais contam com banho quente, ar condicionado, bebidas, refeições e preservativos. No Shop Motel, há, também, produtos de sex shop (venda de revistas, livros, filmes, objetos eróticos ou pornográficos, afrodisíacos, etc.) e alguns itens utilitários fundamentais para as mulheres que precisam recompor o visual para voltar a sua rotina, sem chamar muita atenção, como secadores de cabelos e chapinhas de alisamento capilar.

Voltando à questão dos utilitários, anteriormente mencionados, observamos, a partir das narrativas, que estes, muitas vezes, servem para ajudar a camuflar as idas clandestinas, fruto de muitas aventuras amorosas de

alguns de seus praticantes que, nesses ambientes, buscam os motéis em horários insuspeitos, como por exemplo, durante o dia, durante o expediente das repartições ou empresas onde labutam. Isso é confirmado na fala de Eros (2012) que afirma que, desde a década de 1980, “vai durante o dia, no horário de trabalho o que não chama a atenção de algumas pessoas, no caso, a esposa”.

Tanto homens quanto mulheres usam, cotidianamente, os motéis para aventuras amorosas extraconjugais. Eles driblam os parceiros oficiais, valendo-se de estratégias que nem sempre deixam rastros. Nem sempre. Pesquisa realizada pelo site Ohhtel.com, especializado em fazer encontros de amantes, com 2.200 brasileiros que são seus usuários, apresentou a seguinte constatação:

Mulheres preferem trair seus parceiros durante o expediente no horário do almoço. A constatação veio após uma pesquisa com 2.200 brasileiras que se inscreveram no Ohhtel.com, site especializado em promover encontro de amantes.

O mesmo levantamento apontou que os homens preferem o final do dia para seus encontros clandestinos. De acordo com a pesquisa, o horário é escolhido por 48% dos homens, enquanto 39% das mulheres preferem deixar de comer para praticar a infidelidade. “Os homens são mais propensos a trabalhar até tarde. Já as mulheres são mais cuidadosas”, explicou, com exclusividade para ALFA, Lais Ranna, 31 anos, vice-presidente de operações do Ohhtel para o Brasil.

(Disponível em: <http://clubalfa.abril.com.br/sexo-e-relacionamento/relacionamento/mulheres-preferem-trair-na-hora-do-almoco-diz-site/> Acesso em 02 de dez. de 2011)

No caso dos motéis, sabemos que, dentre outras figuras, passam diariamente por esses ambientes homens e mulheres, heterossexuais, casados ou não; bem como estudantes universitários, casais diversos, e até mesmo pessoas que usam esses espaços para a realização de reuniões e de festas particulares, e ainda garotos e garotas de programa com seus respectivos clientes. Ao ser questionada sobre o uso do espaço do motel para outras atividades, além dos encontros sexuais, Afrodite (2011) afirmou que “fomos com algumas amigas e amigos e acabou não rolando (sexo) mas foi tão divertido que continuamos a prática por algum tempo”.

A rede moteleira de Campina Grande já despertou para as expectativas múltiplas dos atores sociais que buscam seus estabelecimentos, bem como já

atentou para as práticas do espaço do motel para encontros diversos, que não apenas os sexuais. Essa mudança na rede moteleira é confirmada por uma das donas do Shop Motel, quando questionada sobre as alterações nas expectativas e exigências dos clientes dos motéis – a exemplo da cama redonda que foi um fetiche para muitos indivíduos e que, particularmente nesse estabelecimento, já não compõe o mobiliário da maioria das suítes. Vejamos o que Atena nos revelou:

Nas suítes mais simples nós não temos, são todas quadradas, em algumas nós temos, mas, já faz parte da parte de temática e de uma suíte grande que a gente tem e que geralmente é fechada prá farras mesmo, mas, assim, não vejo hoje pelo cliente querer cama redonda, hoje num tem mais isso, não, o que eles procuram realmente são coisas diferentes, novidade, equipamento bacana.

A narrativa anterior nos permite atestar que o espaço do motel está sendo planejado para acomodar sujeitos para as mais diversas atividades, ou, nas palavras da própria interlocutora anteriormente mencionada, “prá farras mesmo”. Endossando essa fala de Atena, encontramos, nas palavras de Afrodite (2011), versando também sobre os múltiplos usos do motel, a afirmativa de que já praticou o espaço de vários motéis campinenses para “Conversar apenas e discutir o relacionamento sem pretensões sexuais, pelo fato de ser um lugar de total privacidade, sem interferência de terceiros”

Ainda nessa mesma perspectiva de uso diverso desses espaços, Ares(2011) informou, em sua narrativa, que já participou de “aniversários e reuniões”, em motéis.

Apolo (2011), por sua vez, quando indagado se já havia frequentado os motéis para outros fins, que não o encontro para relacionamento sexual, disse que “já fui pro motel para tomar uma com algumas amigas”, referindo-se ao fato de que procurou esse ambiente apenas para beber e se divertir, sem praticar sexo.

Diríamos, para finalizar apenas este item, que o que ainda podemos ler, por fim, até o presente momento, é que, embora defendamos a ideia de que os cabarés estejam perdendo o brilho de outrora e que, embora os motéis ganhem cada vez mais espaços privilegiados e cobiçados em Campina Grande, não podemos deixar de salientar que esses espaços praticados pelos casais que os

procuram são ambientes que podem conviver e convivem a partir de públicos diferentes. O primeiro, resistindo aos apelos da pós-modernidade; o segundo, resistindo à tradição.

Nossa astúcia de realizar um trabalho acadêmico de reordenamento do discurso em torno dos espaços pedagógicos indicados para a prática da sexualidade, dando uma mirada nesses espaços de forma ambivalente, consiste na problematização do motel como um signo, um emblema da cidade atual. No entanto, por ser um espaço que consente o exercício do sexo mercantilizado, conserva, também, certo tradicionalismo, lembrando, inclusive, os mais antigos ambientes de prática do meretrício – os clubes e cabarés.

Os antigos clubes e cassinos da Rainha da Borborema, principalmente o Cassino Eldorado, recebiam a elite econômica local para assistir aos espetáculos de canto e dança, que eram protagonizados por artistas vindos de diversos lugares do mundo. Segundo Cavalcanti (2000, p. 60),

Enfeitado de mulheres de todo o Brasil, e não raras vezes, de estrangeiras, o Eldorado exibia nas suas noites gloriosas, belos rostos e corpos femininos, luxuosamente vestidos e perfumados à francesa, evidenciando o desejo, já citado, que Campina tinha de ser cosmopolita, de ser Paris. Além do espetáculo de beleza e sedução feminina, havia outras atrações: músicos, dançarinos e bailarinos exibiam shows que levavam a platéia ao delírio, como lembra-nos Olivio Rique, que diz: 'naquele tempo, o cassino trazia atrações internacionais, como Tapia Rubios, casal mexicano (...) foi no Eldorado que apareceram as mulheres mais lindas desse Nordeste.

Inversamente ao que ocorria no Cassino anteriormente mencionado, nos motéis, mais especificamente no Shop Motel, o casal ou o grupo de pessoas pode fazer sua própria encenação, seu show, sua festa, já que diversas suítes temáticas desse estabelecimento contam com todo um aparato capaz de proporcionar aos clientes um ambiente no qual estes serão as estrelas da balada. A propósito da possibilidade de cada sujeito praticante realizar a própria festa, Atena (2012) afirmou que algumas suítes estão equipadas para a realização dos desejos e expectativas dos seus usuários, pois,

até hoje o pessoal diz assim: eu quero a que tem poledance e isso realmente pegou no gosto do público tá entendendo? E isso até mais

assim com jogos de espelho, a gente colocou raio laser, jogo de luz, isso tudinho prá dar toda aquela produção prá poder sair da mesmice, né?

Preparado o cenário, figurinos prontos para serem utilizados e descartados, atores em cena, pensemos agora nestes sujeitos e suas nuances mudando de silhueta, cheiro, cor, preço e sabor entre cabarés e motéis.

3.4 - ESPACIALIZANDO E CARTOGRAFANDO O PRAZER A PARTIR DAS PRÁTICAS DOS CABARÉS E MOTÉIS

E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.
Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.
A Cidade. *Chico Science & Nação Zumbi*⁵¹

Desde a década de 1970, a cidade de Campina Grande vivencia o surgimento de diversos motéis, espaços estes que apresentam especificidades de uso, bem como guardam consigo certas permanências, no que tange pensá-los enquanto estabelecimentos adequados e projetados para relações sexuais, afetivas e amorosas, mercantilizadas ou não.

Este momento do texto tem como principal objetivo problematizar acerca do surgimento e ocupação, ainda que de forma rotativa, do espaço do motel, enquanto lócus para a satisfação sexual, momentânea e gratuita, de casais de namorados, cônjuges, ficantes, bem como de garotos e garotas de programa com seus respectivos clientes.

A partir de agora, a sexualidade do campinense passa a ser pensada ancorada na escolha dos espaços onde esta fora exercitada, seja como ambiente praticado para relacionamentos relativamente duradouros, seja para a profissionalização do sexo e seu consumo. Ao referenciá-la, nesta pesquisa, o fazemos não a partir dos atos sexuais, mas, dos lugares onde os desejos e prazeres foram realizados. Dessa forma, fugimos da discussão clássica sobre a sexualidade por entendermos que

⁵¹ A Cidade. Chico Science & Nação Zumbi. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/chico-science-nacao-zumbi/a-cidade.html> . Acesso em nov de 2011.

A sexualidade constitui um terreno movediço e pode ser abordada de diversas maneiras: em relação às experiências de conjugalidade, ligadas à família, à reprodução biológica e à aliança como constitutiva da ordem social, assim como em termos de transgressão, subversão e resignificação de práticas e valores tidos como naturais e imutáveis. A sexualidade pode ainda ser abordada enquanto dimensão interna aos sujeitos, imbricada num modelo particular de construção da pessoa, como parte da subjetividade e/ou identidade individual e social. (VALE, 2006, p. 7).

Como os motéis são ambientes de certa forma herméticos⁵², restou-nos tentar nos infiltrar em seus quartos a partir das falas de seus frequentadores, que narram seus amores, sabores e dissabores em seus momentos de afastamento dos outros sujeitos que dessas cenas momentâneas não participam. Para tanto, fizemos uso da história oral, trabalhando com garotos e garotas de programa que frequentam os motéis campinenses, percebendo-os enquanto ambientes de trabalho, e dialogamos ainda com um grupo de frequentadores que vão consumi-los apenas para curtir os momentos que passam nesses ambientes com seus parceiros e parceiras, em relacionamentos líquidos e fluidos, ou, como bem diz Bauman, (2007) “relações de bolso.”⁵³ Trabalhamos também com empresários e funcionários de alguns dos motéis, para tentarmos perceber o caráter empresarial, lucrativo, bem como o espaço no mercado de trabalho.

Sendo assim, as narrativas de nossos entrevistados nos conduziram a perceber os motéis campinenses como espaços ambivalentes, pois são significados de maneiras distintas por seus variados praticantes, praticantes estes que apresentam uma multiplicidade de opção sexual, condição socioeconômica e estado civil. Essa multiplicidade dos sujeitos praticantes – todos eles, aproximando-se, distanciando-se, convivendo e esquecendo-se no espaço do motel – nos fez lê-los tal como o trecho da canção que aparece

⁵² Estamos considerando as suítes dos motéis enquanto ambientes herméticos, pelo fato de que a dinâmica funcional desses estabelecimentos convencionais que, uma vez ocupada a suíte, acomodados os seus praticantes, o ambiente se fecha à presença e circulação de funcionários, outros usuários e afins, salvo em casos de extrema necessidade ou comportamentos suspeitos dos consumidores que, ao estenderem a estada no local, não estabelecem comunicação com os funcionários via telefone fixo instalado em cada quarto.

⁵³ As relações de bolso discutidas por Bauman indicam um tipo de relacionamento do qual você pode lançar mão delas quando for preciso. O autor também nos explica que essas relações são a encarnação da instabilidade e da instantaneidade. Para essa discussão ver Bauman, 2004, p. 36.

como epígrafe dessa passagem de nosso texto, uma vez que, tal como a cidade, tanto mendigos quanto ricos, trabalhadores e patrões, transitam, consomem e são consumidos nos quartos dos motéis.

Plural, esse cenário se mostra – ainda que de maneira restrita, por cobrar pelo seu uso – democratizado. Acessível, pelo fato de que a maioria está agora dentro da cidade, onde a muitos deles podem-se chegar, tal como diz a canção, por meio de “coletivos, motos” e até a pé, já que, a exemplo do que ocorre com o motel Ok, além de contar com uma parada de ônibus em uma de suas calçadas, está cercado por bares e churrascarias, localizado nas proximidades da FACISA (Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas) e do Shop Motel, que fica há poucos metros desses locais.

Nosso trabalho, preocupa-se, ainda, em dar uma mirada nos espaços da troca e mercantilização do prazer sexual. Fazemos isso de forma ambivalente, uma vez que problematizamos o motel e o percebemos enquanto um dos emblemas da cidade atual, não só do ponto de vista arquitetônico, mas também como geografia dos prazeres, uma zona na qual se inscrevem corpos, prazeres e paixões. Por ser um espaço que permite, além do sexo pelo prazer entre casais que não estão se prostituindo, a prática do sexo mercantilizado, conserva, guardadas as proporções, resquícios dos costumeiros ambientes idealizados para a venda dos corpos – os cabarés. Pensando no significado e no uso dado a cada espaço, Certeau (1994, p. 202) afirma que

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio” (...) um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma estabilidade (...). Espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é um lugar praticado.

A principal preocupação dessa caminhada pela “cidade do prazer” foi, ao abrir as portas do motel e apresentá-lo ao mundo acadêmico (e extra acadêmico), contribuir com a ampliação da produção historiográfica paraibana e, já que nosso tema é inédito entre historiadores, lançar, também, novas luzes sobre a historiografia brasileira, uma vez que estas ainda não acenderam seus refletores para iluminar o interior de nossos motéis.

Nossa pesquisa possibilitou que as vozes que ecoam lá de dentro (e de fora) dos motéis falassem sobre suas performances, seus prazeres, seus amores, sabores e dissabores, de suas aventuras sexuais, lançando um olhar sobre o comportamento sexual dos que, neste momento, encenam o espetáculo do prazer, do amor passageiro e efêmero, e da prática do sexo que “é bom prá tudo, bom pro corpo, bom prá mente, é muito bom, principalmente para o coração”, segundo essa letra da canção de Geraldo Azevedo⁵⁴.

Pensamos no significado histórico dos motéis enquanto espaços que permitem e possibilitam intimidades e sensações aos seus frequentadores diversos, dando a estes a impressão de que ali são saboreadas, resguardadas e reavivadas, no reencontro com suas quatro paredes. Vislumbramos, em Campina Grande, diversos motéis, a exemplo de Shop, Parque Hotel, Tahiti, Bel Recanto, que existem e que até o momento estão silenciados pela produção historiográfica local, não o sendo pelos literatos que se referiram alguns desses estabelecimentos, ao escreverem um ‘roteiro sentimental’⁵⁵ da Rainha da Borborema, a exemplo do motel Dallas, referido nos versos de Cunha Lima (2001):

O Dallas sabe guardar
Conveniências de instantes
Os segredos dos amantes
Que se escondem para amar

As problematizações que tecemos, a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados, nos levaram a construir uma leitura ambivalente do uso do motel, pois, dependendo de quem seja o ator a atuar e praticar o motel, ou até mesmo a relatar sua prática/performance, o ponto de vista sobre esse espaço sofre significativas alterações. Nas narrativas dos garotos e garotas de programa, o quarto de motel é costumeiramente significado como um de seus vários locais de trabalho. Já os casais de namorados ou ficantes, que procuram os motéis em ‘noites avulsas de sexo’⁵⁶, podem percebê-los enquanto espaço

⁵⁴ Sexo XX. Geraldo Azevedo. Disponível em <http://letras.mus.br/geraldo-azevedo/277463/>. Acesso em jan de 2011.

⁵⁵ Título de uma obra escrita pelo poeta Ronaldo Cunha Lima, em 2001.

⁵⁶ Bauman explica, em sua obra *Amor Líquido*, que, atualmente, os casais se referem a noites avulsas de sexo como momentos nos quais eles vão fazer amor, levando-nos a perceber,

confortável e aconchegante para curtir o momento. Além desses atores, um casal que usa o mesmo espaço para encontros extraconjugais pode levá-lo a senti-lo enquanto cápsula protetora.

Tomamos, em nosso texto, o cuidado de relativizar algumas narrativas, uma vez que corroboramos com o pensamento de Holbwachs, quando este nos alerta para o fato de que

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ocupo, e que mesmo este lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros meios. (HOLBWACHS, 2007 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 20)

Esses espaços são pontos de encontros e de lutas de representação por onde desfilam corpos atuando, encenando, tanto na compra e venda de sexo, com a mercantilização do prazer, quanto no usufruto do amor, do espetáculo dos orgasmos, do sexo multifacetado. Nessas situações, as múltiplas identidades sexuais se afloram de forma intensa, livre, repertoriando suas práticas de maneira distante de alguns olhares castradores de determinados indivíduos, que ainda preservam valores morais conservadores que se visibilizam nas condenações sobre algumas opções sexuais e relacionais.

Longe de censuras, nos motéis campinenses, os corpos brincam, bailam ao ritmo dos desejos sexuais, fazendo com que os consumidores desses ambientes se transformem e sejam transformados ao sabor da imaginação, fugindo das convenções, da rotina, ainda que por alguns instantes, moldados ao calor do instinto, estabelecendo, praticamente, uma oposição homem/corpo. Ao se referir ao corpo, Le Breton (2007. p 84) afirma que

Destacado do homem, transformado em objeto ao ser moldado ao gosto do dia, o corpo se equivale ao homem, no sentido em que, se modificando as aparências, o próprio homem é modificado.
[...] o corpo não é mais uma máquina inerte, mas, um *alter ego* de onde emanam sensações e sedução.

É pertinente destacarmos que, embora estejamos diante de significativas alterações sobre as leituras em torno do que é permitido ou proibido quanto às

assim, que, nessa era do amor líquido, as palavras “amor” e “sexo” aparecem como se fossem sinônimos.

práticas sexuais bem como sobre os formatos dos relacionamentos e composição das famílias, nem todos os *scripts* permitidos nos interiores dos motéis podem ou devem ser publicizados, pois, o que é permitido entre as “quatro paredes” ainda se mostra, muitas vezes, inconveniente ou até mesmo, vetado em público.⁵⁷

3.5 - A SUÍTE SADO: FABRICANDO PRAZER A PARTIR DA DOR

Quarto escuro, em tons de vermelho e preto, algemas na cama e correntes compondo a decoração. Nesse cenário, adentram os dois em busca de uma dor tão intensa quanto as palpitações a que o coração dos aventureiros é capaz de se submeter, produzir, sentir. Inicialmente, ela o amarra, algema e começa a chicoteá-lo enquanto invade seu corpo propositadamente indefeso. Beija-o e morde de maneira repetitiva e intensa. Bebida é derramada nesse corpo, objeto de desejo e prazer. Ela saboreia, minuciosamente, o líquido que se mistura com o suor produzido pelo corpo que se debate enquanto deleitando-se, apanha. No final de tudo, ela deleita-se ao vê-lo quase sem forças, esgotado de dor e prazer, relaxado pela experiência única e inesquecível. Por alguns dias, a violência do ato intensificará o prazer. “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

A relação sexual que abre esse tópico do texto é fictícia, porém, tenta mostrar, não apenas o que a historiografia silenciou no estudo sobre os motéis, mas também, o que fazem os sujeitos que deles usufruem e os consomem. Estão eles cercados de silêncios e de lacunas, em suas narrativas. Dentre os silêncios que percebemos por parte dos atores praticantes, um, em especial, nos chamou muito a atenção, que foi o fato de que a pesquisa de campo nos levou a concluir que uma das suítes temáticas mais requisitadas do Shop Motel, segundo afirmou uma das donas do estabelecimento, é a sadomasoquista, a segunda suíte mais cara. Todavia, curiosamente, quase nenhum dos nossos entrevistados, que disseram frequentar o motel em

⁵⁷ Referimo-nos aqui a promotores, políticos e homens públicos que foram mencionados pelos travestis que fazem programas sexuais e revelaram ser costumeiramente procurados e ter seus serviços sexuais solicitados por esse tipo de clientela.

questão, assumem a preferência pela suíte e apenas Dionísio disse que “tem vontade, mas tá sempre ocupada”. Quando questionada sobre as suítes temáticas de maior procura, Atena (2012) revelou que: “As mais procuradas é... a sadomasoquista, né, a sado”.



Fig. 2 - A cama da suíte sadomasoquista do Shop Motel
Fonte: Neide Cordeiro de Oliveira

Destarte, determinadas práticas sexuais, que são freadas em lugares mais expostos e com atores sociais diversos, encontram nos motéis campinenses uma arena montada para essa luta entre o pode/não pode. Discreto o ambiente, discretos os atores, temos a receita do delirante prazer. Segundo Milene Ferreira, coordenadora do CIPMAC⁵⁸, em entrevista concedida à Apolinário Pimentel (2011),

Os travestis e michês são mais reservados. Eles costumam marcar encontros em lugares discretos e geralmente seguem de carro – com o cliente – direto para o motel. Alguns ficam circulando pelas praças centrais da cidade mantendo contatos “profissionais” e sempre estão a disposição a qualquer hora do dia ou da noite.

⁵⁸ CIPMAC é o Centro Interativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande-PB. A ONG é responsável pelo acompanhamento jurídico e psicológico de seus associados, além de ser responsável pelo oferecimento de oficinas de capacitação (artes plásticas, artesanato, culinária, cabeleireiro e informática). Ademais, faz distribuição de preservativos e material informativo sobre DST/AIDS. Segundo Milene Ferreira, o Ministério da Saúde envia para essa ONG 14 mil preservativos por mês e a média diária de uso de camisinhas gira entre 5 a 10 unidades por cada profissional do sexo.

Como a prática sexual é muito individual e íntima, tanto as prostitutas como os michês e travestis costumam manter sigilo absoluto de seus clientes. “É uma relação ética e de confiança”, afirma Milene Ferreira, revelando ainda que hoje é comum haver pessoas de todos os níveis sociais em busca de sexo, entre eles homens e mulheres casados, políticos, empresários e até mesmo religiosos.

A revelação da coordenadora do CIPMAC é confirmada por Caio Raí, michê há dois anos e que disse já ter atendido homens e mulheres em separado, e casais. “Já sai com empresários e políticos”, garante o jovem, que não larga o celular (seu maior instrumento de contato profissional). O michê disse que já esteve sentado na mesma mesa com um casal, só que nem o homem nem a mulher desconfiava que estava sendo traído. “Também já atendi muitos homens casados que não podem assumir ou revelar sua verdadeira opção sexual”, comenta.

Ao entrevistar o travesti de codinome Demeter, este afirmou que “tenho até clientes que já tenho promotores, né... políticos...”. Percebemos, assim, que, no discurso dos próprios garotos e garotas de programa, que mencionaram como clientes alguns homens públicos que ocupam cargos de visibilidade, chefia, há certa construção de uma identidade diferente por parte desses profissionais que deixam transparecer que ocupam um lugar social diferente daqueles atores sociais que também praticam a profissionalização do sexo, mas, que são preteridos por esse tipo de consumidor do sexo por estes oferecido, ou seja, que não são contratados por esse tipo de clientela. Segundo Hall (2009, p. 13),

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação à forma pela qual somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Pensamos o quarto de motel como um espaço também de disputas de poder, um território onde se travam lutas identitárias. Disputas estas que começam ainda em casa, no bar, na roda de amigos, enfim, começam ainda nas urdiduras sociais, no ato de arrumar-se, de projetar-se para o outro, de identificar-se, de criar uma performance. Entendemos esse espaço, também,

como lócus de um modelo de cidade que culturalmente acomoda, patrocina, mas também, marginaliza e rejeita seus diversos atores, em suas artes de fazer o amor e exercitar suas identidades relacionais e afetivas, sejam sólidas, sejam líquidas (BAUMAN, 2004). Nesse sentido, os atores nos motéis permitem que seus corpos se enrosquem na medida do desejo, sem que os diretores possam fazer quaisquer tipos de cortes.

Ao abrir as portas do espaço motel e apresentá-lo enquanto objeto de estudo ao mundo acadêmico, uma questão requisita nossa atenção especial – contribuir para a dilatação da leitura dos laços de afetividades construídos atualmente entre os ocupantes dos motéis, que são antenados com os relacionamentos abertos e com o poliamor, que é conceituado:

Academicamente, Haritaworn *et alii* (2006, p. 518) definem poliamor como “a suposição [*assumption*] de que é possível, válido e valioso [*worthwhile*] manter relações íntimas, sexuais e/ou amorosas com mais do que uma pessoa”. Ritchie & Barker (2006, p. 584) apontam o poliamor como uma “narrativa sexual emergente”, que tem que contender com a mono-normatividade associada à hetero-normatividade vigente. De acordo com Meg Barker (2005, p. 76), a maior parte das definições correntes “incluem a noção de que é possível manter múltiplas relações amorosas e desejável ser-se aberto e honesto dentro destas relações”. (CARDOSO, 2010, p.52).

Dessa forma, os motéis são, na atualidade, palcos onde os atores em cena podem experimentar relacionamentos flexíveis e ecléticos, que vão desde os encontros de casais de namorados, ficantes, casais casados heterossexuais até os casais homossexuais. Além disso, são espaços para a realização de encontros entre garotos e garotas de programa com seus respectivos clientes, com “pacotes de fim de noite ou de semana”, bem diferente do que já fora feito no Eldorado e nos rói-couros, onde, na maioria das vezes, o que aflorava era, quase exclusivamente, o amor pago. Ao analisar esse aspecto, Cavalcanti (2009, p. 59) afirma que

Desautorizado o casamento religioso, dentro de uma ordem patriarcal, e, ao mesmo tempo, o casamento civil, num universo de códigos burgueses, Campina como mulher desordeira que se torna, vai resignificar normas e valores instituídos jurídica, religiosa e costumeiramente, pois, depois de conhecer o amor mercantil-sexual não-institucionalizado e às vezes não legitimado, vai colocar em outros lugares sociais; lugar da concubina, da amante, da amásia.

Nos dias de hoje, há, em Campina, um deslocamento de papéis, qual seja, a velha cafetina e outras modalidades de agenciadores de programas sexuais padecem e são suplantadas pelas facilidades ligadas à vida moderna, que trouxe à tona a tecnologia a serviço dos garotos e garotas de programa, os quais têm acesso fácil à telefonia móvel cada vez mais popularizada e acessível.

Por viverem numa realidade na qual os avanços nas comunicações facilitam os contatos e encurtam significativamente as distâncias, os protagonistas e coadjuvantes do amor pago desligam-se da dependência em relação aos donos ou gerentes dos locais anteriormente usados para realizar seu trabalho, uma vez que podem ser acionados pelos clientes de forma direta, sem intermediários, a qualquer hora do dia ou da noite. Jornais, sites na internet, redes sociais figuram como novos espaços a serem praticados de formas variadas, propagandeando as maravilhas possibilitadas pelos corpos com prazer à venda.

Da exposição nos cassinos, bares, pousadas e bordéis, passamos para os sigilosos motéis. Dos espaços do consumo cheios de encantos da prostituição feminina luxuosa, nacional e internacional, enveredou-se pelo consumo exacerbado da prostituição – além da tipicamente feminina, da masculina e homossexual –, experimentada por alguns clientes do sexo masculino, que deletaram o machismo patriarcal, ao menos nas práticas carnavais, de braços que se abraçam em ambientes sigilosos.

Nas décadas de 30 e 40 do século XX, Campina passou por um processo de urbanização arbitrária sob as ordens do prefeito Vergíniaud Wanderley, que pensou numa cidade economicamente próspera com ares de modernidade, modernidade esta que se verificava em algumas capitais do Brasil, bem como em algumas regiões da Europa e dos Estados Unidos.

Naquele momento, o poder público campinense, ancorado no discurso médico-higienista, utilizado como justificativa ideológica para a erradicação de algumas doenças, deslocou das áreas centrais da cidade, por onde a elite política e econômica transitava, as edificações indesejáveis, sem estética. Na década de 1930, a sociedade campinense pressionara ainda pela exclusão das vendedoras de prazer das áreas por onde transitavam as famílias tradicionais. Segundo Nascimento (2008, p. 99-100),

Como os pedidos eram muitos e a solicitação de tomadas de providências por parte dos prefeitos da cidade eram constantes, as prostitutas foram transferidas nos primeiros anos da década de 1930 para a região dos Currais, onde funcionava a feira de gado da cidade.

Diante desse contexto de alterações espaciais, presenciamos ainda uma mudança nos lugares onde a sexualidade, em momentos anteriores, verificada nos bordéis e na feira, será praticada. Arejava-se o ambiente e tirava-se do convívio com as pessoas consideradas íntegras, a mulher de vida fácil. A respeito da desodorização do espaço urbano, no contexto da década de 1940, Cavalcanti (2000, p. 73) afirma que

A feira, com sua sujeira, seu barulho e a mistura de “vozes e cheiros” que lhe são característicos, era realizada na Rua Maciel Pinheiro, antiga Rua Grande, e foi reconduzida para a periferia leste, no conhecido “Beco das piabas”, lugar para onde foi também “rói-couro”, antigos bordéis da rua \$ de outubro (atual Major Jovino do Ó). Formou-se então, na região leste, um grande comércio de peles, peixes e “carnes” humanas para todos os gostos; uma mistura e um comércio anti-higiênicos e anti-imorais que, portanto, deveria manter-se à distância do olfato da fina elite.

Sendo assim, com o crescimento acentuado do número de motéis, presenciamos outro tipo de saneamento e limpeza do espaço para a prática do sexo e exercício da sexualidade campinense, com uma roupagem nova, que, inversamente ao que ocorreu no período anteriormente citado, é encabeçado pela esfera privada. Um aspecto que deve ser ponderado é que, já que, a exemplo do que ocorreu nos anos 30 e 40, um deslocamento dos lugares propícios ao sexo pago. Ou seja, embora alguns cenários tenham mudado bastante, alterando determinadas tramas e personagens, percebemos certas permanências dos traços típicos do meretrício já que os motéis campinenses também são manipulados para a prostituição.

Os cabarés eram administrados por agenciadoras e agenciadores que se valiam do trabalho prestado pelas meninas dessas casas de prostituição para ganhar dinheiro de forma fácil. Já nos motéis, existe um lucro muito mais acentuado do que ocorre nos remanescentes locais de Campina, só que, desta feita, a geração de riquezas não se efetua apenas com a prostituição feminina, mas também com a masculina e a homossexual, sobretudo com a ocupação dos seus espaços por casais dos mais diversos formatos e interesses que não

o fazem, boa parte das vezes, com o objetivo de praticar ou consumir a prostituição.

Contudo, é válido salientar que os hotéis não passaram por uma tentativa de deslocamento físico, cartográfico, de marginalização, segregação. Pelo contrário, temos sua alocação em áreas privilegiadas da cidade, como o bairro do Catolé, ou em áreas um pouco mais distantes, como é o caso do Shop Motel. Inverte-se a lógica aplicada décadas atrás. Hoje, a preocupação não está centrada na proteção da sociedade do contato com relacionamentos e pessoas vistas e ditas como promíscuas e indecorosas, mas, inversamente, procura-se proteger os frequentadores desses espaços dos olhos da sociedade conservadora e “desmancha-prazeres”, com seus valores morais que insistem em querer pedagogizar os comportamentos sexuais.

Há, nesse sentido, um planejamento estratégico com vistas a resguardar a individualidade e a vida privada de seus frequentadores, garantindo uma relevante lucratividade. Asseio, beleza, conforto, privacidade, relativa segurança são alguns dos atrativos disponibilizados no ambiente de alguns hotéis campinenses, que figuram nessa nossa “modernidade líquida” (BAUMAN, 2004) como uma espécie de “cápsula defensiva”, numa realidade em que a preocupação com a tranquilidade e a reserva da vida privada levam-nos a buscar ambientes cada vez mais restritivos. Quando questionado sobre as razões que o levam a optar por realizar encontros amorosos nos hotéis, Ares (2011), afirmou que “são lugares aconchegantes, discretos, e necessários para prática sexual com segurança e comodidade”.

A violência urbana também é fator que tem levado os indivíduos a buscar se proteger, e isso não ocorre apenas em relação ao lazer-prazer, mas também no tocante à busca de um lugar para residir. É notório o crescimento de condomínios fechados que se apresentam como verdadeiros “guetos (in)voluntários, fechados, vigiados, monitorados, concebidos para interceptar, filtrar ou rechaçar os aspirantes a usuários. Trata-se de um lugar isolado que fisicamente se situa dentro da cidade, mas, social e idealmente, está fora dela” (BAUMAN, 2009. p. 39).

Há uma necessidade de proteger os corpos da família, dos indivíduos, buscando isolá-los de todos os perigos reais que existem na cidade atual: assaltos, sequestros, invasões de residências, estupros. No entanto,

lamentavelmente, percebemos que essa busca desenfreada por proteção deixa-nos, além de reservados, camuflados sob um escudo de proteção de nossos corpos. Ficamos, também, encarcerados em nossas casas, que ganham uma espécie de *status* de prisão, de celas. Ao nos proteger, estamos também podendo nossos movimentos, perdendo a nossa liberdade de ir e vir com segurança.

No tocante ao deslocamento geográfico das áreas para encontros ligados ao prazer sexual, se faz pertinente ponderarmos que o mais recente estabelecimento do ramo (m)hoteleiro, o Delírius, foi construído de forma bastante incomum para esse tipo de negócio – no perímetro urbano, às margens de uma movimentada BR, dentro da cidade e cercado de estabelecimentos comerciais, bem como de residências. Essa localização nos faz pensar no quanto naturalizou-se a existência dos motéis, lugares de gozo sexual. Inclusive, no início de seu funcionamento, tinha sua saída para a rodovia, mas, depois, promoveu um desvio para trás do motel, dando condições para que a privacidade seja usufruída antes, durante e depois do uso desse espaço.

Embora atualmente outros motéis também estejam localizados dentro da cidade de Campina Grande, a exemplo do Taity e o Bel Recanto, diferentemente do Delírius, eles não foram construídos na cidade, inversamente, ela é que cresceu e deles se aproximou e os abraçou.

ATO IV – EM BUSCA DOS DESEJOS – O AMOR, O CORPO, A VIGILÂNCIA E A SEXUALIDADE ENTRE PAREDES ESPELHADAS

O olhar percorre as ruas como páginas escritas: a cidade diz tudo que devemos pensar, faz-nos repetir o seu discurso, e enquanto julgamos visitar Tamara limitamo-nos a registrar os nomes com que ela se define a si mesma e a todas as suas partes. Como realmente é a cidade sob esse imenso invólucro de sinais, o que ela contém ou oculta, o homem sai de Tamara sem tê-lo sabido. (Ítalo Calvino)

A passagem do texto de Ítalo Calvino nos ajuda a pensar este momento de nossa escrita, pois, do mesmo jeito que o narrador do texto apresenta as dificuldades por ele vivenciadas na compreensão da cidade de Tamara – que dela pelo “invólucro de sinais, o que contém ou oculta, o homem sai de Tamara sem tê-lo sabido” –, nós estamos considerando bastante complexo o processo de problematizar da intimidade vivida no interior do motel. Essa complexidade resulta do fato de que, mesmo ouvindo as narrativas dos praticantes desses ambientes e embora saibamos que há muito para o homem *é/era/será* mais importante, muitas vezes, ouvir dizer do que ver é prematuro neste momento, revelar tudo o que em seus interiores se passa, uma vez que nem sempre os transeuntes revelam detalhes, o que acaba por deixar ainda muitos silêncios a serem posteriormente quebrados sobre esse espaço praticado.

Neste ato de nosso espetáculo, discutimos a passagem de um modelo de relacionamento pautado em vínculos, compromissos, em um projeto futuro, ou seja, o casamento, para o amor em sua feição mais recente – o amor líquido⁵⁹. Entendemos que este contribuiu para que o motel ganhasse o *status* de um espaço pedagogicamente idealizado e planejado, no qual os indivíduos podiam sentir e usufruir, de maneira mais confortável e conveniente, dos prazeres do corpo e do sexo.

⁵⁹ Apropriamo-nos do termo, que é de Zigmunt Bauman. Tomamos de empréstimo por considerá-lo o mais adequado para pensarmos essas relações atuais que se constroem e se desfazem com facilidade e rapidez. Outro autor que discute o amor regado a compromisso distinto do amor romântico, ou seja, sem laços duradouros, é Antony Giddens, sendo que este apresenta o amor físico e momentâneo conceituando-o como amor *passion*.

Não desconsideramos aqui a ocorrência e convivência simultânea de vários modelos de relacionamentos. No entanto, elegemos para o fechamento de nossa pesquisa as transformações que irão ocorrer nos modos de amar enquanto elementos facilitadores do aparecimento de espaços que se mostram adequados ao exercício do amor, discutindo, especificamente, a passagem do amor romântico ao líquido, sendo o segundo o que viabiliza o espaço do motel.

4.1. EMBALADOS PELO DESEJO

Início dos anos 90. Num lugar e numa noite qualquer de Campina Grande. Eles se veem, trocam olhares e sorrisos, dançam, bebem, exibem-se com gestos delicados e insinuantes, paqueram e se aproximam. Do toque ao cheiro, ao calor, ao hálito, alimenta-se um desejo, um convite irresistível ao amasso, às carícias, ao afago, ao sabor, às sensações. Num impulso, dali para o motel⁶⁰, apenas alguns minutos os afastam do ato sexual, do fazer amor. Esse desejo fugaz foi alimentado e esvaziado na mesma velocidade. Fechado o portão do motel, o desejo já não existe mais, não guarda lembranças especiais. Foi descartado. Porém, “as portas estarão sempre abertas a outras possibilidades românticas na era do amor líquido.” (BAUMAN, 2004, p. 23).

A descrição anterior, que antecede a citação de Bauman, é fictícia, porém, guarda consigo o caráter da verossimilhança. Nela, tal como em diversas narrativas dos frequentadores de motéis, desejo, atração, tesão e amor líquido se misturam, se confundem, hibridizam, para, em seguida, seguirem trilhas distintas já que, nas últimas décadas, segundo Bauman (2004, p.25),

Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da fama de tecer redes. Fíeis a sua natureza, o amor se empenha em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor.

⁶⁰ Consideremos também que a maioria dos entrevistados narrou que também faz amor, transa costumeiramente nos próprios automóveis.

Da facilidade com que os encontros amorosos acontecem e não se repetem, nós os percebemos enquanto traço característico de uma geração dada a amar o corpo mais do que o próprio indivíduo que o identifica. Esse novo jeito de praticar o amor está ligado ao desejo, ao prazer sexual e, por isso mesmo, ama-se o corpo que dá prazer e não o sujeito com seus sentimentos e suas subjetividades e amam-se muitos corpos simultaneamente e, assim, poucos sujeitos em sua essência, individualidade, sua alma. Discutindo essa identificação do sujeito com o seu corpo, LE BRETON (2011), afirma que:

O corpo da Modernidade se torna um *melting pot* bem próximo das colagens surrealistas. Cada ator “bricola” a representação que faz do seu próprio corpo, de maneira individual, autônoma, mesmo se retira, para tanto, no ar do tempo, o saber vulgarizado das mídias, ou a causalidade de suas leituras e de seus encontros pessoais. (LE BRETON, 2011, p. 21),

Esse amor efêmero, contingencial, potencializa as sensações físicas em detrimento das expectativas da alma do sujeito enquanto pessoa. Essa nova arte de amar não discrimina os sexos, não faz distinção de gênero, visto que tanto homens quanto mulheres – sobretudo depois que elas se libertaram das exigências da reprodução, da obrigatoriedade de constituir família – aspiram cada vez mais os beijos, as carícias e alimentam as compulsões sexuais e eróticas que satisfazem a fome de prazer dos corpos, os orgasmos múltiplos, nessa modalidade de relação amorosa na qual:

O acesso ao corpo do outro não impõe nenhuma reticência. O erotismo ou a ternura não dosam as carícias, os beijos na boca, nas bochechas, no pescoço e em outras partes do corpo. O prazer partilhado da oralidade se desenrola não apenas no gozo do rosto, mas de toda parte onde se aplicam os lábios, pois, no desejo de outrem, tudo é ao mesmo tempo desejo e jubilação (LEBRETON, 2009. p.84)

Onde estaria, então, a fronteira entre o amor e o desejo sexual? Será que existe fronteira? Será que é possível separá-los ou dividi-los? Eles têm alguma importância, separados? Nas relações mercantilizadas, sexo e desejo não se confundem com amor. Entre os amantes e ficantes, essas ações se opõem. Cantemos com Rita Lee estas diferenças:

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte...
Amor é pensamento
Teorema
Amor é novela
Sexo é cinema..
Sexo é imaginação
Fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia...
O amor nos torna
Patéticos
Sexo é uma selva
De epiléticos...
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Oh! Oh! Uh!
Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom
Amor é do bem...
Amor sem sexo
É amizade
Sexo sem amor
É vontade...
Amor é um
Sexo é dois
Sexo antes
Amor depois...
Sexo vem dos outros
E vai embora
Amor vem de nós
E demora...

(Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor)⁶¹

⁶¹ Amor e sexo. Rita Lee. Disponível em: <http://letras.mus.br/rita-lee/74440/> . Acesso em Nov de 2011.

Problematizando os versos da canção, percebemos que amor e sexo se afastam e aparecem de forma distinta, guardando suas particularidades, como se fossem opostos. Instintivo, o sexo se opõe ao amor, que, nas palavras dos criadores da canção, é divino. A modalidade de amor romantizado já não se sustenta mais, ao menos não possui o caráter de modelo hegemônico. Para Bauman (2007, p. 25),

Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro.

Nas narrativas dos praticantes dos motéis, observamos que há certo reordenamento e uma tentativa de adequação do amor aos tempos atuais. Assumindo a configuração de líquido, o amor passa a estar dissociado de laços de afetividade, das emoções e liga-se muito mais à satisfação dos desejos físicos, eróticos e sexuais dos corpos, deixando o coração e o amor intenso de lado. As relações fluidas são sexuais, corporais, erotizadas, carnavais e, eventualmente, pessoais, amarradas com compromissos, estabilidade, durabilidade.

No percurso da humanidade, o feitiço do amor encantou e desencantou os indivíduos, fez/faz feliz e fez/faz sofrer mulheres e homens de todas as idades, opções sexuais, condições socioeconômicas e culturas diversas. O cupido não escolhe seus alvos, ele apenas os acerta, flechando-os. Só que, na era do amor líquido, nem sempre há ligação entre esse sentimento e o casamento, de tal forma que, com a multiplicidade de encontros casuais que se fazem e desfazem rapidamente, o cupido anda trabalhando incansavelmente. Discutindo as relações entre amor, casamento e sexualidade, Araújo afirma que

O amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiu [sic!] com a ordem burguesa, mas só ganhou [sic!] feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento. O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução. (ARAÚJO, 2011, p. 20)

Não se pode usar fórmulas e receitas prontas para aprender a amar. Aprendemos esse sentimento praticando, amando. Cada indivíduo, em cada sociedade, ama à sua maneira. Em alguns momentos, o amor é platônico; em outros, assume a forma física e é consumado num relacionamento estável e duradouro; em outros, ainda, o amor é aprendido na ausência do ser amado que passa a ser idealizado e desejado ardentemente. Nesse último caso, o amor vira protagonista de uma relação com idas e vindas, na qual tanto faz feliz como faz sofrer, ao aprisionar o indivíduo na vontade de finalizar e recomeçar simultaneamente a relação, brincando de ser feliz, tal como aparece na canção abaixo:

Tranquei a porta do meu peito
Depois joguei a chave fora
E bem depressa eu mandei
A solidão embora...

E nem dei o primeiro passo
Já dei de cara com você
Me olhando com aquele jeito
Que só você tem
Quando quer me vencer...

Dona das minhas vontades
Com a chave da paixão
Tranqüilamente vai e volta
Entra e abre a porta
Do meu coração...

Já sabe do meu ponto fraco
Das minhas mánhas e desejos
Desliza sobre a minha pele
Põe na minha boca
O mel dos seus beijos...

Como é que eu posso
Me livrar das garras
Desse amor gostoso
O jeito é relaxar
E começar
Tudo de novo
Como é que eu posso
Não querer
Se na verdade
Eu quero: bis
Rolar com você
Nem que seja
Prá brincar
De ser feliz...(2x)

(Xitãozinho e Xororó)⁶²

⁶² Brincar de ser feliz. Xitãozinho e Xororó. Disponível em: <http://letras.mus.br/chitaozinho-e-xororo/45217/> . Acesso em nov de 2011.

Discutindo sobre as nuances e a multiplicidade de formas de praticar o amor, Priore (2006, p.13) afirma que

O amor e suas práticas estão inscritos em nossa natureza mais profunda. Cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seus sistemas, representando-o à sua maneira. Há quem diga que ele é uma invenção do ocidente. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. O de ontem não é o mesmo de hoje. Isso porque, diferentemente dos tubarões, o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos.

É nessa esteira de mudanças e adequações do amor aos lugares sociais e tempos históricos que transitamos nas sensações, frustrações, realizações e ilusões confeccionadas pelo amor e sua unimultiplicidade.

4.2 - SOBRE O AMOR ROMÂNTICO, SEU REORDENAMENTO E ADEQUAÇÃO AOS NOVOS TEMPOS

Eu sou aquele amante à moda antiga,
Do tipo que ainda manda flores;
Aquele que no peito ainda abriga
Recordações de seus grandes amores.

Eu sou aquele amante apaixonado,
Que curte a fantasia dos romances,
Que fica olhando o céu de madrugada
Sonhando abraçado à namorada.

Eu sou do tipo de certas coisas
Que já não são comuns nos nossos dias:
As cartas de amor, o beijo na mão,
Muitas manchas de batom
Daquele amasso no portão.

Apesar de todo progresso,
Conceitos e padrões atuais,
Sou do tipo, que na verdade,
Sofre por amor e ainda chora de saudades,

Porque sou aquele amante à moda antiga,
Do tipo que ainda manda flores.
Apesar do velho tênis e da calça desbotada,
Ainda chamo de querida a namorada.

(Roberto Carlos)⁶³

⁶³ Amante à moda antiga. Roberto Carlos. Disponível em: <http://letras.mus.br/roberto-carlos/48549/>. Acesso em Nov de 2011.

A canção amante à moda antiga de Roberto Carlos, que aparece como epígrafe deste momento de nossa peça, nos ajuda a pensar o amor romântico, descrito de maneira nítida, na composição. Cartas, flores, carinho, ficar junto e, mesmo separado, o indivíduo “sofre por amor e ainda chora de saudades”. De tantos suspiros em torno da pessoa amada, o amante “à moda antiga” saboreava, de maneira duradoura, os relacionamentos e, ainda que se desligasse destes, guardava no peito “recordação dos seus grandes amores”. Esse amor é, portanto, um sentimento que completa o ser amante. Ao discutir essa relação estabelecida pelo amor romântico, Giddens (2004, p. 51) afirma que:

Frequentemente considera-se que o amor romântico implica atração instantânea – “amor à primeira vista”. Entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ele tem que ser completamente separado das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado. O “primeiro olhar” é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, “completa”.

Esse amor romantizado e enraizado, que culminava costumeiramente em um casamento, por vezes, único, anda se desfazendo e sendo diluído nas últimas décadas. Isso pode ser percebido a partir da problematização feita sobre os dados apresentados pelo Censo 2010, visto que, segundo os números divulgados, a taxa de divórcio entre os brasileiros anda crescendo consideravelmente. Vejamos a tabela:



Fig. 3. Evolução da taxa de divórcios a cada 1000 pessoas

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Ao discutir o amor romântico, Giddens (op. cit.) afirma que, para os homens, havia uma tensão entre o amor romântico e o amor paixão, que eram tratados separando o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta. Consoante esse mesmo autor,

Juntamente com outras mudanças sociais, a difusão de idéias do amor romântico estava envolvida com transições importantes que afetaram o casamento e também os outros contextos da vida pessoal. O amor romântico presume algum tipo grau de autoquestionamento. Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente ao meu respeito? Será que os nossos sentimentos são “profundos” o bastante para suportar um envolvimento prolongado? Diferente do amor passion, que extirpa de modo regular, o amor romântico desliga o indivíduo de situações sociais mais amplas de uma maneira diferente. Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro previsto, mas maleável; e cria uma “história compartilhada” que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial (GIDDENS, 2004, p. 56).

Construído culturalmente durante muito tempo, com um enredo que deveria desenhar o roteiro da vida dos atores nele envolvido para ser para sempre, o amor romântico fazia/faz/fará suspirar os jovens enamorados que eram/são/serão embalados por canções que são testemunhos involuntários dessa arte de ligar corpos, mentes, coração. Sintamos o clima:

Tudo nesse mundo pode se modificar
 Pode até mudar a posição do sol e o mar
 Que eu vou te amar
 Eu vou te amar
 Haja o que houver
 Nada vai mudar
 Cada vez maior eu sei que o nosso amor será
 Pra sempre
 Esteja onde estiver
 Passe o tempo que passar
 Não importa quando
 Eu sei que o nosso amor será
 Pra sempre
 Dias vão nascer
 Estaremos lado a lado
 Ventos vão soprar
 Estaremos abraçados

E a noite as estrelas no céu
 Estarão sorrindo
 Olhando pra nós e dizendo
 Como esse amor é lindo
 Tão lindo, tão lindo
 Haja o que houver
 Nada vai mudar
 Cada vez maior eu sei que o nosso amor será
 Pra sempre
 Sempre nos amamos
 Em algum tempo, em algum lugar
 São as nossas almas que se amam e vão se amar
 Pra sempre
 Por séculos, milênios
 Dimensões qualquer lugar
 Somos um do outro
 E assim sempre será
 Nada vai mudar
 A gente vai se amar
 Pra sempre
 Pra sempre
 Pra sempre
 Pra sempre
 Pra sempre
 E a noite as estrelas no céu
 Estarão sorrindo
 Olhando pra nós e dizendo
 Como esse amor é lindo
 Tão lindo, tão lindo
 Haja o que houver
 Nada vai mudar
 Cada vez maior eu sei que o nosso amor será
 Pra sempre
 Sempre nos amamos
 Em algum tempo, em algum lugar
 São as nossas almas que se amam e vão se amar
 Pra sempre
 Por séculos, milênios
 Dimensões qualquer lugar
 Somos um do outro
 E assim sempre será
 Nada vai mudar
 A gente vai se amar
 Pra sempre
 Pra sempre
 Pra sempre
 Pra sempre

(Pra sempre - Roberto Carlos)⁶⁴

⁶⁴ Pra sempre. Roberto Carlos. Disponível em: <http://letras.mus.br/roberto-carlos/77584/> . Acesso em Nov/2011.

Esse diálogo a que nos propomos fazer entre a História e a música nos ajuda a investigar o amor romântico, enquanto elemento que traçava o percurso dos jovens casais que deveriam passar da paquera ao namoro, ao casamento, à eternidade. Nesse sentido, além da canção, nos apoiamos nas discussões em torno desse laço, que se pretendia eterno, promovidas por Giddens (2004, p.58):

O caráter intrinsecamente subversivo da idéia do amor romântico foi durante muito tempo mantido sobre controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre. Quando o casamento, para a maioria da população, efetivamente era para sempre, a congruência estrutural entre o amor romântico e a parceria sexual estava bem delineada. O resultado pode, com frequência, ter sido anos de infelicidade, dada a conexão frágil entre o amor como uma fórmula para o casamento e as exigências para se progredir posteriormente.

Algumas mulheres de hoje já não priorizam o casamento em detrimento da realização pessoal e profissional. Quando decidem priorizá-lo, constituem um relacionamento com ou sem filhos, mas, esse relacionamento ajuda apenas a compor, acrescentar ao seu projeto de vida. O casamento não é o único objetivo ou projeto futuro, bem como não é sinônimo de realização pessoal para grande parte das mulheres. Em certo sentido, não há incômodo quanto ao fato de muitas optarem por não ter filhos, pois não se sentem mais culturalmente condicionadas a constituir família, nos moldes tradicionais, ou seja, casal casado com prole.

Há que se ponderar ainda que os juízos de valor tecidos a esse respeito já não criminalizam – ao menos na mesma proporção de antes – as mulheres que optam por esse modelo de vida e que os discursos que circularam durante muito tempo, caracterizando o papel do feminino nos espaços da sociedade a partir de um projeto convencional de família, já não se sustentam mais.

Talvez, para essas mulheres modernas, não tuteladas, “sinônimo de amar é sofrer”, conforme enreda a canção a seguir:

Quanto o tempo o coração
Leva prá saber

Que o sinônimo de amar
É sofrer...

No aroma de amores
Pode haver espinhos
É como ter
Mulheres em milhões
E ser sozinho..

Na solidão de casa
Descansar
O sentido da vida
Encontrar
Quem pode dizer
Onde a felicidade está...

O amor é feito de paixões
E quando perde a razão
Não sabe quem vai machucar
Quem ama nunca sente medo
De contar o seu segredo
Sinônimo de amor é amar...

Quem revelará o mistério
Que tem a fé
E quantos segredos traz
O coração de uma mulher
Como é triste a tristeza
Mendigando um sorriso
Um cego procurando a luz
Na imensidão do paraíso
Quem tem amor na vida
Tem sorte
Quem na fraqueza sabe
Ser bem mais forte
Ninguém sabe dizer
Onde a felicidade está...

O amor é feito de paixões
E quando perde a razão
Não sabe quem vai machucar
Quem ama nunca sente medo
De contar o seu segredo
Sinônimo de amor é amar...(2x)

(Sinônimos - Composição: Augusto / Claudio Noam / Paulo Sérgio)⁶⁵

Como sugere a canção, visualizamos que o amor romântico, ao mesmo tempo que estabelecia um compromisso entre os pares e assim os fazia

⁶⁵ Sinônimos. Zé Ramalho. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/sinonimos.html>. Acesso em nov/2011.

felizes, por vezes, também os fazia sofrer, já que, quando feito de paixão, “perde a razão e não sabe quem vai machucar”.

Do amor romântico ao líquido percebemos um feitiço diferente para os modelos de família, pois, nos últimos anos se avoluma os relacionamentos flexíveis e fluidos e esse caráter passageiro supostamente está interferindo nos novos paradigmas em torno da família ideal já que os últimos dados divulgados pelo IBGE endossam essa nossa afirmativa de que há uma tendência de construção de novas configurações de família com uma redução crescente na taxa de fecundidade dado que, de acordo com o que foi apurado em 2010:

A taxa de fecundidade no Brasil apresentou queda de 20,1% na última década, passando de 2,38 filhos por mulher, em 2000, para 1,90 em 2010, número abaixo do chamado nível de reposição (2,1 filhos por mulher) que garante a substituição das gerações. O declínio ocorreu em todas as regiões, observando-se as maiores quedas no Nordeste (23,4%) e no Norte (21,8%), seguidas pelo Sul e Sudeste (cerca de 20,0%, ambas) e pelo Centro-Oeste, com a menor queda (14,5%). (Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina=1>. Consulta realizada em 27 abril 2012)⁶⁶

Nesse sentido, percebemos nitidamente que há uma reorganização nos relacionamentos e nos espaços permitidos ou vetados a alguns indivíduos na intimidade, espaços e relacionamentos estes que sugestionam uma nova ordem relacional que conduz os sujeitos anteriormente vinculados a relacionamentos afetivos pensados para uma vida inteira, a dois, para novas feitura de relação. Para Giddens (2004, p.54),

Se as adolescentes não falam muito sobre o casamento, não é por não terem realizado uma transição bem-sucedida para um futuro não-doméstico, mas porque são participantes, e colaboradoras, de uma reorganização importante porque realmente passa o casamento e outras formas de vínculo pessoal próximo. Falam mais em relacionamentos do que no casamento em si, e estão certas em assim fazê-lo.

O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado. Como revelou Francesca Cancian, antes do final do século XVIII, se de algum modo se falava de amor em relação ao casamento, tratava-se de um amor de companheiros, ligado à responsabilidade mútua de maridos e esposas pelo cuidado da família ou da propriedade.

⁶⁶ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina=1

As duas últimas gerações campinenses são filhas da liberdade sexual. As gerações que são contemporâneas dos motéis são herdeiras da Revolução Sexual e da quebra de tabus sexuais, como a exigência da virgindade mantida até o casamento, muitas vezes única exigência, já que os toques mais íntimos, os amassos, não são passíveis de negociação, são pré-requisitos. Essas gerações não precisaram construir os motéis, apenas consumi-los.

É interessante observarmos que a idealização dos espaços e cenários para o exercício prático do amor está intimamente ligada aos ideais alimentados pelo amor líquido. Isso se justifica pelo fato de que o amor romântico era um encontro de almas que nutriam, na caminhada sentimental, projetos futuros de vida a dois, culminando no confinamento da sexualidade, sobretudo a feminina, e na sacralização do espaço doméstico que se mostrava capaz de realizar um sexo/amor seguros. Para Giddens (2004, p. 51)

Nas ligações do amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. A importância deste ponto dificilmente pode ser muito enfatizada. A idéia do amor romântico é, neste aspecto, tão historicamente rara quanto os traços de Max Weber encontrou associados na ética protestante. O amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a "virtude" começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como "especial".

E o debate em torno do que é fogo, amor, sexo, prazer e preocupação, carinho, compromisso, é realçado também nas colocações do mesmo autor que adentra no que o amor tem de, talvez, mais inesquecível – o apelo à intimidade, pois:

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ele é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história –, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro. (GIDDENS, 2004, p. 56).

E hoje, na era do amor líquido, e de relacionamentos declaradamente abertos⁶⁷, como amamos e dizemos o amor? É basicamente essa inquietação que norteia este momento de nosso texto: como as maneiras de amar e relacionar-se dos sujeitos atuais, e de que maneira essa forma recente de amar e relacionar-se, interferiu e contribuiu para a construção e aceitação de um espaço físico adequado à prática de um amor volátil que culturalmente está sendo aceito, naturalizado e praticado?

Esta é ainda a era dos relacionamentos que se iniciam à distância e que chegam para os sujeitos das maneiras mais variadas, sem escolhê-los...eles é que fazem ou não a opção. A título de exemplificação, temos os canais de televisão que ensinam os telespectadores a iniciarem um Superpapo⁶⁸, cobrando pelo prazer sexual via ligação telefônica. Para ocorrer o Superpapo, o indivíduo precisa estar e permanecer na linha (se possível, por muito tempo, pois a ligação é cobrada por minuto mais taxas) para alimentar as mais variadas e impensáveis fantasias sexuais sussurradas ao pé do ouvido por uma bela, porém desconhecida, mulher, ou por um também desconhecido rapaz de corpo escultural. Vale salientar que essas imagens são imaginadas com base na voz transmitida do outro lado da linha. Todavia, existe a possibilidade de o indivíduo, embora tenha nascido com uma bela voz, não ser atraente. O fato é que ele consegue estimular a imaginação para o sentir, por meio de palavras excitantes, ditas em tom de lascívia, capazes de deixar ofegante o corpo do sujeito que ouve as fantasias sexuais e, sozinho, saboreia o gozo pleno do sexo acompanhado a distância.

No seu livro *Amor líquido*, Bauman (2004, p. 24) afirma que o amor significa “um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ou a – ciumentamente – guardar, cercar, encarcerar”. Se o amor significa esse estado de coisas e de comportamentos, o quarto de motel é o lugar que permite que

⁶⁷ Chamamos aqui de relacionamento aberto uma nova modalidade de envolvimento no qual o casal se envolve sexualmente com outros parceiros com a permissão e consentimento de ambas as partes. Nessa modalidade de relacionamento, não há restrição para os pares de se relacionarem com outros indivíduos de maneira descompromissada.

⁶⁸ Superpapo é uma modalidade de relacionamento que funciona como um chat propagandeado por algumas redes de televisão, como a REDETV. Nessa modalidade, o indivíduo supostamente conversa pelo telefone com alguém que aparece na propaganda do chat, veiculada na televisão.

se ame, afague, mime, acaricie, guarde – ainda que por algumas horas, cerquem-se e encarcerem-se esses corpos amantes, sedentos de prazer que brincam, momentaneamente, de ser felizes.

Embora os novos modelos de relacionamentos afetivo-sexuais sejam cada vez mais praticados, é pertinente atestar que os amores virtuais, digitais, vivenciados muitas vezes apenas na frente das telas de computadores, celulares ou tablets⁶⁹, em seu maior tempo convivem, simultaneamente, com os relacionamentos à moda antiga. Nesses últimos, os casais e seus filhos – quando eles optam por tê-los –⁷⁰ moram juntos e compartilham das dores e delícias da convivência familiar, bem como, nada deixam a desejar aos casais que mantêm relacionamentos sólidos e duradouros com companheiros e filhos com os quais não dividem a mesma cama, casa, experiências cotidianas – os chamados casais semi-separados – os quais, segundo Bauman (2004, p. 53-54),

Tal como o trabalho ao estilo antigo, hoje dividido numa sucessão de horários flexíveis, tarefas únicas ou projetos de curto prazo, e da mesma forma que a compra ou o aluguel de uma propriedade, que agora tende a ser substituída pela ocupação time-share e pelos pacotes de fim de semana, o casamento ao estilo antigo, “até que a morte nos separe”, já desestabilizado pela coabitação, “vamos ver como funciona”, reconhecidamente temporária, é substituído pelo “ficar juntos”, de horário parcial e flexível.

No amor líquido, inicialmente, o casal busca, em geral, alcançar satisfações suficientes apenas por alguns instantes, encontros, momentos. Em seguida, está aberto e disposto a buscar essas satisfações em outros e/ou mais outros braços. A busca que os sujeitos praticantes dessa maneira de

⁶⁹ Tablets são computadores portáteis de última geração, com telas sensíveis ao toque.

⁷⁰ Os últimos censos realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam um aumento na porcentagem de casais que decidem não ter filhos. Em 2009, a taxa de fecundidade total (número médio de filhos que uma mulher teria ao final do seu período fértil) foi de 1,94 filho. Tal valor traduz o resultado de um processo intenso e acelerado de declínio da fecundidade ocorrido na sociedade brasileira nas últimas décadas. Essa redução significativa reflete a mudança que vem ocorrendo no Brasil em especial com a urbanização e com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Os níveis mais baixos da taxa de fecundidade se encontram nos estados da Região Sudeste, sobretudo no Rio de Janeiro e Minas Gerais, com valores um pouco acima de 1,60 filho por mulher (Gráfico 1.3 e Tabela 1.4) do Sul. Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009. Além disso, o Censo 2010 aponta que o Brasil tem 60 mil casais homossexuais que, em sua esmagadora maioria, não têm filhos adotivos nem biológicos.

amar faz desconstrói a ligação e a expectativa típicas do amor apaixonado, no qual a presença do ser amado era objetivo, meta, desejo. Nesse sentido, consoante Diógenes (2007, p. 29),

No amor romântico, a absorção pelo outro, típica do amor apaixonado, está integrada à orientação característica da “busca”. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro, e possui um caráter ativo. O processo de conquista do coração do outro é um processo de criação e constitui uma narrativa biográfica mútua, como a escrita de um romance. Isto, entretanto, não necessariamente ocorre no nível real, mas também no ideal. A busca estaria permeada por fantasias de que o amado completaria a existência do amante.

Distante desse modelo de busca do outro, típica do amor romântico, o amor líquido pode ser problematizado enquanto um encontro avulso de corpos que, por buscarem esgotar as possibilidades de saborear sensações eróticas, que estes corpos possam proporcionar (não idealizando continuidades nessa troca de prazer fugaz), acabam fazendo do motel a peça-chave na realização dessa satisfação. Nesse espaço do motel, longe de monitoramentos externos, podem-se experimentar comportamentos e atitudes que façam valer a pena aqueles momentos, muitas vezes intensos, porém, únicos, já que os ocupantes da suíte podem voltar ao local, com a mesma companhia ou com outra, em busca do que os corpos podem oferecer via sexo. Tomando os devidos cuidados no sentido da prevenção, o sexo, segundo a canção de Geraldo Azevedo,

É bom pra tudo
 Bom pro corpo
 Bom pra mente
 É muito bom
 Principalmente
 Para o coração
 Também faz bem
 Com chuva ou sol
 Frio ou calor
 Pra qualquer um
 De qualquer cor
 Faz bem
 Fazer
 De vez em quando
 Dia sim e dia não
 Diariamente então
 É muito bom
 No litoral, no campo
 No sertão

Em qualquer ponto
Qualquer posição
É bom, porém
Tem um porém
O sexo vint
Ouvinte agora tem
Uma concreta
Contra-indicação
Mas fora isso
É muito bom
(Sexo XX, Geraldo Azevedo)⁷¹

⁷¹ Sexo XX. Geraldo Azevedo. Disponível em: <http://letras.mus.br/geraldo-azevedo/277463/>. Acesso em nov de 2011.

4.3 - SOBRE O AMOR EM SUA FEIÇÃO ATUAL - LÍQUIDA

Quando a porta se abrir, você vai sair, e pedir que eu esqueça
 Toda vez é assim, vai fugindo de mim, quase perco a cabeça
 Quando o relógio avisa, visto a minha camisa, me escondendo da dor
 Nem bem a porta se fecha, você me esquece, no elevador
 Fica a sensação, que essa nossa paixão é um caso sem jeito
 Pra te amar outra vez, lembro o que a gente fez, te procuro no peito
 Só encontro um vazio, feito um peixe sem rio, me falta um pedaço
 Sinto então sua boca, e o meu corpo sem roupa dentro do seu abraço

Esse amor de momento, quase nunca tem tempo, é feito as pressas
 Não divide segredos, não tem paz nem sossêgo, não admite promessas
 Esse amor clandestino, faz de mim um menino, que ao dormir também chora
 E adormece querendo, te ouvir me dizendo: "Nunca mais vou embora"

(João Mineiro e Marciano)⁷²

Vivemos em um tempo de relacionamentos híbridos, ecléticos, abertos⁷³, plurais. Um tempo em que os relacionamentos são virtuais, voláteis, rotativos, fluidos e, nessa configuração, facilmente são interrompidos pelos amantes, sendo necessário apenas bloquear o contato, desconectá-lo ou selecionar a opção *off-line*. Um tempo de amores clandestinos, tal como sugere a música que abre a passagem de nossa peça – “amor de momento, feito às pressas”. Esperar que haja dedicação de tempo ou planejamento para outros encontros, decididamente, não combina com essa nova forma de amar, a líquida. Por ser líquido, o amor evapora-se e dissipa-se facilmente para aparecer, depois, entre e/ou com outros amantes, por isso mesmo, “não divide segredos”.

É pertinente ainda discutir o fato de que, embora essa abertura para relacionamentos sem vínculos saboreados por sujeitos que praticam os relacionamentos abertos indique uma nova feitura do amor, mas, que por conviver simultaneamente com relacionamentos convencionais e tradicionais são passíveis de traumas e, por vezes, terminam, inclusive, em tragédias. É o caso de um relacionamento amoroso, noticiado pelos jornais paraibanos em

⁷² Amor Clandestino. João Mineiro e Marciano. Composição: César Augusto e Marciano. Disponível em: <http://letras.mus.br/joao-mineiro-e-marciano/46580/>. Acesso em janeiro de 2011.

⁷³ Atualmente, também estão em voga os casamentos abertos, nos quais os cônjuges se relacionam sexualmente com outras pessoas, sem que isso coloque um ponto final na relação, seja motivo de desentendimento ou ainda que esta modalidade de relação seja vetada à mulher. Tanto elas quanto eles se divertem, livremente, com outros parceiros sexuais.

janeiro de 2010, entre uma mulher casada e um amante, também casado. Eles foram se divertir em um dos motéis de Campina Grande, mas ela acabou sendo morta. Embora não estejamos lendo o motel enquanto cena policial, não podemos deixar de considerar que esse espaço também apresenta essa possibilidade. Vejamos o que o jornal *O Norte* publicou:

A dona de casa Cícera da Silva, 41 anos, moradora do bairro Liberdade, em Campina Grande, foi encontrada morta por volta das 8h de ontem, na Suíte Amor Selvagem do Shop Motel, localizado no bairro do Catolé. A polícia confirmou que ela foi morta por estrangulamento e que o principal suspeito no crime é o amante da vítima, o comerciante Walter Raniere da Cunha⁷⁴, 42, que reside na Rua Riachuelo, na Liberdade, que foi encontrado no interior do quarto do motel, desacordado e com sinais de embriaguez. O suspeito está recolhido na carceragem da Central de Polícia, onde não quis falar com a imprensa. O exame cadavérico realizado pela Unidade de Medicina Legal confirmou a morte por asfixia mecânica por esganadura, o que aponta que a vítima foi assassinada. Walter Raniere é casado, pai de três filhos e há cerca de seis meses mantinha um relacionamento extra conjugal com Cícera da Silva, que também era sua vizinha. (fonte: http://www.jornalonorte.com.br/2010/01/05/diaadia8_0.php_consulta_em_14/12/2011)⁷⁵

Para esses amores de momento, as suítes dos motéis, de maneira conveniente, quando os interessados as ocupam, se apresentam de portas fechadas para acarinhar, camuflar e acomodar relacionamentos constantemente abertos que, por não apresentarem amarras, são cada vez mais praticados. As pessoas envolvidas nesse tipo de relacionamento buscam, convenientemente, experimentar os prazeres momentâneos em detrimento de vivenciar as tensões e os conflitos corriqueiros do cotidiano dos casais. Segundo Bauman (2004, p. 9)

Desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir.

⁷⁴ No último dia 28 de fevereiro do corrente ano, o réu, após ser julgado em júri popular, foi condenado a nove anos e seis meses de prisão pelo assassinato da amante.

⁷⁵ Disponível em: http://www.jornalonorte.com.br/2010/01/05/diaadia8_0.php_consulta_em_14/12/2011)

Bauman (op. cit.) também afirma que o amor surge do nada e, em boa parte das vezes, esse sentimento não é passível de explicação, precisa apenas, muitas vezes, ser entendido e vivido dentro de um contexto cultural e tempo histórico sem que sobre ele pese as censuras dos sujeitos que amam dentro de modelos convencionais típicos de laços afetivos que se adequaram à sua geração e que, embora ainda existam, convivem com novas modalidades relacionais.

Além dos relacionamentos fluidos, momentâneos e passageiros, não podemos deixar de mencionar os amores inéditos, virtuais, que contam com toda uma publicidade que os encoraja, estimula e seduz. Nesse tipo de amor, não se pode questionar a abertura ao trânsito de outros parceiros, de uma forma propriamente dita, uma vez que as próprias redes sociais, nas quais estes ganham vida, já dizem o formato do que está sendo saboreado – o caso do Orkut e do facebook.

Em tais redes de relacionamento, mais especificamente na seção de preenchimento de dados pessoais, há a opção de caracterizar o relacionamento como “relacionamento aberto”, naturalizando, assim, a feição múltipla e passageira das relações afetivas contemporâneas, já que, ao aceitar o que está sendo postado no perfil do parceiro, o outro(a) está pactuando que assim será. Dito de outra maneira, poderíamos inferir que, nesses amores da *web*, não há nada fora do texto, ou seja, os laços são tão frágeis que, quando a conversa é encerrada e a janela virtual é fechada, a afetividade recém-construída também é diluída, pois, segundo Bauman (2004), nesses namoros em rede, a conveniência é a única coisa que conta.

Na atualidade, percebemos a fluidez dos relacionamentos sexuais e amorosos, que começam e terminam na mesma facilidade e velocidade, às vezes sem traumas, noutras, sem cobranças ou vínculos duradouros. Como afirma Bauman (2004), “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. Em outros termos, amar/fazer amor tornou-se uma prática tão recorrente entre parceiros variados que, tão logo a relação momentânea seja finalizada, os sujeitos, instantaneamente, começam a amar e a fazer amor com outros sujeitos, tendo sempre em mente que, ainda que tenha sido intenso e delicioso, aquele momento pode não se repetir com os mesmos corpos, que passarão a se entender, receber e proporcionar prazer a outros indivíduos.

Discutindo essas experiências amorosas múltiplas, Bauman (2004, p. 19) afirma

Em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. Não devemos nos surpreender se essa suposição se mostrar correta. Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização.

Nesse contexto, os motéis cumprem, na atualidade, um papel importante de facilitadores e viabilizadores do exercício prático do amor, tal como ele se apresenta neste momento: amor, sinônimo de sexo. O que no amor romântico era mais relacionado aos sentimentos, atração e afeição, agora, vem sendo construído, culturalmente, com uma aceitação de seu caráter volátil, de sua forma carnal, libidinosa e passageira. Versando sobre esse aspecto instantâneo dos relacionamentos afetivos, Bauman (2007, p. 21-22) assegura que

E assim é numa cultura consumista como a nossa que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de segurança total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço.

Desejando, traindo e sendo traído, amando e descartando esses amores, que se confundem com os corpos dos amantes, os indivíduos desta escrita usam o cenário do motel enquanto palco privilegiado e atraente para encenar seus próprios enredos, suas próprias histórias. São atores da vida real que fazem seus corpos bailarem, protagonizando com seus personagens da vida, nem sempre cintilante, mas sempre “real”, já que

O real – longe de ser o mais concreto, o mais possível de ser conhecido e apreendido; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser conhecida – seria o que escapa à compreensão. O

real seria a vida pura, a vida crua, seria o informe; seria o que sempre aparece construído precariamente; seria o doloroso caos que podemos atolar e nos perder; seria desterritorialização absoluta, o coração selvagem da existência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.45).

Os relacionamentos contingenciais, descartáveis, estão se avolumando cada vez mais, por se adequarem às opções dos indivíduos da contemporaneidade, os quais vivem o hoje, o agora, o momento e, quanto ao futuro (em termos de continuidade do relacionamento), há muito tempo, não faz parte dos planos dos novos casais. A ideia de durabilidade é praticamente inexistente. Conforme Bauman (2001, p.187),

Os compromissos firmados não seduzem mais os sujeitos já que estes representam obstáculos para as oportunidades de amanhã e, sendo assim, quanto mais fluidos, leves e flexíveis, preferencialmente abertos, menor o risco de se incorrer em prejuízos. “Agora” é a palavra-chave da estratégia de vida, ao que quer que essa estratégia se aplique e independente do que mais possa sugerir.

Planejar o futuro a dois está se tornando algo fora de moda, de cogitação, já que os atores dessa peça teatral, sem papel definido, vivem numa sociedade na qual o que apresenta defeito, desvios, transtornos, é prontamente descartado e substituído, pois, entende-se que é mais vantajoso descartar o que apresenta falhas, defeitos e substituir por uma nova “peça”. Versando sobre essa capacidade humana de substituição daquilo que apresenta defeitos, transtornos, por algo novo, Bauman (2001, p. 186) afirma que

O mundo parece ser constituído de “caixas pretas”, hermeticamente fechadas, e que jamais, deverão ser abertas pelos usuários, nem consertadas quando quebram. Os mecânicos de automóveis de hoje não são treinados para consertar motores quebrados ou danificados, mas apenas para retirar e jogar fora as peças usadas ou defeituosas e substituí-las por outras novas e seladas, diretamente da prateleira. [...] como na oficina mecânica, assim também na vida em geral: cada “peça” é “sobressalente” e substituível, e assim deve ser. Por que gastar tempo com consertos que consomem trabalho, se não é preciso mais que alguns momentos para jogar fora a peça danificada e colocar outra em seu lugar.

Com as construções dos motéis, temos uma nova estética da arquitetura (tanto física quanto sentimental), voltada para o consumo do prazer sexual. Essa nova arquitetura modela a paisagem da cidade de Campina Grande, permitindo a estranhos a possibilidade de circular e viver a fluidez dos

relacionamentos nesses espaços sólidos, em vinte e quatro horas por dia. Diz Bauman (2009, p. 33), “Na paisagem urbana, os ‘espaços interditados’ se tornam marcos de desintegração da vida comunal compartilhada e localmente ancorada”.

4.4 - COMO EM UM FOLHETIM: CENAS DE AMOR NO TERRITÓRIO DO OUTRO

Eles chegam juntos, entram, curtem o ambiente e, nele, a sua própria imagem refletida nos inúmeros e bem dispostos espelhos espalhados por todas as partes da suíte. Tal como uma atriz, atuando em uma cena de um folhetim, ela busca estar sempre atraente e no melhor ângulo possível para ser vista. A sós, eles despem-se num jogo de sedução presenciado apenas por seus próprios olhos. Aproveitam, de maneira intensa, o cenário que, naquele instante, exala os odores dos seus corpos perfumados, corpos estes que logo se transformam em apenas um. Em instantes, deixam esse espaço, para que o palco seja disponibilizado e novamente montado para outros *scripts*, atores, cores e ardores.

A narrativa anterior é fictícia, mas, nos ajuda a pensar no caráter rotativo do ambiente do motel e na maneira como isso repercute nas leituras desse espaço por parte de alguns de seus atores, particularmente, dos profissionais do sexo. Para estes, o motel é um não lugar, ou seja, é um espaço que, normalmente, se presta a exercitar sua indiferença com o ambiente que o cerca. Assim, de maneira ambivalente, da mesma forma que o quarto de motel é o lugar onde os indivíduos se sentem recebidos e ambientados para as práticas amorosas e sexuais, os casais não desenvolvem nenhum tipo de sentimento de pertença, de identidade, já que sua estada ali é relativamente passageira.

Inversamente ao que ocorria nos cabarés de tempos remotos – nos quais as damas da noite, muitas vezes neles residiam e faziam a vida –, os praticantes dos motéis, trabalhando ou apenas saboreando o ardor sexual nestes espaços, não se vinculam nem se ligam ao ambiente. Os quartos de motéis só fazem sentido por causa das práticas e dos praticantes, pois, cada casal ou grupo os significam de maneira particular, sem, contudo, construírem

algum tipo de ligação ou sentimento de pertença a esses espaços, territórios. Sendo assim, os motéis campinenses são espaços e, ao mesmo tempo, territórios significados pelos sujeitos, já que

Há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território. O território é uma noção que incorpora a ideia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é território. (ROLNIK, 1992, p.28).

A dinâmica do funcionamento desses espaços não permite, por diversas questões, sejam elas de ordem financeira, sejam de conveniência, a permanência por estendido limite de tempo nem a sensação de estar ali, “em casa”. Os laços de sociabilidades, que eram construídos entre as meninas dos cassinos e os cabarés, não podem ser costurados, nos espaços dos motéis, entre os garotos e garotas de programa e os seus respectivos clientes, uma vez que nem mesmo os funcionários desses estabelecimentos comerciais/sexuais mostram suas faces. Não há rostidade, nem cuidado, nem zelo entre os que dão uma passadinha nos motéis. O tempo do motel é o tempo das relações rápidas, momentâneas, voláteis, e o próprio ambiente, pela sua lógica pedagógica, desumaniza o tempo e os sujeitos. Dialogando com Bauman sobre essa questão do distanciamento entre os sujeitos e alguns lugares o mesmo afirma que

O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos. (BAUMAN, 2001, p. 122).

Os meninos e as meninas de programa não se sentem ligados a esses lugares porque não estão vinculados a esses ambientes, tal como ocorria com as vendedoras de prazer gerado pelo sexo que atuavam no Eldorado, já que os profissionais do sexo que atuam nos motéis não moram nesses ambientes. Depois de realizado o trabalho para o qual foram contratados, os meninos e meninas de programa, voltam para seus respectivos “pontos”. Os casais de namorados, amantes, ficantes, passantes, também não se vinculam ao motel, pela própria lógica de criação desse ambiente, que era a de encontros

amorosos eventuais, bem como pelo fato de que, financeiramente, os custos são muito altos e a permanência de alguém por um tempo atípico, demorado demais, pode suscitar suspeitas de que, na verdade, a pessoa pode estar se escondendo nesse casulo.

As relações afetivas mercantilizadas ou não ganham, nos motéis, um *status* de secretas, *status* este que não podia ser alcançado nos cabarés nem nos bordéis, onde os encontros realizados eram, geralmente, às vistas de todos os frequentadores ou, ainda, eram revelados em conversas entre os praticantes desses espaços.

Enquanto espaços privados, porém relativamente democratizados, os motéis não são interditados aos mais variados usuários com suas diversas opções sexuais. Eles são espaços de consumo dos que podem pagar e segregam tão somente aqueles impossibilitados de deixar no estabelecimento a quantia cobrada pelo uso, bem como os que não estão ligados pelas bandeiras dos cartões de crédito⁷⁶ e aqueles cuja faixa etária é inferior a 18 anos. Nossa afirmação quanto a certa democratização do espaço do motel respalda-se nas narrativas de donos e funcionários de motéis entrevistados. Uma de nossas interlocutoras, dona de motel, por exemplo, ao ser questionada sobre o acesso dos atores diversos ao ambiente, afirmou que o que interessa é o pagamento, não importando o perfil dos sujeitos. Vejamos o que foi dito:

Neide: Há algum tipo de discriminação, por exemplo, você restringe a entrada de algum tipo de cliente aqui?

Atena Não.

Neide. Nem sujo, nem pobre, nem feio, nem hetero, nem homo?

Atena: Não, entra aqui quem quiser e no caso que no final das contas, né... tenham condição e pague direitinho e... não badernando em canto nenhum, tudinho mas que tenha condição de quitar com o serviço que foi prestado, né. A restrição só é somente com as pessoas de menores que a gente dá muito em cima disso, né... tanto que houve até uma reunião com o pessoal dos motéis junto com o Conselho Tutelar sobre isso tudinho e verificando se realmente a gente proíbe nesse sentido. Entendeu?

Neide. E como é feito o controle?

Atena: O controle com a carteira de identidade que é a documentação que a gente pede. No início foi muito difícil, mas, assim, nada no início é fácil, né? E a gente realmente perdeu muitos clientes porque as pessoas que entram em motel ainda acham

⁷⁶ Quanto ao uso dos cartões de crédito no ato do pagamento é válido salientar que o nome do estabelecimento pode ser camuflado e pode reservar o consumidor ao usar um nome de fantasia que desvie o estabelecimento. Nossa pesquisa de campo nos apresentou esta camuflagem em vários motéis da cidade.

que...não...querem entrar sem ser nem mesmo percebidos, né? Mas isso aí gera uma questão de responsabilidade social, né? Então a gente realmente dizia: infelizmente senhor, se o senhor não puder se identificar, o senhor realmente não vai poder entrar, esse aí foi o problema que a gente teve mas o tempo foi passando e as pessoas viram que realmente num era prá poder se identificar, eu digo assim prá ter aquela pessoa presa como frequentadora do hotel, você tá entendendo? Mas sim prá um controle a respeito desse tipo de...de...do controle da questão de...da entrada do menor. Não mudou em nada a discricão, não mudou em nada, a privacidade continua sendo a mesma, a gente só ficou mais atento a não deixar que menores frequentem.

Respondendo a mesma indagação referida, Hermes (2012), ex-funcionário do Motel Delírius, afirmou-nos que

Não os três já citados⁷⁷ foram aconselhados a pedir o documento do condutor do veículo e isso inibe algumas pessoas de entrar com menores, exclusão de clientes por cor, escolha sexual, vestimentas não.

De todas as possibilidades de mudanças nos relacionamento afetivos/sexuais, promovidas pela emergência do espaço físico e pedagogizado dos motéis, ganham notoriedade as mudanças nos discursos que circulam em torno do sexo e da sexualidade. Isso ocorre porque a vida íntima dos casais, mais especificamente a sexual, durante muito tempo, se fazia impronunciável e era praticada apenas dentro da vida privada, da maneira mais discreta possível. Agora, sai da esfera privada e ganha visibilidade nas suítes dos motéis campinenses, sejam essas suítes convencionais, sejam temáticas. No caso do Shop Motel, disponibiliza-se, inclusive, um pacote especial para os casais que estiverem comemorando aniversário de namoro ou de casamento, atraindo-os, assim, não apenas com uma suíte específica – a Prova de Amor – mas também com pratos de seu cardápio, conforme atestou, em entrevista, Atena (2012), uma das donas do citado estabelecimento:

Neide: Existem pacotes oferecidos no site, né? Para pernoite...

Atena: Isso, é porque no caso, que a gente no caso pensou no caso, aniversariantes do dia ou então quem tá fazendo aniversário de casamento, a gente tem jantar a dois que basta trazer a identidade ou então a cópia ou a certidão de casamento comprovando que hoje realmente vai ser o aniversário e a gente libera o jantar prá eles, tá

⁷⁷ Nesse momento, o interlocutor fazia referência ao Shop Motel, Parque Hotel e ao Delírius, mencionados por ele em outra parte da nossa entrevista que não foi utilizada no nosso texto.

entendendo? Qualquer prato do cardápio e... assim... é uma fatia, querendo ou não que vem, que vai sempre agregar a gente, né?

É pertinente discutir, também, certas permanências de valores afetivos e relacionais tradicionais, circulando nos ambientes dos motéis. Faremos essa discussão ao problematizarmos a decoração da suíte, anteriormente exposta. Podemos perceber nessa suíte um tom romântico, com ares de pureza, uma vez que esta conta com uma decoração discreta, em tons de rosa e vermelho. Além disso, não há elementos simbólicos, como algumas telas com temas ligados aos atos sexuais que lembrem erotismo, transgressão ou qualquer feito do amor e da relação afetiva descompromissada. Seu interior é angelical e conta com uma enorme cama quadrada convencional; um colchão sobre um lastro em tom nude; um grande espelho ao lado, e não no teto; um cano que oferece a possibilidade realizar uma performance de *poledance*; uma pequena mesa de vidro para dois, que fica de frente para a banheira de hidromassagem vermelha, em forma de coração (único artefato que destoa da pureza sugerida pela decoração). A seguir, a imagem da suíte:



Fig. 4 - Detalhes da suíte prova de amor

Fonte: <www.shopmotel.com.br> Acesso em 10 janeiro de 2011.

Segundo informações que nos foram dadas por uma das funcionárias do Shop Motel, encarregada das reservas das suítes, a procura e a reserva da suíte em foco é realizada, na maioria das vezes, por mulheres. Segundo Ártemis (2012),

Com certeza, até a questão da reserva que a gente tem esse diferencial também que é a questão de você reservar e da decoração que nenhum outro motel oferece aqui em Campina. Então, quem 90% que procura são mulheres: casadas, noivas, namoradas que vêm fazer para os seus companheiros.

Algumas narrativas dos nossos entrevistados nos levam a atestar que o sexo repetitivo e rotineiro é revitalizado pelos pares casados que procuram o motel, já que, por não ser praticado dentro de casa, gera-se uma situação e sensação de fluidez, de descompromisso, quebrando, dessa maneira, a rotina que naturalmente se estabelece em relacionamentos duradouros. Dessa forma, entendemos que, para os casais casados que frequentam os motéis juntos, a casa e o motel são espaços diversamente significados pelo casal convencional, que busca apimentar e renovar seus relacionamentos. Segundo Venus (2011),

Toda vez que vou com meu marido para o motel é como se eu o conhecesse naquele momento e como se eu despertasse novamente o interesse de alguém que me olha como mulher e me deseja como se fosse uma nova conquista⁷⁸

Ao ser questionada sobre os motivos que a levavam a frequentar os motéis, Afrodite – que informou frequentar, regularmente, na companhia de seu atual marido, esse espaço – afirmou que o faz porque

São espaços privados, seguros, prazerosos, sendo o motivo principal a quebra da rotina do cotidiano. Em casa por exemplo em relação ao motel parece ser um ambiente sagrado, no motel você sente como se liberasse uma fera.

Cronos (2011), por sua vez, versando sobre a mesma pergunta a ele dirigida, afirma que: “Quando solteiro a sensação de liberdade, adrenalina. Hoje é a sensação do algo diferente do quarto e da cama de casa.”

⁷⁸ Entrevistada que se revela casada e frequentadora dos motéis ao lado do marido atual e que, segundo a mesma, em momentos anteriores ao casamento já frequentava na companhia de amigos, namorados e ficantes.

Dialogando e problematizando as narrativas das duas frequentadoras dos motéis (Venus e Afrodite), que falam livremente sobre seus passeios nesses estabelecimentos, percebemos, nitidamente, que, na contemporaneidade, atentos muito mais às necessidades de realização do desejo sexual, os corpos femininos estão, de maneira cada vez mais constante e desconcertante, fora de controle e amando nos motéis.

O sexo no motel, de maneira liberta dos grilhões da moral e da religião, não ocorre, como convencionalmente o é, apenas a dois, mas também, é possível e permitido que ocorra em grupos. Isso pode ser prontamente visibilizado a partir da análise da tabela de preços, que faz referência à ocupação das suítes por mais de duas pessoas. Nesse momento, é preciso pensar e problematizar o valor do corpo do outro, uma vez que é dito o acréscimo para a ocupação por mais de dois indivíduos. Nessa lógica do consumo, pensamos não apenas nos custos adicionais, verificados quando da estada no motel em grupos, mas também, no valor do corpo, nesse contexto. Vejamos a tabela divulgada pela internet por um dos estabelecimentos do ramo moteleiro de Campina Grande:

Tipos de Suítes	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Luxo	R\$ 58,00	R\$ 68,00	R\$ 15,00	R\$ 15,00
Sedução	R\$ 88,00	R\$ 96,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Master	R\$ 145,00	R\$ 160,00	R\$ 30,00	R\$ 30,00
Indiana II	R\$ 72,00	R\$ 80,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Temáticas com Pole Dance	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Oriental	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Pit Stop	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Amor sobre Rodas	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Árabe	R\$ 76,00	R\$ 84,00	R\$ 17,00	R\$ 17,00
Afrodite	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Pole Dance	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Prova de Amor	R\$ 83,00	R\$ 91,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Temáticas	Perm.3H	Pernoite	Hora Extra	Pessoa Extra
Medieval	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Egípcia	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Baila Comigo	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Amor de Matuto	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Lua-de-Mel	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Indiana I	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Rosa Púrpura	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Fashion	R\$ 78,00	R\$ 86,00	R\$ 18,00	R\$ 18,00
Amor Selvagem	R\$ 88,00	R\$ 98,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Black White	R\$ 88,00	R\$ 98,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Sado	R\$ 95,00	R\$ 105,00	R\$ 20,00	R\$ 20,00

** valores podem sofrer alterações sem aviso prévio. Entre em contato antes de finalizar sua reserva!*

Figura 5 – Tabela de preços das suítes do Shop Motel
Disponível em www.shopmotel.com.br

Praticantes do amor líquido não fazem a distinção entre o amor doméstico e o que era e é saboreado com parceiras sexuais profissionalizadas ou até mesmo com as companhias ligadas a relacionamentos extraconjugais, já que, liquidamente, os relacionamentos atuais são extraconjugais em suas feições e feitos.

Ganhou com o amor líquido o casal, particularmente a mulher, que conseguiu libertar-se do ambiente de alcova⁷⁹ e foi usufruir de seu próprio corpo e do de seus parceiros diversos – maridos, ficantes, amantes, companheiros e recém-conhecidos –, provando e saboreando o amor que dá prazer de maneira recíproca e em ambientes plurais.

4.5 - SCRIPTS FEMININOS NO TERRITÓRIO DO DESEJO

Para ser bem entendida, toda peça teatral precisa deixar-se perceber em seu enredo e em seus atores. Então, surge-nos a pergunta: quem são os personagens principais dos cabarés e dos motéis? Pensando na etnografia dos praticantes de ambos os espaços, levantamos outras questões: há um protagonista e atores coadjuvantes ou todos encenam com seus personagens da vida real as delícias de ser ou até não ser o que é? O que muda do cabaré para o motel?

A participação das mulheres nesses novos *scripts* sexuais revela marcas da emancipação feminina e da plena aceitação da igualdade de gêneros, uma vez que elas buscam a satisfação de seus desejos e fetiches sexuais sem nenhum tipo de culpa ou cuidados em preservar uma boa imagem, tão bem idealizada pelo mundo burguês. Atualmente, algumas mulheres optam por morar sozinhas, longe dos pais, e têm vida independente.

As entrevistas com praticantes dos motéis do sexo feminino nos permitiram encontrar com mulheres que os frequentam com seus namorados, ficantes, amigos, maridos e amantes. Algumas delas nos revelaram que construíram laços afetivos com seus pares a partir dos encontros nos motéis,

⁷⁹ Del Priore (2006, p. 238) afirma que “a alcova é o espaço das emoções mais íntimas, das explosões de choro, da leitura de cartas e de romances proibidos”.

encontros estes que, por vezes, passaram de uma aventura extraconjugal para um relacionamento formal e legalizado via casamento. Segundo Hebe (2012),

Minhas primeiras experiências nos motéis de Campina Grande ocorreram no começo da década de 1990 e era uma aventura que fazia minha mão ficar gelada e as pernas tremendo quando chegava lá (risos) eu ia com meu amante casado para o parque que era mais longe da vista das pessoas e naquela época não tinha nem aquele conjunto do IPEP e nem o cemitério que tem hoje, por isso, era difícil alguém ver a gente... depois o caso ficou sério e a gente terminou casando mesmo e agora vamos só lembrar as aventuras dos tempos que eu era solteira. Quando tá meio sem graça ai a gente vai esquentar de novo.

Na esteira de algumas mulheres francesas que deram suas contribuições ao mundo delicado e sensível das mulheres, as campinenses curtem esse mundo ambivalente dos motéis ao lado de seus amores hetero e homossexuais, visto que concebem esses palcos enquanto lócus a ser praticado por todos que dele querem desfrutar e que por eles podem pagar. Essas mulheres,

Consideradas as primeiras feministas, as “preciosas” – mulheres da aristocracia e alta burguesia, solteiras, independentes economicamente –, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças (BADINTER, 1993, p. 12 apud ARAÚJO, 2005, p. 9).

Embora nossa pesquisa discuta as práticas do amor no espaço do motel e não tenha a pretensão de dilatar a discussão em torno da categoria de gênero, achamos salutar realçar nossa leitura sobre a abertura de possibilidades oferecidas às mulheres que, longe das coxias, desejam viver plenamente seus amores e ardores sexuais. Pensamos dessa forma porque, ao visitar as literaturas que versam sobre a presença feminina nos cabarés, não encontramos referências à presença feminina na zona, enquanto consumidoras do amor pago à disposição nos bordéis, clubes e cassinos. A presença do corpo feminino na zona era tipicamente marginal e era também impronunciável que uma moçinha considerada “direita”, respeitável, pudesse circular nesses ambientes.

Esse tom revelador imiscuía a presença das mulheres não-prostitutas ou profissionais do sexo na zona, já que a própria presença desses corpos circulando nesses recintos sugeria que estas eram desvirtuadas moralmente e que, por isso mesmo, estavam também à disposição dos consumidores do sexo pago, uma vez que não estavam no rol das senhoritas respeitáveis e, sim, no leque das desfrutáveis, à disposição.

Nos últimos anos, dadas as mudanças em torno da igualdade de gênero e a busca incessante pela satisfação dos desejos sexuais, as mulheres não apenas são convidadas para encontros amorosos nos motéis, elas exigem que estes ocorram e com um significado especial, visto que, por vezes, a ida significa comemoração de datas marcantes de suas vidas. Podemos atestar essa realidade de pelo menos duas maneiras: primeira, pela existência da suíte Lua de Mel – casais que comprovem aniversário de casamento ou aniversariante do dia desfrutam de pratos gratuitos nessa suíte oferecida no Shop Motel –; segunda, pela narrativa de Eros (2012), que afirmou que “chegar o aniversário de casamento e meu filho não levar minha nora para o motel, é uma briga”. A seguir, apresentamos a propaganda que visa atrair os aniversariantes para o Shop Motel:



Fig. 6 - Propaganda exibindo a cortesia de jantar para os aniversariantes do dia ou aniversário de casamento.

Fonte: <www.shopmotel.com.br>. Acesso em nov 2011.

Inversamente ao que ocorria em outros espaços voltados ao prazer sexual, como os cabarés, o motel permite, por seu sigilo e reserva a presença de todos os gêneros e, como as mulheres estão cada vez mais libertas dos discursos sexistas e emancipadas economicamente, elas podem gozar dos benefícios que sua autonomia financeira oferece; estão, inclusive, consumindo cada vez

mais os motéis campinenses, em pés de igualdade em relação aos homens. Pensando no fim dos discursos sexistas e na própria bandeira da igualdade entre os gêneros, Araújo (2005, p. 50) afirma que

nos dias de hoje, pelo menos nas sociedades ocidentais, homens e mulheres estão se distanciando dos modelos estereotipados de gênero e desenvolvendo novas formas de subjetividade, livres do imperativo das divisões traçadas pelas representações sociais até então vigentes. A idéia de que existe um modelo masculino ou feminino universal não se sustenta mais. Sob a égide da pluralidade e da singularidade, surgem diferentes *modos de ser* da masculinidade e da feminilidade que convivem, de forma já não tão conflituosa, com as matrizes hegemônicas de gênero ainda existentes. Neste cenário, conforme já apontamos em outro estudo (Araújo, 1999), abre-se a possibilidade *concreta* de construir relações de gênero mais democráticas, nas quais o direito à igualdade e o respeito à diferença são as pedras angulares. Não é demais afirmar que esse continua sendo o *ideal* de relacionamento perseguido no casamento e na família desde a modernidade.

A mulher frequentadora dos motéis saboreia uma nova modalidade de prazer que já se inicia na aceitação dos convites para encontros amorosos nesse lugar – especialmente idealizado para o consumo e o usufruto do prazer corporal – ela se realiza, parcialmente, ao montar uma performance, um figurino que potencialize as emoções e sensações, sensações estas que, muitas vezes, vão encontrar na presença no motel apenas o ponto de culminância do prazer sexual. Os preparativos para o encontro já compõem, dessa maneira, o deleite sexual. Para Giddens (2004, p. 92),

O êxtase do orgasmo é um momento de triunfo e também de libertação física e emocional; mas muitas experimentam um êxtase também ao se repararem para um encontro sexual, quando se sentem particularmente despertas e até eufóricas.

Sabemos que, durante muito tempo, cerceou-se da mulher o direito de escolher e trocar corriqueiramente de parceiro sexual sem sofrer maledicências. O casamento, ainda que não satisfizesse a mulher e não lhe trouxesse felicidade e gozo, era geralmente único e nele ela estava enclausurada por toda uma vida, poderíamos dizer, inclusive, sem descobrir o que era o prazer sexual, o orgasmo, a ela não era permitido, sem reservas e exclusões, a passagem de uma vida de angústias (para algumas), a de uma

busca, sem culpa, de felicidade a partir de um novo relacionamento. Nessa esteira, Giddens (2004, p. 16) afirma

É claro que sempre houve uma minoria de mulheres para as quais foi possível a variedade sexual, e também uma certa proporção de igualdade. Mas, em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas e as “mulheres perdidas” só existiriam à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a “virtude” tem sido definida em termos da recusa de uma mulher de sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante.

Transitando pelos motéis, libertos da dominação sexual machista, garotos e garotas, sejam eles de programa⁸⁰ ou não, na busca pela satisfação sexual, embalam seus amores, exalam seus odores, se igualam, nivelam e aproveitam-se uns dos outros. Muitas vezes fazem isso sem culpa, de maneira recíproca, longe do juiz, do médico e do padre⁸¹ e dos estereótipos, estigmas, etiquetas ou rótulos. Em outras palavras, eles agem sem se preocuparem com as imposições de regras sexuais convencionais, culturalmente construídas e assim o fazendo exercitam a sexualidade de maneira livre, acumulando experiências que, especialmente no caso das mulheres, não as desqualificam mais e, muito pelo contrário, as mostram como pessoas mais atraentes e desejadas. Versando sobre essas questões inerentes à vida sexual na atualidade, Giddens sustenta que:

A maior parte das pessoas, homens e mulheres, chega atualmente ao casamento trazendo com elas uma reserva substancial de experiência e conhecimento sexual. Para elas não é abrupta a transição entre os encontros furtivos desajeitados ou ilícitos e a sexualidade mais segura, mas também com uma frequência mais exigente do leito nupcial. Os casais recém-casados de hoje são em sua maioria experientes sexualmente e não há período de aprendizagem sexual nos primeiros estágios do casamento, mesmo quando os indivíduos envolvidos não viveram um com o outro previamente (GIDDENS, 2004, p 21).

É válido salientar que, até o século XIX, muitas mulheres concebiam a sexualidade como algo a fazer parte de suas vidas apenas após o casamento e

⁸⁰ Estamos nos referindo aos profissionais do sexo, já que, atualmente, a ideia de fazer programa também está relacionada aos encontros casuais entre os amigos, em diversas modalidades de diversão, como sair para danças, lanchar, conversar, ficar, namorar, paquerar, etc.

⁸¹ O discurso jurídico, religioso e médico-higienista regulou, até a primeira metade do século XX, os comportamentos sexuais.

como algo a ser, por vezes, apenas suportado. No entanto, nas últimas décadas, observamos algumas mudanças na sexualidade feminina, uma vez que estas, segundo Giddens (2004, p. 122), “Esperam receber e proporcionar prazer e muitas começam a considerar uma vida sexual compensadora como requisito chave para um casamento satisfatório”. E continuando esse diálogo este autor afirma que:

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem” ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais (GIDDENS, 2004. p. 25).

As relações afetivas mais recentes nos permitem dizer que há certo reordenamento e reconfiguração do amor que, líquido, passa a estar dissociado dos laços de afetividade e das emoções e ligado muito mais à satisfação dos desejos físicos, eróticos e sexuais dos corpos, deixando de lado o coração e o amor intenso. As ligações fluidas são sexuais, corporais, erotizadas, carnavais e, eventualmente, pessoais, amarradas em compromissos, estabilidade. Se buscarmos entender essas relações a partir de dados oficiais, verificaremos que tais dados ratificam nossas afirmativas, pois apontam que o número de solteiros vem aumentando significativamente entre um censo e outro, conforme os gráficos a seguir:

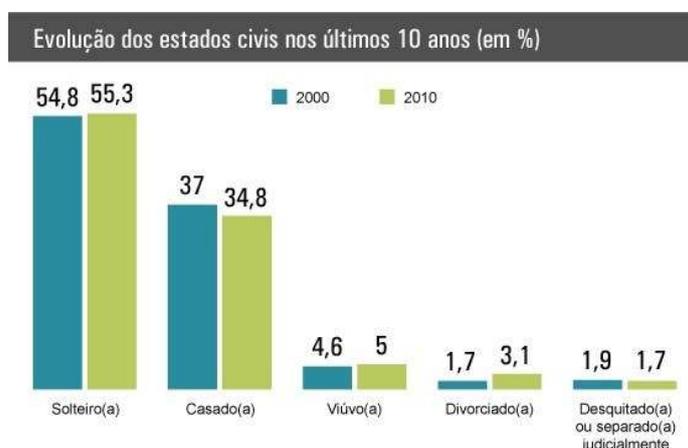


Fig. 7 – Evolução dos estados civis no Brasil nos últimos 10 anos

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)



Fig. 8 – Evolução dos estados conjugais no Brasil nos últimos 10 anos

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os números apontam para o fato de que os solteiros, em percentual, aumentam nitidamente; os casados decrescem numa proporção ainda maior; e, simultaneamente, nossa pesquisa mostra que os motéis se expandem consideravelmente. Ao mesmo tempo, o segundo gráfico evidencia as opções relacionais da sociedade brasileira: 35,4% dos brasileiros nunca viveram em união, o que indica que estes, supostamente, se envolvem afetivamente com outros sujeitos, de forma descompromissada. Para esta nova sociedade que se apresenta nos dados oficiais, surgiram novos espaços do amor para contemporâneos sujeitos amantes, que buscam consumir e ser consumidos de maneira instantânea, volátil e rotativa. Para Bauman (2007, p 21-22),

E assim é numa cultura consumista como a nossa que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de segurança total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço.

Passageiro, efêmero, contingencial, fugaz, romântico, líquido, adúltero, heterossexual, bissexual, homossexual, entre casados, namorados, amantes, ficantes e profissionais do sexo, o amor “tem feito coisas, que até mesmo Deus

duvida". Esse sentimento permitiu que se criasse, em Campina Grande, um traçado com espaços propícios às artes de amar. Por entre bares, cassinos, cabarés, pousadas, hotéis e motéis, os sujeitos se enroscaram, e se enroscam, nos corpos desejosos e desejantes de amantes à moda antiga e na feição atual.

ATO V – CONSIDERAÇÕES

Como ousa um historiador falar de espaço? Não seria essa a tarefa da geografia? Não. Os espaços enquanto criações humanas são coisas de historiador também, pois, tal como nos ensina Certeau (1990, p. 100), “espaço é o lugar praticado”. Por que, então, não falar apenas dos sujeitos ocupando os espaços criados pelos homens? Porque os sujeitos dão o tom dos espaços e sem a presença destes eles não fazem muito sentido, são carregados de descaso, abandono, não possuem alma, razão de existir.

Ao longo desta escrita, buscamos problematizar a emergência do espaço do motel em Campina Grande, enquanto um emblema da cidade atual que busca adequar-se pedagogicamente às novas feitura do amor e dos relacionamentos afetivos sexuais. Para isso, nos debruçamos nos traços caracterizadores desse amor fluido e passageiro, que se opera nas últimas décadas.

Discutimos os espaços utilizados para a satisfação do prazer sexual e, ao caminhar pela cidade, percebemos o quanto alguns desses locais guardam consigo elementos da tradição, como é o caso do Bar da Fátima – um prostíbulo em pleno funcionamento na Feira Central. Caminhando com os atores que encenam o amor pago, percebemos que, dependendo da companhia, há certa hierarquização dos locais usados para o prazer sexual, pois, conforme as narrativas de alguns praticantes, quando se trata de desfrutar do prazer sexual com uma ‘mulher qualquer’, esta pode ser levada para as pensões do centro e, no caso das mulheres com programas sexuais mais caros, aquelas que podem ser escolhidas “no álbum”, estas pedem um ambiente um pouco mais sofisticado, podendo ser, inclusive, um motel.

Ao historicizar os motéis, nos debruçamos sobre sua função original – a hospedagem rápida – e vimos que, em Campina Grande, alguns estabelecimentos, que se prestam ao prazer sexual, guardam ainda sua função inicial e, aproveitando os festejos juninos locais, são também oferecidos na condição de hotéis, conforme nos informou Atena (2012):

na época de junho, por exemplo a gente abre o hotel prá diária, pacotes para o São João e vem muita gente de outros estados e

todo ano a gente é procurado pelas mesmas pessoas que sempre vieram, quer dizer, são clientes que já ficaram pra gente. É tanto que já começaram a ligar pra saber as diárias de São João, um ligou pra cá pra saber o preço e disse assim que ficou muito caro, mas veja mesmo: o caro que a gente bota tá muito mais baratão do que os hotéis estão pedindo porque a gente não trabalha com pacote, se ele quiser passar um dia ele passa um dia ele paga aquilo ali e se ele quiser fazer pacote a gente fecha pacote, mas ele tem a opção de ficar um dia, dois dias, o que ele quiser, tá entendendo?

Ao estabelecer uma discussão sobre as práticas dos cabarés e motéis, destacamos que, embora os motéis campinenses sejam ambientes voltados para resguardar e acomodar os atores que os buscam – sobretudo pelo elemento discricção, sigilo, e pela conveniência de relações momentâneas bem como para comemoração de datas especiais nas histórias de amor dos casais –, estes guardam também traços que lembram as áreas de prostituição por estarem disponíveis para sujeitos que, usando táticas e astúcias, praticam neles a profissionalização do sexo.

Nosso texto transitou também entre os cabarés, para que pudéssemos historicizar os ambientes que cumprem o papel pedagógico de acomodar as práticas em torno da mercantilização do prazer sexual. Outras duas razões que nos motivaram a transitar nesse espaço são: primeiro, porque ainda existem remanescentes de cabarés em Campina Grande e, segundo, pelo fato de que muitos profissionais do sexo utilizam o motel – então convertido em bordel – para exercer sua atividade livremente, precisando, apenas, pagar pelo espaço consumido, o que destacamos aqui é feito pelo cliente que, desta forma, ao alimentar a prostituição e o ramo moteleiro, satisfaz suas fantasias e desejos sexuais mais íntimos.

Quando nos aventuramos por essa escrita, olhávamos uma cidade que já tinha sido historiada de muitas maneiras, por muitos escritores, mas, nosso olhar tentava alcançar o que não estava posto. Escrever uma história de Campina Grande, pensando-a enquanto cidade do prazer, inquietou-nos bastante e, assim, nossa trajetória seguiu, às vezes, os passos dos atores que desenharam essa cartografia do amor.

Nossa caminhada pela geografia dos prazeres de Campina Grande nos fez enveredar pelos cantos e recantos de uma Rainha da Borborema, que de

menina-moça virgem se fez mulher – mulher direita, mulher-dama, mulher da vida ou, cantando mais uma canção, uma vaca profana:

Respeito muito minhas lágrimas
 Mas ainda mais minha risada
 Inscrevo, assim, minhas palavras
 Na voz de uma mulher sagrada
 Vaca profana, põe teus cornos
 Pra fora e acima da manada
 Vaca profana, põe teus cornos
 Pra fora e acima da man...
 Ê, ê, ê, ê, ê,
 Dona das divinas tetas
 Derrama o leite bom na minha cara
 E o leite mau na cara dos caretas
 (Vaca Profana)⁸²

Por que essa canção enquanto última passagem da trilha sonora dessa peça que hora pausa? Estamos usando-a enquanto grito de negação e repúdio a qualquer tipo de preconceito sobre os sujeitos e objetos de estudo. Derramar o “leite mau na cara dos caretas” faz um apelo ao preço que está sendo cobrado aos preconceitos em torno da escrita de historiadores que tiveram a pretensão de sair do lugar comum da discussão em torno do amor, do prazer sexual e, por fim, do espaço do motel com seus sujeitos atores.

Em muitos momentos dessa produção, os risos maldosos e os olhares maledicentes tentaram desabonar a nossa produção historiográfica, já que esta trata de um espaço que se fez, até agora, território inexplorado. Preconceitos intelectuais, desconfiças de alguns interlocutores, olhares insinuantes de alguns atores foram o **feeling** dessa caminhada. Por isso, passados tantos apuros, podemos afirmar sobre essa escrita que, vencidos os preconceitos e depois de “tanto amar, acho que ela é bonita.”⁸³

Caminhadas pela cidade nos fizeram andar por lugares do desejo com suas particularidades, especificidades, fossem eles, estacionamentos, ruas, bares, cabarés, pousadas, hotéis e motéis dentro de certa pedagogia dos espaços destinados ao amor em seu formato romântico, líquido e mercantilizado. Ah! quantos amantes e quantas fantasias sexuais nos foram

⁸² Vaca profana. Caetano Veloso. Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44789/> . Acesso em dezembro de 2011.

⁸³ Tanto Amar. Chico Buarque. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/86062/> . Acesso em dezembro de 2011.

apresentadas nesses caminhos do desejo! A cada entrevista, uma canção nova soava em nossos ouvidos dando o ritmo dos scripts sexuais que nos foram apresentados.

Por dentro das novas instalações do território do amor (os motéis), muitos encantos se apresentaram para os ficantes, românticos e para os masoquistas que, ao fazerem doer seu corpo e o dos seus amantes, deram sentido ao casulo protetor das práticas sexuais homo, hetero e bissexuais, que se exercitam nesses estabelecimentos.

Sujeitos diversos compuseram nosso elenco e foram eles que nos ajudaram a compor nosso enredo. Desde proprietários e funcionários dos motéis até os frequentadores destes e dos remanescentes de cabarés nos permitiram, com suas narrativas, desvendar passagens da sexualidade dos campinenses que até então se mostravam silenciadas. No anonimato, ainda se mantinha um bordel moderno com meninas oferecidas aos clientes em álbum de fotografias. Esse espaço nos ajuda, desse modo, a dialogar com novos contornos de prostituição na Rainha da Borborema – meninas que vendem prazeres do dia e da noite e voltam para a vida cotidiana, sem denunciar sua atividade profissional.

Dessa forma, por guardar consigo os ranços dos espaços voltados ao meretrício, os motéis foram lidos dentro de seu caráter ambivalente, pois, são lugares de encontros de corpos em busca dos prazeres sexuais momentâneos entre contratantes e contratados. Tais espaços são, também, lugares de realização de fantasias sexuais dos “parceiros das delícias”⁸⁴, dos casais de namorados, ficantes, maridos e amantes que deles fazem uso para saborear o amor gratuito, seja ele contingencial, seja duradouro, tal como sugere o soneto a seguir:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

⁸⁴ Parceiros das delícias. Disponível em <http://letras.mus.br/geraldo-azevedo/951124/> . Acesso em 12 de dezembro de 2011.

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.
 (Vinícius de Moraes)⁸⁵

Nas palavras do poeta, o amor adequa-se, em certa medida, ao que vem sendo praticado nos motéis de Campina Grande, nas últimas décadas, já que é intenso quando da sua duração, ou seja, “eterno enquanto dure”, contudo, passageiro, contingencial e efêmero, fluido e, então, “que não seja imortal, posto que é chama”.

Esse amor se mostra intenso, mas é também passageiro, efêmero, sobretudo o amor dos ficantes, que é também egoísta por parte dos praticantes, já que, ao satisfazer aos desejos momentâneos, é libidinoso e ardente, porém, por ser chama, se apaga facilmente.

Portanto, a partir desta escrita, procuramos discutir os traçados do amor e seus espaços em Campina Grande, entre as décadas de 1970 e 2010, observando as mudanças que ocorreram nos relacionamentos e as maneiras como os novos laços afetivos que se caracterizam pelo seu caráter liberto, eventual, momentâneo e flexível, a ponto de assumidamente serem, por exemplo, relações abertas, ou seja, com trânsito livre para outros sujeitos participarem da vida sexual do casal, que não precisa se descasar, colaboraram para as mudanças na geografia dos desejos e dos prazeres.

Nossa pesquisa se insinuou no mundo acadêmico e extra-acadêmico por estabelecer um debate inédito sobre o espaço do motel. Esse ineditismo nos

⁸⁵ MORAES, Vinícius. Soneto de Fidelidade In: **Antologia Poética**. Editora do autor: Rio de Janeiro, 1960. p. 96.

penalizou bastante em virtude da limitação das fontes e da reserva de muitos sujeitos em revelar detalhes de sua vida íntima, ainda que não nos interessasse saber a intimidade propriamente dita. Dessa forma, nossa caminhada na discussão desse objeto de estudo, que começou com esta dissertação, nos excita a seguir adiante e a explorar muitos silêncios que ainda ficaram por quebrar sobre o estudo do motel.

Agradecemos ao público que participou da peça e, desde já, o convidamos para, nas próximas temporadas, nos ajudar novamente, fazendo parte dessa história, contribuindo com suas narrativas, suas críticas, seus elogios e suas orientações, compor as cenas, os cenários, os figurinos, os papéis, os espaços e, sobretudo, o enredo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.155-202.

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos Destinos de Fronteira: História, Espaços e Identidade Regional**. Recife: Bagaço, 2008.

_____. História: a arte de inventar o passado. Bauru – SP: Edusc, 2007.

_____. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da História oral. Natal, 2006. [HTTP://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval). Acesso em 07/11/2011.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. In: História n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p. 125 – 136.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e Igualdade nas relações de Gênero: Revisitando o debate. Revista de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, volume 17, p. 41, 2005

(ARAÚJO, MARIA DE FÁTIMA> **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141498932002000200009&script=sci_arttext

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcus Pincel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

_____. **Confiança e Medo na Cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____ **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BUENO, Márcio. **A Origem Curiosa das Palavras**. São Paulo: José Olímpio, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. 2.ed. 9. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARDOSO, Daniel dos Santos. **Amando Vári@s – Individualização, Redes, Ética e Poliamor**. Dissertação de mestrado, FCSH, Lisboa, 2010.

CARVALHO, Carla Baylão de. **Representação Social dos Motéis para os Brasileiros**. Monografia de conclusão do Curso de especialização em Docência e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade. Brasília, 2003.

CARVALHO, Maria da Penha F. S. A Crítica de Judith Butler às Normas que Governam Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro: ETHICA. v.17, n.2, p.81-92, 2010.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas: O Discurso Jurídico e a Moralização dos Costumes** - Campina Grande (1930-1950). Recife: UFPE, 2000 (Dissertação de Mestrado em História).

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**.2. Morar, cozinhar. 8 edição Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**.Petrópolis:Vozes, 2009.

CORBIN, Alain. **Prazeres e Odores**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 2 ed. Bauru, SP:EDUSC, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil**.São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. **História do Amor no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006

DIÓGENES, Kátia Muniz. **O Ficar: um estudo fenomenológico sobre os novos vínculos afetivos entre mulheres e homens adultos na cidade de Fortaleza**. Fortaleza, 1997. (Dissertação de Mestrado).

GEERTZ, Cliff. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2004.

GRUZINSKI, Serge. Por uma História das Sensibilidades. In PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A Tirania do Prazer.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GUIMARAENS, Dinah. CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura dos motéis cariocas: espaço e organização social.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia.** 14 edição. São Paulo: Editora José Olympio, 2000.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Thomaz Tadeu da Silva (org.).** Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HOLBWACHS, Maurice. **La Memoria Coletiva.** Zaragoza: Universidade de Zaragoza, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A Sociologia do Corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade.** Campinas-SP: Papirus, 2003.

_____. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIMA, Ronaldo Cunha. **Roteiro Sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande.** João Pessoa: Grafset, 2001.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MATTOS, André Luiz Reis. **Fotografia, memória e a diversidade das fontes históricas.** Caminhos da História, Vassouras, v. 7, n. 1, p. 19-32, jan./jun., 2011. Disponível em: http://www.uss.br/revistacaminhosdahistoria/v7n12011/pdf/002_Fotografia_morias_diversidade_%20das_fontes.pdf . Acesso em janeiro de 2012.

MEDEIROS NETA, Olívia de Moraes. **Cidade e Sociabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte - século XIX.** Natal RN, 2011. Tese de Doutorado.

MORAES, Vinícius. **Antologia Poética.** Editora do autor: Rio de Janeiro, 1960.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música: canção popular e conhecimento histórico.** *Rev. bras. Hist.* [online]. 2000, vol.20, n.39, pp. 203-221. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882000000100009>.

MOTELEIRO. **Reportagens.** Disponível em: <<http://moteleiro.com.br/materias-arquivo.asp?regid=16&prid=&sm=1>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente: Uma História do Prazer do século XVI a nossos dias.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002

NASCIMENTO, Uelba Alexndre. **O Doce Veneno da Noite: prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

OLIVEIRA, Iranilson Burity. **Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)**, 2007, p. 59. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2011.

OLIVEIRA, Neide Cordeiro de. **A Decadência dos cabarés e a ascensão dos Motéis em Campina Grande entre o final do século XX e o início do século XXI**. (Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História do Brasil, UEPB, 2004).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. 1 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PIMENTEL, Apolinário. **Sexo profissional: prostitutas disputam clientes com travestis e michês em Campina Grande**. Disponível em: <http://cipmac.blogspot.com.br/> consulta realizada em 14/12/2011.

PROIST, Antoine. **História Social e Cultural indissociavelmente**. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-Françoise (orgs). **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editora Presença, 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. **‘As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo’**. In:

Marina Haizenreder Ertzogue & Temis Gomes Parente (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ROLNIK, Raquel. **História Urbana: História na Cidade**. In: FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio. **Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos 19 e 20**. Salvador, Faculdade de Arquitetura, 1992.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas. In: **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Ideia, 2003.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Cidade e Vida Boêmia: Um passeio pelos “maus costumes”** de Campina Grande IN: Lazer permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965); UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.

SPARROWE, Raymonde T. CHONG, Kye-Sung. **Hospitalidade - Conceitos e Aplicações**. Thomsom Pioneira, 2003.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. PAIVA, Antônio Crístian Saraiva (orgs.). **Estilísticas da Sexualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

